

MARLENE DE FÁVERI

**MOÇOS E MOÇAS PARA
UM BOM PARTIDO**

**(A CONSTRUÇÃO DAS ELITES-ITAJAÍ,
1929-1960)**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
FLORIANÓPOLIS
1996**

MARLENE DE FÁVERI

***MOÇOS E MOÇAS PARA
UM BOM PARTIDO***

(a construção das elites-Itajaí, 1929-1960)

*Dissertação apresentada como exigência
parcial para obtenção do Grau de Mestre
em História à Banca examinadora da
Universidade Federal de Santa Catarina,
sob a orientação da Professora Doutora
Joana Maria Pedro.*

***UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
FLORIANÓPOLIS
1996***

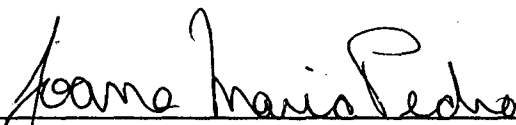
MOÇOS E MOÇAS PARA UM BOM PARTIDO

(A CONSTRUÇÃO DAS ELITES - ITAJAÍ, 1929-1960)

Marlene de Fávéri

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de Mestre em História do Brasil.

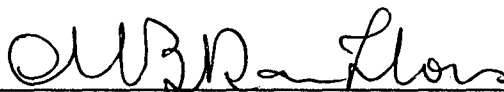
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Joana Maria Pedro - Orientadora



Profa. Dra. Maria Helena Rolim Capelato



Profa. Dra. Maria Bernardete Ramos Flores

ÍNDICE

RESUMO.....	06
ABSTRACT.....	07
AGRADECIMENTOS.....	08
INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO 1 - RE-INVENTANDO SOCIABILIDADES.....	20
CAPÍTULO 2 - PRIVATIZAÇÃO DO ESPAÇO.....	52
CAPÍTULO 3 - RITUAIS DE ESCOLHAS: A CONSTRUÇÃO DOS “BONS PARTIDOS”.....	74
CAPÍTULO 4 - DA ESFERA PÚBLICA LITERÁRIA À OUTRAS ESFERAS: O “APRENDIZADO” DOS SOLTEIROS.....	113
EPÍLOGO.....	155
FONTES E BIBLIOGRAFIAS.....	160
ANEXO 1 - PANFLETO, TEATRO GUARANI-1929.....	169
ANEXO 2 - PANFLETO, TEATRO ÁLVARO DE CARVALHO-1930.....	171
ANEXO 3 - ESTATUTOS DO BLOCO DOS XX-1930.....	173
ANEXO 4 - ESTATUTOS DO BLOCO DOS XX- 1946.....	175
ANEXO 5 - RELAÇÃO OS MOÇOS DA CLASSE A.....	184
FIGURAS - FIG. 1: BAILE DE ANIVERSÁRIO- 1941.....	85
- FIG. 2 A 8: RITUAIS DO BAILE DE GALA.....	87
- FIG. 9 A 12: MESA ‘SANTA-CEIA’ E CLASSE B.....	132
QUADRO 1 - COMPARATIVO DOS CASAMENTOS.....	140

FAVERI, Marlene de. *Moços e moças para um bom partido: a construção das elites- Itajaí, 1929-1960*. Florianópolis: UFSC, 1996. 192f. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós Graduação em História.

Orientadora: Joana Maria Pedro.

Defesa: 06/05/96.

Estudo sobre a [construção das elites], em Itajaí - 1929-1960-, com base em um clube de solteiros, onde as [sociabilidades restritas] se fazem de forma distintiva e excludente. Analisa as solidariedades e as relações sociais, políticas, econômicas, étnicas e de gêneros no interior do clube e os [códigos de civilidade] no alcance de cargos nos setores proeminentes na [esfera pública].

RESUMO

Este trabalho faz a narrativa da construção de uma fração da elite, em Itajaí, no período entre 1929 e 1960, tendo como pano de fundo um clube de sociabilidades, o Bloco dos XX. Este clube foi fundado por vinte moços, solteiros, com objetivos literários e cênicos, constituindo-se, a partir de 1937, num espaço privado, distinto e excludente, observados os códigos de civilidade e regras de boa conduta.

Através de relações econômicas, políticas, sociais, culturais, étnicas e de gêneros, os moços formaram redes de solidariedades e amizade que lhes deram oportunidade de obter cargos e funções de destaque, quer nos negócios, quer nos setores da esfera pública, onde se percebem tráficos de influências e coalizões no alcance de distinções.

Esta narrativa, para melhor encadeamento das questões, foi dividida em quatro capítulos. No primeiro, percebem-se os espaços de sociabilidades na cidade, quem eram os moços, por que e como formaram uma esfera pública literária na virada dos anos trinta. O segundo observa a reorganização do clube, suas distinções e privatização. No capítulo seguinte, o clube é visto a partir de 1937, quando passa a escolher rainhas e “misses” - observados valores morais e de honra, as construções dos gêneros, os enlances matrimoniais e os rituais praticados - tornando visíveis os “bons partidos”. No quarto e último capítulo, aparecem os discursos dos moços, suas idéias pontuadas de princípios liberais, e como se investem de um certo “aprendizado” para cargos de relevância nas esferas proeminentes da sociedade.

Enfim, esta narrativa entreolha uma fração da elite que se constrói via relações culturais e de gêneros, constituindo, na cidade, uma geografia diferenciada e peculiar.

ABSTRACT

This thesis studies the build up of an segment from 1929 to 1960 in Itajaí, focusing on a society, or club, known as the “Bloco dos XX”. This society was founded by twenty single young men with interests in scenic arts and literature, and in 1937 it became more a closed, excludent society, according to generally accepted normas of conduct, though. Through economic, political, social, cultural, ethnic and gender relations, these gentlemen built a wide net of friendship and solidarity, which opened vast opportunities in business and government affairs. Traffic of influence and coalitions arose as means to break into these opportunities.

This thesis has three chapters. The first one delineates the characteristics of Itajaí’s social environment, reports who these gentlemen were, and how and why they founded such a society by the end of the 1920’s. The second observes the reorganization and privacy distinctions. The third chapter analyses their affairs after 1937, when the club started selecting young ladies to be the club’s Queens and Misses. This chapter focuses on the social rituals developed to promote full integration between the gentlemen and the selected ladies, leading to several engagements. The last chapter analyses the gentlemen’s speeches, their liberal ideas and process of skill acquisition that allowed them to become leaders in several prominent circles of Itajaí’s society. Summarizing, this thesis studies the building up of an elite segment through the development of their cultural and gender relationships within the scope of their club. These relationships established a differentiated and peculiar geography.

AGRADECIMENTOS

Um trabalho como este não se faz só. É compartilhado com amigos, familiares, orientadores, pessoas que tem sempre algo a acrescentar, e animar. Sem o carinho deles, ficaria bem mais difícil a tarefa.

Joana Maria Pedro, obrigada pela lucidez com que me orientou, a quem devo horas de atenção, e que me as deu com um cuidado acalentador.

Ao professor Luis Felipe Falcão, que me incitou a dar o primeiro passo, e cá estou. Disso, esquecerei jamais.

Aos professores do Mestrado, Maria Bernardete Ramos Flores, Ligia Czesnat, Elio Serpa, Sérgio Schmitz, Artur Isaia, que acompanharam meu trabalho, bem como aos demais. Também ao pessoal da Secretaria do Pós-Graduação, sempre atenciosos.

Aos amigos Cristiane e José Roberto, quanta força e carinho! Ao Bento, Lourival, Rogéria, Ângela, Jô, sempre me acompanhando e me fortalecendo. Também aos colegas da Univali, e, a Tayana, que passou o último carnaval lendo este trabalho e “catando” as discordâncias verbais, nominais, e outras mais.

Professor Edison D'Ávila, sempre prestimoso; a D. Vera, Renilton e pessoal do Arquivo Histórico de Itajaí, onde passei horas e dividi perguntas, sou-lhes muito grata.

Aos protagonistas desta história: Sras. Lili Fôes, Irene Boemer, Afonsina Liberato Heusi, Zulma Pereira Saad, Zari Macedo Mussi, e Sres. Aldo Mario Cunha, Ayrton Cercal, Paulo Bauer, Arnaldo Schmitt, Carlos Afonso Seára, que prestaram valiosas informações, retiradas da memória, abrindo cortinas do tempo.

Aqueles que sofreram com a minha ausência/presente, de quem roubei horas alegres, mas que entenderam e apoiaram, Tuca e Tashi. Esta que, nos seus tenros dois e três aninhos, inúmeras vezes embalei para dormir sem abandonar os livros.

E, o que seria de mim sem a Tina? Obrigada mesmo, por dividir comigo as tarefas da casa, conferir listas de “moços”, organizar papéis, etc... etc...

A Therezinha, minha mãe, que em épocas de tantas dificuldades, não mediu esforços para que nós estudássemos, já que não teve oportunidade. Obrigada, mãe!

Ao CNPq, que oportunizou este trabalho.

INTRODUÇÃO

“O papel de parede está um pouco desbotado, é verdade, mas quase todos os retratos de família permanecem em seus lugares”.

Peter Gay¹

Este trabalho aconteceu impulsionado por perguntas que sempre me fiz em relação às mulheres, suscitadas das inquietações que por muito tempo me acompanharam, as quais tenho dito em forma de poesias, crônicas, artigos. Também, por um gosto que cultivo pelas artes literárias.

Há algum tempo, um amigo disse-me de um clube que havia encontrado nos jornais ao final dos anos vinte, onde mulheres e homens encenavam uma peça teatral. Instigada minha curiosidade, fui aos arquivos, como quem vai beber uma informação nova, e eis que encontrei o Bloco dos XX: um clube de vinte moços, solteiros, homens, surgido em 1929 na ainda pequena cidade de Itajaí, para diversões “distintas” e objetivos cênicos e literários. O que parecia no mínimo curioso, desencadeou num baú de surpresas e de inúmeras perguntas. Fui em busca deles; encontrei-as também, e aos grupos familiares, experiências, construções, enlaces, coalizões, influências, solidariedades, exclusões, enfim,

¹ GAY, Peter. A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 17

o que fez “esquentar” as diversões sociais desta fração de classe ou parcela da sociedade que esteve envolvida nas relações do clube por aproximadamente trinta anos.

A cidade de Itajaí, se pequena na época,² abrigava um Porto e, com ele, um considerável fluxo de pessoas e atividades comerciais, já que situada nas proximidades da Capital do Estado (Florianópolis) e de Blumenau, além do contato direto com centros maiores, principalmente com o Rio de Janeiro. Habitada, em sua maioria, por descendentes de portugueses, contava com uma elite de origem alemã, dividindo espaços, e, claro, poderes. Era, então, uma cidade considerada “branca”, com uma classe ascendente de imigrantes e lusos. Os moços, naquele ano que antecedia à década de trinta, estavam, então, inseridos numa cidade à beira-mar se conformando.

Tematizar um clube de elite não é, à primeira vista, um assunto inusitado: outros tantos existiram em diferentes épocas e lugares. Entretanto, os enunciados das primeiras Atas e notícias nas páginas amareladas dos jornais mostraram-me enlevos demasiadamente harmônicos para aqueles anos tensos politicamente - virada dos anos trinta, Estado Novo, II Guerra -, e aos novos valores que se instauravam nos anos cinquenta. Quem eram eles, afinal, e o que pretendiam com seu clube?

É certo que outros clubes existiram ao longo da experiência humana, onde homens e mulheres permitiram-se práticas de sociabilidades conforme as necessidades de cada grupo social - bandos, tribos, “gangs”, clubes, irmandades -, nas mais diferentes formas e objetivos. No Ceará, por exemplo, final do século passado, um grupo de vinte jovens

²Fazendo um comparativo, Itajaí possuía, em 1920, 30.353 habitantes, sendo que na cidade residiam apenas 5.250 (Cf. KONDER, Marcos. O Município de Itajaí. In: KONDER, M. e SILVEIRA JUNIOR. (orgs). Anuário de Itajaí para 1949. Itajaí: Imprensa Aurora Ltda, 1949. p. 21). No mesmo ano, a população da cidade de Florianópolis era de 41.338 habitantes; de Porto Alegre, 179.263 habitantes; e, de São Paulo, 579.033 habitantes. Recenseamento de 1920. Apud. FAUSTO, Bóris. A revolução de 1930: história e historiografia. 14a edição. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 55.

rapazes instalaram um grêmio com finalidades artístico-culturais, a Padaria Espiritual³, constando uma experiência singular.

Em Santa Catarina, encontramos registros da Sociedade Cravo Preto⁴, fundada em 1919, na cidade de Lages, também por um grupo de moços e para fins carnavalescos e literários, os quais estatuíram “deveres de civilidade que formem a lei da boa sociedade”, bem como preocuparam-se em proporcionar laços cordiais entre eles. Não há registros de quantos eram e se somente solteiros, como ocorreu em Itajaí dez anos depois.

À guisa desses exemplos, outros devem ter sido vivenciados por homens, quiçá, por mulheres. Devem, portanto, ser buscados à emergência da história social e cultural, observadas suas relações dentro e fora dos espaços privados, quer na esfera econômica, quer no setor público. É, pois, de interesse para a historiografia o clube que ora investigo, tirando-lhe os véus e trazendo-o à cena histórica.

Embora devessem existir outras Sociedades com características semelhantes, parece que o Bloco dos XX se investiu de peculiaridades, diferenciando-o daquelas com boa dose de singularidade: o clube teve em seus quadros um considerável número de sócios, mas apenas os “vinte” pertenceram à Classe A, onde adentravam apenas os “eleitos”, observados critérios de conduta moral, posição social, idoneidade, capacidade, enfim, normas diferenciadoras e excludentes.

Narrar a história do clube, e sem buscar nas suas entrelinhas uma certa postura crítica, seria apenas mero arrolamento de dados, feita com facilidade face à

³ CAMINHA, Edmilson. Padaria Espiritual: a literatura irreverente do Ceará. In: *D.O. Leitura*, São Paulo: IMESP, 10(119), abril, 1992. p.2-4.

⁴ “Estatuto do Cravo Preto”. Acervos: Fundação Cultural Daniel Thiago de Castro, Lages (Santa Catarina). Agradeço a Elio C. Serpa por esta informação.

linearidade como estão indicadas nas fontes, obviamente representadas a partir da leitura de quem as vivenciou. Nada acrescentaria sem a interpretação conscienciosa de questões, as quais, nascidas das indagações de hoje, possibilitam remontar cenários e dar sentido àquilo que ficou recôndito. Aprendemos, com a prática da pesquisa, que o “não dito” esconde tensões/excludências e por isso mesmo estão submersas. Cabe ao historiador a tarefa de preencher vazios aparentes e dar os encadeamentos necessários à compreensão de tramas e experiências que os sujeitos vivenciaram, problematizando e transcendendo conceitos herdados, renegando categorias fixas e universais.

Por esta via, é pretensão aqui juntar pistas na tentativa de remontar a experiência histórica daqueles sujeitos que se permitiram a “ousadia” de criarem um clube peculiar na cidade para a época. O que pretendo ver, através do clube e de seus moços, são as relações em que se envolveram, ou que eles mesmos forjaram, na construção de um espaço privado e “distinto”, constituindo uma determinada elite fechada e excludente, a qual proporcionou-lhes, ainda, um certo “aprendizado” para o exercício de cargos em setores e esferas mais relevantes da sociedade.

Para tanto, o olhar aqui se volta para as relações, quer sejam políticas, étnicas, econômicas, de gêneros, sociais ou culturais, e como, através delas desenhou-se uma certa geografia elitista, permitindo, assim, um melhor entendimento da história política da cidade. Convém ressaltar que esta elite vai se distinguindo dos “outros” ao assumir certas etiquetas sociais, criando, desta forma, representações próprias. Ainda, à parte de certos “deslumbramentos”, as práticas dos moços demonstram o inverso da democracia - o que não difere o clube de tantas outras Sociedades excludentes.

Ora, além dos objetivos literários e cênicos, festas, “soirées”, convescotes, etc, os integrantes do Bloco dos XX foram enfáticos na preservação do que estatuíram como “boa marcha da sociedade”. Investiram-se de “glamour” e distinções, observadas as práticas de civilidade e bons costumes, honra e bom nome, já que estavam imbuídos da idéia de criarem um espaço sadio para diversões “distintas”. Filhos que eram das “melhores famílias” de Itajaí, fizeram e aconteceram naqueles anos turbulentos, ensaiando a cidade, como o país, para uma Revolução. Era mês de agosto.

Pensando assim, seria então uma fração de classe que se anuncia, porquanto quero compreender sua geografia, o que a faz, o que objetiva, de que valores se investe, como se afirma, percebendo outras clivagens e fugindo dos paradigmas clássicos e fechados que a Sociologia, bem como a História, tem nos indicado. Portanto, vejo a classe - fração de classe - como uma relação, fazendo-se na experiência, na cultura, e remeto-me a Thompson⁵ para a apreciação das origens destas análises.

O clube apareceu em 1929, investiu-se de práticas mais apuradas de refinamento em 1937, quando passou a eleger suas rainhas e “misses”; perpassou aos anos da II Guerra e adentrou-se na década de cinquenta “segurando” as características iniciais de querer manter-se à parte das tensões e questões polêmicas - dizem que não eram discutidas aí nada que envolvesse política, vida privada, religião ou qualquer assunto que viesse a macular o bom nome da Sociedade e seus sócios. Essa suposta “leveza” como está colocada nos discursos, é leitura deles, da forma como organizaram seu mundo, o vivenciaram e interpretaram. Teriam sido tão harmônicas as relações? Ou, teria o clube sido um espaço apaziguador de tensões, resguardadas na intimidade destas relações?

⁵ THOMPSON, Edward. A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade. v 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Para entender o clube e suas relações no espaço de sociabilidades restritas que forjaram para si e seus pares, alguns autores serão utilizados e referidos na medida que me ajudam nas discussões, sem, contudo, diminuírem a forma que dei, construindo meu tema e minha crítica, a esta narrativa. São eles balizas importantes que instigam meu tema.

Pensar a privatividade exercida no interior do Bloco dos XX remete às importantes reflexões de Hannah Arendt⁶ sobre as esferas privada e pública. Para esta autora, no mundo moderno, as esferas social e política recaem uma sobre a outra, desaparecendo o abismo entre público e privado na medida em que interesses privados assumem importância pública. Sim, os moços, se exerciam papéis públicos, eram também seres humanos, e na instância privada decidiam também questões do público.

Este seleto grupo de rapazes - porque só aos homens e solteiros era permitido entrar na classe dos “escolhidos”- ao fundar seu clube, fizeram-no com fins literários e cênicos. Talvez tenham agido desta forma pois estavam com os olhos voltados para as influências externas (projetos de modernidade), constituindo, assim, um público discutidor, ou uma “esfera pública literária”. Jürgen Habermas ajuda a pensar essa esfera que fala de si e se dá publicidade, bem ao gosto do romance burguês, tematizando a subjetividade. Ainda, este autor me referencia às análises para a construção da esfera pública burguesa a partir da sociedade civil, quando, ainda no século XVIII, as discussões nos salões literários alcançaram o domínio público e reivindicaram a esfera pública política.⁷ Esse processo bem serve para pensar os solteiros, ou “moços de bom nome” que também farão percurso semelhante.

⁶ ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. p. 42 e ss.

⁷ HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da esfera pública. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

Entendo as subjetividades que vão sendo formadas no convívio social do Bloco dos XX como experiências equivalentes à intimidade, ou seja, relacionamentos entre pessoas privadas, mas que também se expõem a um público. Se a subjetividade do indivíduo está ligada à publicidade, ao ver-se, ler-se, tematizar-se, utilizando-se dos jornais, eles também resignificam seu mundo de acordo com novas sensibilidades, e estas conspiram na intimidade, na casa, no refinamento, nos códigos de civilidade, nos sensíveis canais do coração e dos sentimentos.

A privatização, surgida com a modernidade e ascensão das cortes burguesas, moldou formas novas de convivência (reuniões, clubes, instituições, pequenos grupos), e na família fez seu lugar de refúgio. Philippe Ariès situa os indícios desta privatização entre os séculos XVI e XVIII, quando as sociabilidades, ditas públicas (da praça, do pátio, da comunidade), são substituídas pelas sociabilidades restritas, isto é, dentro de determinadas classes sociais.⁸ Os padrões de sociabilidades no espaço íntimo do Bloco dos XX restringiam-se a esta fração de classe.

Regras, critérios de moral e boa conduta eram exigidos à entrada dos sócios no recinto privado do clube, e observados fora dele. Sendo assim, Foucault⁹ contribui quando nos diz que tais critérios definem as condutas do indivíduo, ou aquilo que de si próprio - prática e cuidado de si - objetivam o exercício da moral, estabelecendo relações e se reconhecendo na obrigação de pô-las em prática. Mesmo que as normatizações não fossem seguidas por todos, e possivelmente delas faziam leituras individuais, nortearam o

⁸ ARIÈS, Philippe. Por uma história da vida privada. In: ARIÈS, P. e Duby, G. História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes. V. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 8-19.

⁹ FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 2: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal Editora, 1984. p. 26 a 31.

vivenciar das pessoas na medida em que foram estatuídas. E o Bloco dos XX foi perspicaz na codificação ética dos costumes.

Os modos de conduta e comportamentos observados e exigidos dos sujeitos desta classe que se distingue, não são novos: remontam ao desenvolvimento de uma “cultura da cortesia” e gentileza, ou, como bem mostrou Norbet Elias, da “civilização dos costumes”. Este autor lembra-nos que esse “civilizar-se” não vem destituído de responsabilidades e severa autodisciplina por pressões sociais, num processo de modelagem do homem moderno.¹⁰ Isso implicou muita dor, sublimação de sentidos e controle de pulsões, e que os moços e moças, na ânsia de conquistar e/ou manter o “status”, não mediram esforços no cumprimento das normas costumeiras exigidas.

O Bloco dos XX, como vimos, era formado por moços, o que pressupõe enlaces e interesses que levaram à política de casamentos. Nas relações, eles e elas foram contruídos para o exercício de papéis idealizados, lembrando que cabia às mulheres a guarda da honra familiar. Nesse sentido, Joan Scott¹¹ menciona as construções dos gêneros, percebendo-as na cultura, numa relação binária, sendo, portanto, útil para a análise histórica dos moços e moças.

Convém esclarecer que dois autores importantes, Jürgen Habermas e Michel Foucault, são aqui utilizados. Mesmo que suas matrizes teóricas sejam diferentes, não acho que se excluam, mesmo porque os moços do clube, se eram contruídos para papéis determinados, eram também sujeitos racionais e humanos.

¹⁰ ELIAS, Norbert. O processo civilizador: uma história dos costumes. V. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

¹¹ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: Educação e realidade. Porto Alegre, 16(2): 5-22, jul/dez, 1990.

Esta é uma narrativa sobre sociabilidades de elites, sujeitos que experimentaram um modo peculiar de distinções. Lawrence Stone vê esses novos e candentes olhares para a história como os que “...dizem mais respeito às massas do que às elites”¹². Aqui, no revés deste autor, vejo esta elite se construindo nas suas relações e inventividade, sujeitos humanos ao sabor de sua teatralidade. Ora, há que se buscar os mecanismos forjados na construção desta esfera para entender as exclusões, ou seja, é afirmando uma esfera que se conhece a outra. Portanto, buscar construções de elites, nas suas relações políticas, econômicas, sociais, culturais, étnicas e de gêneros está de acordo com os novos objetos da história. Se por um longo tempo a burguesia foi vista como portadora de um caráter demoníaco, Peter Gay me auxilia ao dizer que isso se deve a vanguardistas das artes e ideologias militantes que fizeram questão de assim a caracterizar e enfatizar com desprezo.¹³ Há que se perceber as ambigüidades, mas não esquecer que elas se fazem nas relações.

* Este trabalho não tem a pretensão de procurar os sujeitos construídos pelos discursos, mas as práticas que emergem das relações, observados não só o lugar social de quem fala, mas também como, o que e para quem se refere.¹⁴ Se as práticas variam segundo determinadas épocas, cada época produz sua própria conduta e tem suas próprias práticas dentro de determinadas relações, resignificadas conforme os costumes e a cultura que lhes são próprias.

Para melhor compreender esta narrativa, a trama que segue foi construída em quatro partes. Na primeira, será observado o clube na sua fase inicial, quem eram eles e

¹² STONE, Lawrence. O ressurgimento da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história. In: Revista de História, Campinas: UNICAMP, 1991. p. 27.

¹³ GAY, Peter. Op. Cit. p. 15-16.

¹⁴ Cf. FOUCAULT, Michel. Arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

como investiram na criação de seu espaço literário. Na segunda parte, busco os moços na reorganização do clube e suas possíveis razões na privatização de um espaço seletivo e “distinto”. Em seguida, vejo-os nas suas relações, escolhendo suas “misses”, contruindo-se e sendo construídos em seus papéis, estatuindo condutas e pontuando distinções. Finalmente, observo-os através de seus discursos, nas redes de relações que investem, bem como o “aprendizado” e o alcance de outras esferas na sociedade que, dizem, o clube lhes proporciona.

Foram utilizados, na confecção desta dissertação, as Atas dos anos iniciais do clube, os Estatutos, a Edição Extraordinária - edição especial do Bloco dos XX - e jornais da época, estes que, embora fossem expressões da esfera pública, durante todo o tempo propalaram coisas do privado. Infelizmente, não foi possível encontrar a documentação oficial do clube a partir de 1937 (Atas, rol de associados, etc), a qual possivelmente foi destruída num incêndio que há alguns anos atrás acinzentou a antiga sede do mesmo. Perceberá, o leitor, que o número de sócios arrolados, os casamentos bem como a questão das gerações ficaram deficitários. Infelizmente, tais pontos poderiam ser melhor trabalhados, não fosse esse imperativo.

Mesmo com essas limitações, foi possível levar adiante o projeto. Este trabalho é o resultado de inúmeras “caças” aos jornais, rastreando nomes, funções, fragmentos a uma ou outra informação que pudesse ajudar a entender os moços e sua história. Ainda, foi possível conversar com alguns deles, outrora “solteiros”, e contactar com mulheres que foram “misses”, sendo-me de grande ajuda no desatar de alguns nós.

Nessa busca, percebo a história como um romance, um romance de um tempo e lugar onde sujeitos protagonizaram suas experiências a seu modo, em conformidade com a

cultura que vivenciaram. É das minúscias e pistas perseguidas que um historiador-narrador pode escrever um romance. Ou uma história. Portanto, permito-me à leveza das linhas e entrelinhas para contar minha história. Ou melhor, minha representação da história daqueles sujeitos - e aqui, buscando pistas em Paul Veyne¹⁵, lembro que um caminho escolhido não pode passar por toda parte, pois em história, como no teatro, é impossível mostrar tudo. Nós, historiadores, no diálogo entre as gerações, fazemos mediações. Narramos tramas e acasos, imaginamos, selecionamos, perseguimos uma trilha de itinerários possíveis, na corda bamba da linha tênue que separa a ficção da História. Mesmo assim, penso que meu diálogo com as fontes (ir e vir) pode ter (e tem) subjetividade, mas meu produto final não é apenas subjetivo: é histórico. Não é ficção. É uma narrativa histórica.

¹⁵ VEYNE, Paul. Como se escreve a história. 2ª edição. Brasília: UNB, 1983. p. 27 -30.

CAPÍTULO 1

RE-INVENTANDO SOCIABILIDADES

“Toda época cultural que apresenta em si um todo plenamente desenvolvido e estruturado não se dá a conhecer apenas no convívio político, na religião, na arte e na ciência, mas imprime também na vida social seu selo característico”

Jacob Burckhardt¹⁶

Para iniciar esta narrativa, achei importante investigar quem eram aqueles moços que, querendo divertir-se mais “folgadoamente”, criaram um clube singular e peculiar na cidade - o Bloco dos XX. Nesse sentido, procurarei, aqui, dar visibilidade aos espaços de sociabilidades na cidade da época, percebendo os valores culturais e simbólicos que aí perpassaram, as construções, discursos, apropriações e suas imbricações na história política e social. Alguns autores ajudam-me a pensar o clube, buscados à emergência das análises, sem, contudo, deixar que estes amiúdem as fontes e suas falas.

Neste primeiro capítulo será visto o clube na sua fase inicial, ao final dos anos vinte, com algumas pontes que serão melhor trabalhadas nos espaços seguintes, e que servirão para que o leitor compreenda a narrativa sem prejuízo do que está sendo dito. Utilizei, principalmente, as Atas das primeiras reuniões, jornais da época e outras obras que ajudaram a perceber cidade e o clube.

¹⁶ BURCKHARDT, Jacob. A cultura do Renascimento na Itália: um ensaio. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 261.

Um “clube de solteiros”: assim intitulavam-se os participantes do Bloco dos XX, clube este fundado em 1929, na cidade de Itajaí. Solteiros porque ao assumirem o casamento, cada membro participante perdia seu “posto”, dando oportunidade à entrada de outro, conforme critérios que veremos adiante.

Historiando sua fundação, assim se expressam:

“No dia 02 de agosto de 1929, reunidos às 20 horas da noite na sede da Sociedade Guarany, desta cidade, os jovens Erico Scheefer, José Siqueira, Aloisio Reiser, Arnaldo Heusi, Edmundo Heusi Júnior, Antonio (Rocha de) Andrade, Remaclo Seára, Paulo Bauer, Silvestre Schmitt, Nemésio Heusi, João Pery Brandão, Lucio Cyr Miranda, Beno Seára, Rui Brandão, Dr. Agenor Lopes de Oliveira, Sady Magalhães, Ary Mascarenhas, Nestor Schieffler, Paulo Malburg e Abdón Fóes - (20 jovens ao todo) - foi por este último exposto o fim daquela reunião cujo fito era fundar nesta cidade um bloco de jovens a fim de tornar mais animadas as nossas horas de folga”.¹⁷ (*)

A animação de que estavam tomados aqueles vinte rapazes, ao criarem um espaço próprio para diversões, foi registrada com a argumentação de que

“... presentemente Itajaí, além de sofrer uma crise de diversões, conta com um patenteado desânimo no seio de sua mocidade. Temos visto e presenciado em todas as festas que a atual rapaziada, cruzando os braços e ocultando seu concurso de entusiasmo, deixa o campo para aqueles que ontem animavam a nossa sociedade. E por isso mesmo é que vemos os casados dominarem com sua peculiar alegria, em todas as festas efetuadas na sociedade itajaiense.”

Assim, queriam os jovens do recém-criado clube, revitalizar o entusiasmo que outrora os agora casados vivenciaram, porquanto “... se encarregaria de oferecer à sociedade uma festa mensal, através de bailes, chás-dançantes, ‘soirées’, passeios e convescotes, espetáculos e reuniões litero-musicais, etc.”, e o intitularam Bloco dos XX “...para em todo tempo lembrar a animação de que, naquele momento, se davam possuídos

¹⁷ Ata da 1ª Reunião. Memorial do Bloco dos XX - Fundo Privado Abdón Fóes. Arquivo Histórico de Itajaí.

(*) A Grafia das fontes foi atualizada.

os seus vinte fundadores". Em seguida, dirigiram-se à Confeitaria Modelo, onde "a Diretoria¹⁸ eleita ofereceu uma farta cervejada"¹⁹

Mas, quem eram aqueles moços "bem intencionados", "elementos seletos de nossa melhor sociedade"²⁰, que criaram um espaço próprio para divertirem-se, como também partilharem com os casados os prazeres das danças e outras festas? Por certo não se reuniram aí por acaso, devendo haver laços anteriores de amizade que lhes permitia frequentar o mesmo círculo social.

Alguns deles eram filhos de famílias importantes da política local da época, tanto que sobrenomes como Heusi, Malburg, Fóes, Seára, Bauer ocuparam cadeiras na vereância e inclusive na Presidência da Câmara Municipal nos anos de 1894 a 1930²¹. Outros, eram filhos das famílias que, ainda na virada do século, na "...grande aldeia de pescadores"²², instalaram-se e fizeram fortuna através dos negócios do Porto e do mercado, sendo proprietários de casas de comércio, hotéis, ourivesaria, firmas de exportação e importação, bares, cafês, fábricas de cerveja, padarias, papelarias, farmácias, cartórios, jornais, agências de vapores, despachantes, etc, e exerciam cargos como escrivão de paz, delegado de polícia, diretorias de clubes sociais e de serviços, dentre outros, conforme anúncios em jornais da época.²³ Ainda, dentre os jovens, havia aqueles que dirigiam jornais, sendo, portanto, jovens que possuíam certa distinção social e, sendo assim,

¹⁸ A primeira Diretoria ficou assim constituída: Presidente de Honra, Dr. Agenor Lopes de Oliveira, Presidente, Sady Magalhães; Vice-Presidente, Ary Marcarenhas; Tesoureiro, Nestor Schieffler; Secretário, Paulo Malburg, e, Orador, Abdón Fóes.

¹⁹ Ata da 1ª Reunião. Op. Cit.

²⁰ Jornal O Pharol, Itajaí, 10/08/29.

²¹ D'AVILA, Edison - Pequena história de Itajaí. Tubarão, Gráfica Dehon, 1982. p. 139-141.

²² LINHARES, Juventino - O que a memória guardou. Coletânea de artigos. Arquivo Histórico de Itajaí. s/d.

²³ Dentre estes, O Pharol, O Novidades, o Tom Pouce, o Futurista, etc.

obviamente, determinadas condutas deveriam ser seguidas por conta dos nomes que carregavam e da classe a qual pertenciam.

Ora, Itajaí era, naqueles anos vinte-quase-trinta, uma pequena cidade, se comparada com outros centros maiores, mas que também vivenciara e vivenciava as aventuras da entrada de valores e práticas ansiadas por uma determinada classe, cujos projetos clamavam por distinções e sonhavam para si um lugar sano e alinhado: a elite.²⁴ E esta, à medida em que se afirmava economicamente, construía-se na esfera privada e passava a conquistar espaços na esfera pública política.²⁵ Se tais projetos passaram por uma ampla rede de transformações sociais e materiais, entendida como cultura, também mexeram com as condutas e sociabilidades.

Para situar os embates/seduções que a entrada de novos valores provocara e provocava no viver dos sujeitos, é preciso lembrar o processo que se desencadeou no aquém-mar, a partir de uma matriz européia, e que trouxe à cena outros atores sociais, portadores de novas idéias. Estes permitiram-se a reelaboração dos discursos a fim de torná-los aparatos para que essa sociedade “tupiniquim” voltasse suas práticas a maneiras mais refinadas de comportamentos e valores, instaurando aqui certos códigos de civilidade que se fizeram presentes em outros espaços, conhecido como processo civilizador,²⁶ e, na tentativa de construção do discurso da ordem.

Também, para perceber a cidade e a ascensão desta elite cujos filhos vão forjar um lugar distinto para si, convém lembrar que Itajaí ostentara, por largos anos, o privilégio de ter sido centro administrativo de todo o vale, facilitando a ascensão social de

²⁴ Sobre esse assunto, ver FÁVERI, Marlene de - Encantamento e espantos: o que (não) sonharam os homens. Itajaí: UNIVALI/Centro de Pós-Graduação, 1995. (Monografia)

²⁵ Jürgen HABERMAS fez um estudo instigante percebendo a construção da esfera pública burguesa que teve seu início na esfera pública literária, onde as discussões (nos salões) alcançaram o domínio do público e vão reivindicar a esfera pública política. Op. Cit. p. 44 e seguintes.

²⁶ ELIAS, Norbert. Op. Cit.

uma elite ligada ao comércio. A importância comercial do Porto mobilizara os sujeitos ao redor do comércio informal e do mercado, havendo, daí, a evolução para atividades de exportação e importação, já que no período de uma vintena, aproximadamente, anterior à Primeira Guerra, “o município vivenciou o começo de sua industrialização”.²⁷ A situação geográfica privilegiada - saída de um rio navegável e apropriado a um grande porto - fizera com que, nos primeiros vinte anos deste século, o Porto de Itajaí tivesse sido palco de um significativo aumento dos negócios, tornando-se, então, “o maior porto exportador de madeira”.²⁸

Para além disso, Itajaí fora porta de entrada da imigração europeia que para cá se deslocara a partir de meados do século XIX até a virada deste, sendo que algumas daquelas famílias, principalmente alemãs, aqui se instalaram para estabelecer algum tipo de negócio. Transformaram-se, depois, em “poderosos grupos econômicos da cidade, acumuladores de capital e poder”²⁹, destacando-se Nicolau Malburg, Guilherme Asseburg, João Bauer e Marcos Konder (senior). Várias daquelas famílias e seus filhos vão se projetar na política local (Asseburg, Malburg, Konder, Müller), bem como, após os anos vinte, na política estadual e nacional. Posso inferir que isso se dá através da ascensão econômica com os negócios do comércio e atividades industriais³⁰, já que o local era propício, além do contato direto com a Alemanha.

Também em Itajaí, a exemplo de outras cidades, foram feitos esforços no sentido de “disciplinar” a maneira de ser das pessoas, através de articulistas dos jornais,

²⁷ D'AVILA, Edison - *O público e o privado na fundação do ensino superior de Itajaí (1962/1970)*. Florianópolis: UFSC, 1995. Dissertação de Mestrado. p. 41.

²⁸ D'AVILA - Edison - (1982). Op. cit. p. 64.

²⁹ D'AVILA, Edison - (1995) Op. cit. p. 41.

³⁰ Ver SEYFERT, Giralda - *Identidade étnica, assimilação e cidadania: a imigração alemã e o Estado Brasileiro*. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, no 26, ano 9, Outubro, 1994. p. 117-118.

leis e Códigos de Posturas. Tentaram, assim, edificar a cidade idealizada. Entretanto, sabemos que, apesar de tantos esforços, a governabilidade não se saiu de todo vitoriosa, visto que boa parcela da população continua nas ruas mantendo relações de sobrevivência, e, cidade portuária que é, persiste com todos os embates candentes.

Voltando aos moços de quem vimos falando, estes situavam-se no seio de uma classe que galgou caminhos na esfera da troca de mercadorias e reivindicou espaços na política local. Entretanto, ao pensar a construção dessa elite, urge um olhar mais aprofundado, haja vista não termos claro quem ela realmente é.³¹ Parece aqui que a questão econômica a define, todavia, poder, riqueza, “status”, prestígio, origem podem imbricar-se, ou não; ou, que o poder político seria mais apropriado nesta definição. Ora, dizer que o poder reside nessas esferas não se esgota, mesmo porque, na Itajaí daqueles anos, observava-se uma mistura de teutos e lusos disputando espaços. Logo, posso inferir que configuravam-se elementos diferenciados de poder³² os quais poderiam passar também por relações interétnicas.³³ E, os moços, quando vinte fundadores do clube, perfazem meio a meio teutos e lusos. Estariam, eles, também dividindo espaços?

Por esta via, e ao encontro da idéia de que todos têm o poder e o exercem, mesmo que fique camuflado, é arriscado deixar de lado “.... eminências pardas, que por

³¹ O termo elite, originariamente, designa “os melhores” (optmi), percebida por largo tempo entre os historiadores nas relações entre dominantes e dominados. À época das Luzes, efetuou-se a passagem de uma nobreza hereditária para uma elite fundada na fortuna, portanto, na propriedade da terra. Primeiro pela exclusão, rejeitou os que não eram “bem nascidos”, depois, reuniu todos os que usufruíam da mesma fonte de renda, prestígio e poder, e, somado a isso, com o triunfo do Liberalismo, a coincidência entre propriedade, competência e valor, permanecendo discriminatória. Mesmo com a noção ampliada, nas sociedades atuais, a idéia de que a elite dominante tem o poder e a competência continua em pauta. Ver BURGUIÈRE, André - Dicionário das ciências históricas. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 283-286.

³² Cf. FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 11ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

³³ Não é intenção aqui fazer um estudo aprofundado das relações interétnicas ocorridas em Itajaí. Quando aparecem citadas, relacionam-se aos dados encontrados nesta pesquisa, sem esgotar o tema. Como ilustração, convém recordar que nos quinze anos que antecedem a fundação do clube, a família Konder exerceu cargos nas esferas municipal, estadual e nacional - Adolpho Konder foi Governador do Estado de Santa Catarina (1926 a 1930), Victor Konder foi Ministro da Viação e Obras Públicas (1926 a 1930), e Marcos Konder foi Superintendente Municipal (1915 a 1930).

vezes exercem mais poder que aqueles que efetivamente estão no exercício de uma função pública”³⁴. Portanto, penso essa elite se construindo, lançando mão de saberes e/ou poderes para seus objetivos.

De quais poderes investiram-se aqueles solteiros, após o feito de fundarem um clube que, seguidos depois por outros moços, seria o baluarte das diversões e distinções por aproximadamente trinta anos? O que concluir do fato de terem aí, na esfera privada, feito um certo “aprendizado”, ou uma espécie de iniciação, rumo a outros setores da esfera pública, e alguns exercendo, inclusive, cargos no setor público?

No final dos anos vinte, quando os jovens solteiros e “distintos” fizeram sua estréia, foi também o momento em que na cidade pululavam tensões. Sabemos que a crise econômica mundial, por conta da quebra da bolsa de valores em Nova York, afetou o país, além de que este estava em vias de uma Revolução. A crise política avançava pondo fim à República Velha com a ascensão de Getúlio Vargas, consolidada em 1930. Posso, pois, pensar que, sendo este um momento peculiar da história política brasileira, as elites burguesas sentiram-se ameaçadas em seus “postos”, fato este que relaciono à ascensão política de outras lideranças que não aquelas que integravam a “república velha”. Além disso, há de se considerar crescente proletarização de grande parte da população. Isso não quer dizer que tenha havido uma substituição de toda a classe dirigente, e sim que se deram também certos “rearranjos” - sabe-se que “o colapso da hegemonia da burguesia do café não conduz ao poder político outra classe ou fração de classe com exclusividade”³⁵.

³⁴ NODARI, Eunice et alii - Laguna e Lages: reformulação das condutas e sociabilidades na Primeira República. In: Revista Catarinense de História. Florianópolis: Editora Insular, nº 3, 1995. p. 9.

³⁵ FAUSTO, Bóris. A Revolução de 1930: história e historiografia. 14a edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995. p. 86.

Em Santa Catarina, por exemplo, o governador Republicano, Adolpho Konder, foi substituído pelos aliancistas, comandados pela família Ramos (Lages) e Nereu Ramos assume a interventoria, estabelecendo “...uma nova situação política entre vencidos e vencedores”³⁶, revezando-se os liberais no poder.

Mas, quais as relações destas mudanças com Itajaí? Embora distante das agitações dos grandes centros, era cidade portuária e concentrava interesses políticos fortes, sendo que os anos de 1929 e 1930 foram de intensas mudanças, quando o Superintendente Municipal, Marcos Konder, fora substituído por um interventor de indicação getulista. A Revolução, “... na verdade, abriu uma nova página na história de Itajaí, pois que propiciou o surgimento de inúmeras lideranças políticas vindas das mais diversas camadas da população itajaiense”³⁷.

Esse momento, portanto, pode significar o perigo de esfacelamento do poder político local, e parece que em momentos de crise há um acirramento das relações na união e fortalecimento das facções da classe dominante. A isso soma-se o fato de que, do ponto de vista da “classe burguesa”, a cidade vai ser dividida e organizada sobre seus pressupostos, vai passar a ver, no ‘outro’, cidadãos de segunda categoria, não portadores de regras de civilidade³⁸; estabelecerá, também, trincheiras nos espaços públicos, preservando-se nos espaços privados e cuidando para que o poder político não se dissemine.

Sem querer “achar” uma classe burguesa na Itajaí daqueles anos (o que seria mero encaixe em modelos pré elaborados), provavelmente, a elite que se construía almejou diferenciar-se, investindo em um certo estilo de vida que a aproximasse de valores já

³⁶ LENZI, Carlos Alberto Silveira. Partidos e políticos de Santa Catarina. Florianópolis: Editora Lunardelli/UFSC, 1983. p. 108.

³⁷ D'ÁVILA, Edison. (1982). Op. cit. p. 62.

³⁸ BRESCIANI, Maria Stella M. Permanência e ruptura no estudo das cidades. In: FERNANDES, Ana e GOMES, M. A. de F. (orgs.). Cidade e História: modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX. Salvador: FAU/UFBA, 1992. p. 11 a 26.

vivenciados em outros lugares. Mesmo porque pensar a burguesia enquanto classe, provoca controvérsias, como bem observou Peter Gay, analisando a experiência de burgueses na sociedade europeia do século passado.³⁹ Por mais arguto, um olhar não poderá captar tantas ansiedades e anseios da burguesia, a qual, se, por um lado, tomou consciência de si, se se definiu e se viu, dissimulando e se escondendo atrás de gestuais e regras apuradas, por outro lado, deu-se visibilidade, divulgando atos que mostravam subjetividades e intimidades. Portanto, mediante tais cuidados, posso perceber uma certa classe burguesa construindo-se, a mesma que, mesmo em momentos tensos, investe-se de cuidados e solidifica laços na tentativa de organizar seu próprio mundo. E os moços, ao que parece, privatizaram um espaço singular e construíram um mundo particular nas relações de seu clube.

Sim, não eram de paz aqueles dias. Enquanto uma classe degladiava-se em torno de substituições e nomes que iriam compor cargos na administração municipal, por ocasião da instalação do governo revolucionário, a maioria da população vivenciava o imperativo da situação. A Administração Municipal, a cargo do Tenente Quintas Maia, contraiu um vultuoso empréstimo, "... denominado de emergência, e que serviu para de pronto acudir a grande massa de desempregados que se encontravam na cidade"⁴⁰, e, o que podemos ver é um cotidiano bastante conturbado, acrescido da presença de tropas que nela se instalaram para assegurar a Revolução. Tal fato se tornava ainda mais emergente porque Itajaí, privilegiado com um Porto, facilitava, além da entrada e saída de mercadorias, a circulação de pessoas sendo também berço das lideranças do Partido Republicano, e, por isso, "tomada" por soldados.⁴¹

³⁹ GAY, Peter. Op. Cit.

⁴⁰ D'AVILA, Edison. (1982). Op. Cit. p. 62.

⁴¹ Existe uma fotografia, datada de 31/10/30, onde se vê a chegada das tropas revolucionárias em carros de guerra. Acervos do Arquivo Histórico de Itajaí.

Entretanto, isso, em nenhum momento, parece afetar os rapazes do Bloco dos XX, que, durante o ano de 1930, promoveram bailes, chás-dançantes, espetáculos teatrais, apresentaram-se na capital do Estado (Florianópolis), ao que os jornais da cidade deram intensa publicidade. Ora, filhos que eram daqueles sujeitos portadores de distinções e de facções políticas diferenciadas, fica estranho que nada os afetasse. Querendo perceber a concepção de política daqueles moços, ou como tratavam estas questões/tensões no interior do clube, a memória de um dos seus fundadores diz que “nós não fomos afetados porque não nos envolvíamos politicamente. Era só para diversão”⁴² Seria, realmente, tão distante o cotidiano daqueles homens e mulheres da população dos que se diziam “imunes” ao imperativo da situação? Possivelmente o clube era um espaço de guarda de si, onde as tensões devessem ficar fora, pois neste espaço privado, havia que manterem-se formas “civilizadas” de convívio, ou, uma espécie de privatização de um certo espaço fora de casa, onde as paixões pudessem aflorar.

Interessante observar que esses moços pertenciam às famílias que estavam divididas entre aquelas que apoiavam o Partido Liberal e Getúlio (Fóes, Bauer, Müller) e as outras que apoiavam o Partido Republicano (Heusi), fiéis aos Konder. Participaram, inclusive, do palco, encenando peças teatrais e dividindo papéis, como aparece no panfleto anunciando uma peça do “Corpo Cênico do Bloco dos XX”, em 1930. Poderia ser o clube também uma forma de integração interétnica?

Itajaí era um lugar majoritariamente habitado por lusos, quando os alemães foram chegando, a partir de meados do século XIX e se “misturando” à comunidade local, embora cultivassem sua cultura, como o Clube Caça e Tiro (dentre outras formas de sociabilidades) que aqui organizaram. Isso se faz possível perceber através das práticas

⁴² Entrevista realizada com Paulo Bauer, 86 anos. Itajaí, 13/05/95.

sociais, pois que nos clubes e associações, germânicas ou não, tanto alemães e teutos quanto lusos aí participaram das Diretorias,⁴³ o que pode ser elemento de integração (inclusive através de relações matrimoniais, como foi o caso de Marcos Konder (senior) e Adelaide Flores, em anos anteriores). Partilhando dos mesmos espaços de sociabilidades, bem como dividindo cargos públicos, essas famílias, que vão se contruindo na cidade, são as mesmas que veriam seus filhos galgarem os anais deste clube, exercendo, aí, também, cargos eletivos e decidindo questões. Nesta leitura, parece que enfrentamentos não existiram.

Entretanto, a questão étnica existiu, e o processo de integração não foi isento de tensões - enfrentamentos ocorreram, sobretudo no calor da “Guerra⁴⁴”. Pode ter havido aí uma espécie de trocas simbólicas⁴⁵, já que os europeus representavam, para os lusos, os ideais de civilidade, criando, ainda, outros laços entre estes, com possibilidades de ganhos de ambas as partes. Se por ocasião da fundação do clube, essa “mistura” se fez presente, também nas décadas seguintes de existência deste, continuou sendo uma prática, tanto na conformação dos membros do clube, suas Diretorias e sócios, quanto nos nomes eleitos para rainhas e “misses”. E, antecipando, lembro que durante a II Guerra, mediante tensões acirradas, no interior do clube continuavam dando-se relações entre personagens de diferentes origens étnicas, o que implica possibilidades ou não de haver conflitos.

Ainda, por ocasião da visita do Sr. Adolpho Konder a Itajaí, então Governador do Estado, os moços do clube decidiram, em documento datado do dia 11 de julho de 1930 (um dia antes), homenagear o visitante, e assim se expressaram:

“Exmo. Sr. Dr. Adolpho Konder

O “Bloco dos XX”, representando a mocidade itajaiense, tem a honra de comunicar a V. Exa. que, em sessão há dias realizada, resolveu unanimemente aderir ao

⁴³ Existem anúncios confirmando estas participações nos jornais O Progresso (1899-1901), O Novidades (1904-1919) e O Pharol (1904-1936).

⁴⁴ Ver FALCÃO, Luis Felipe. Itajaí vai à Guerra. In: Revista Alcance. Itajaí, v. 1, n° 3, jan/jul/95. p. 73 a 85.

⁴⁵ Cf. BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 148.

banquete que vai ser oferecido a V. Exa. a 12 do corrente, prestando, destarte, uma homenagem ao ilustre conterrâneo que tantos serviços tem prestado à terra natal e com tanto brilho pode servir de exemplo à juventude de Itajaí. Cordiais saudações".⁴⁶

Ora, a Revolução não tinha ainda acontecido - foi deflagrada em 03/10/30 -, mas as tensões já estavam postas, além de que, na fala de Paulo Bauer, ele e Abdón Fóes já vinham "trabalhando" para que o governo revolucionário tomasse corpo e a Revolução⁴⁷ acontecesse, capitaneada pelo jornal O Pharol, o qual, inclusive, divulgou o Programa da Candidatura Liberal⁴⁸. Como, militando nas fileiras do Partido Liberal, contrários ao Partido que exercia o poder e, portanto, aos Konder,⁴⁹ assinaram também o manifesto de homenagem (que foi firmado por todos os vinte, acima do nome impresso)? Deve ter havido aí, no calor das discussões, um certo "consenso" de que seria importante "aderir" ao banquete. Perguntado sobre essa "militância", Paulo Bauer nos diz que "Eram todos revolucionários! Éramos Getulistas!".⁵⁰

Convém lembrar, a respeito de tal engajamento, que em sequência aos acontecimentos, Abdón Fóes e Sady Magalhães (bloquistas) formaram, juntamente com outros sujeitos (de famílias bloquistas), o Diretório do Partido Liberal⁵¹, e, em 1933, estavam entre os fundadores do Partido Liberal Catarinense⁵². Seria um grupo impondo suas

⁴⁶ O documento encontra-se no Fundo Privado Abdón Fóes. Op. Cit.

⁴⁷ Conforme D'AVILA, "... foi Itajaí a primeira cidade brasileira não pertencente aos Estados aliancistas de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul a lançar a candidatura de Getúlio Vargas à Presidência da República". (1982) Op. cit. p. 60.

⁴⁸ Jornal O Pharol. Itajaí, 17/08/29.

⁴⁹ Em 1930, circularam alguns números do jornal A Ordem, apoiando o Partido Republicano e a candidatura de Irineu Bornhausem.

⁵⁰ Entrevista com Paulo Bauer. Op. cit.

⁵¹ FÓES, Abdón - Um pouco da história política itajaiense. In: Anuário de Itajaí-1959. Itajaí, 1959. Acervos do Arquivo Histórico de Itajaí. s/p.

⁵² Jornal do Povo, Itajaí, 29/04/37.

idéias político partidárias? Possivelmente fazendo o jogo do poder, social e político, tão evidente ainda em nossos dias...

Então, questões políticas realmente não afetavam este clube? Nas relações desses jovens, tanto neste tempo inicial, 1929/30, como nos quase trinta anos de existência do mesmo, homenagens a homens públicos foi uma prática comum, inclusive oferecendo banquetes às autoridades políticas e convidando-as para as suas festas. Como seriam vistas as atividades do clube pela esfera pública política da cidade? Adiante, abordarei isso com mais clareza.

Voltando, então, aos moços e seu clube, sabemos que estavam inseridos no seio da sociedade portadora de distinções, e mais que isso, que partilhavam conversas com pessoas que exerciam efetivamente o poder público político. O que os fez criarem o clube, para além de se sentirem enfastiados com o marasmo dos divertimentos e quererem "...fortificar este (sic) depauperado entusiasmo dos nossos rapazes, quer nas festas alheias ou nas quais comparecesse, quer em suas próprias festas"⁵³ Seria mesmo uma "crise de diversões" no meio da "rapaziada"?

Naquele final dos anos vinte, existiam em Itajaí outros clubes que congregavam a vida social, e dentre esses, a Sociedade Guarani e a Sociedade de Atiradores (Caça e Tiro), sendo que no primeiro funcionava também uma sala de espetáculos, onde se apresentavam concertos e peças teatrais. Vale lembrar que os moços que fundaram o Bloco dos XX eram os mesmos pertencentes às famílias sócias destes clubes, portanto, participavam das festividades e danças que aí se promoviam. É possível que o argumento da ausência de espaços para dançar não fosse verdadeiro, embora

⁵³ Atas da Primeira Reunião - Op. cit.

houvessem reclames de que os clubes náuticos não haviam feito os bailes de carnaval e que “os festejos do ano não lograram atingir o entusiasmo dos anos anteriores”.⁵⁴

Para além dos clubes, obviamente fundados por membros da elite, existiam em Itajaí duas salas de cinema - Cines Victória e Ideal -, cujas exibições exerciam grande fascínio não só à classe mais abastada, mas também aos populares. Faz-se de bom alvitre lembrar que ao redor do cinema surgia uma nova subjetividade: veículo de massa, passa a criar mitos, introduzir comportamentos, ditar modas e, claro, estas são articuladas em função de um sistema de significações com o qual cada sociedade e cada classe elabora seus próprios conceitos, apoiados na sua racionalidade⁵⁵. A narrativa mais rápida proporcionada pelo cinema permite uma outra leitura do mundo, transformando conceitos e maneiras de vivenciar coisas.

O cinema era um lugar de mostrar-se em público, dar-se visibilidade, provocar encontros, portanto, lugar de sociabilidades das elites, e, provavelmente, lugar de encontros de populares nos dias que lhes era “permitido” apreciar. Fora dele, mas em sua função, outros códigos eram criados: iniciava com o “footing”, prosseguia por meio da dança, e sequenciava o filme. Juventino Linhares nos diz que “Antes do início, havia sempre um estágio de espera na praça: as moças contornando o jardim, estampando no rosto a graça de seus sorrisos e os rapazes palestrando nos bancos, atentos aos olhares afetuosos de suas preferidas”,⁵⁶ e, só depois, dirigiam-se ao salão, sendo que este também funcionava como casa de shows, espetáculos teatrais e recitais de piano.

⁵⁴ Jornal O Pharol, Itajaí, 14/02/29.

⁵⁵ CASTORIADIS., Cornelius - A instituição imaginária da sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

⁵⁶ LINHARES, Juventino - Op. cit.

Diversão mais apreciada na Itajaí daqueles anos vinte, o cinema era um lugar frequentado por aqueles jovens, e, na “onda” do momento, deviam também criar seus mitos. O jornal editado pela empresa “Cinema Ideal” se encarregava, dentre os outros que também noticiavam, de avivar imagens das telas, pois que anunciava com efusivas propagandas os filmes que faziam sucesso nos centros maiores, com extensas crônicas sobre os “ídolos” e fotografias luxuosas, enfatizando as grandes figuras das telas americanas e rainhas das telas francesas. “Paris, a cidade luz, com a Rue de La Paix, com suas elegantes modas e a sedução das mulheres. Paris, com seu Folie Bergères, e a sedução dos homens”⁵⁷ - anúncios que, por certo, incitavam o imaginário daqueles sujeitos, estando, portanto, de acordo com as subjetividades que iam sendo formadas.

Somada aos clubes e ao cinema, a praia (Cabeçudas), naquele final dos anos vinte, já se constituía como um lugar privilegiado de sociabilidades das elites - processo que se iniciara ainda nos anos dez, e que, em 1927, tornara aquele um lugar benfazejo para o descanso da classe que se distinguia, em perímetro urbano. Foi quando a Administração Municipal criou Leis para arborização, saneamento e construção da Avenida Atlântica.⁵⁸ Convém lembrar que a elite itajaiense aderiu ao modismo de veraneio antes que outras cidades do litoral catarinense o fizessem. Ou seja, quando em Florianópolis a moda ficava restrita ao perímetro urbano, em Itajaí, a praia de Cabeçudas já era balneário privilegiado, primando pela elegância e, inclusive, com confortáveis hotéis.⁵⁹

Ora, lugar onde também se criam novas sensibilidades, a praia surgiu como outro espaço público, além de que também ditou modas e transformou conceitos, pois era um

⁵⁷ Jornal do “Cinema Ideal: órgão de propaganda da Empresa: Cinema Ideal”, Itajaí, 08/07/28.

⁵⁸ Atas do Conselho Municipal - P.M.I./A/L. 1926 a 1928. Arquivo Histórico de Itajaí.

⁵⁹ As praias de Santa Catarina. Folha acadêmica, julho de 1930. Apud FERREIRA, Sérgio Luiz - O banho de mar na Ilha de Santa Catarina (1900-1970). Florianópolis: UFSC, 1994. Dissertação de Mestrado. p. 114.

lugar onde as pessoas elegantes dele podiam usufruir⁶⁰, e, claro, lugar onde os moços e moças, filhos das famílias “distintas”, também podiam frequentar. Aliás, ainda hoje, Cabeçudas é vista como lugar de “descanso” das elites, sendo, inclusive, vetado o funcionamento de bares populares ou boêmios - lugar de refúgio, de casarões antigos (em sua maioria, construídos nas décadas de 40 e 50), espaço privado, mas também de visibilidade pública. Quem vive em Itajaí e partilha das história da cidade, sabe que, como “corre à boca miúda”, a famosa praia é dita popularmente como a “república de Cabeçudas”!

Existiam também os clubes de futebol: o Clube Náutico Almirante Barroso e o Clube Náutico Marcílio Dias (dentre outros), esporte este bastante apreciado na cidade, criados em 1919. Vale lembrar que o Almirante Barroso congregava pessoas de um nível social mais elevado, haja vista ser mais voltado aos torneios de regatas e que proporcionava verdadeiras “batalhas” de ioles nos domingos ensolarados, concorrendo para o entusiasmo da juventude. As torcidas eram absolutamente indispensáveis, e destas, por certo, moços e moças participavam numa parcela bastante considerável⁶¹. O jornal O Futurista expressou bem essa preferência: “Remos à proa - Regatas Intermunicipais. Nas ruas, nos cafés, nos galpões e no recesso, mesmo nos lares menos afoitos a esses entusiasmos, o assunto é o mesmo: as regatas.”⁶² Possivelmente os populares também participassem, mas era um esporte de elite. E, por falar em esportes “distintos”, também era praticado o tênis, tanto que, em 1937, o jornal A Reação divulga um torneio entre solteiros e

⁶⁰ Sobre esse assunto, ver FERREIRA, Sérgio Luis. Id. Ibidem. p. 114.

⁶¹ Ver Jornal Torn-Pouce, Itajaí, 30/09/28.

⁶² Jornal O Futurista, Itajaí, 30/09/28.

casados - Arnaldo Heusi, também bloquista fundador (ainda solteiro e ora presidente do clube), era então chamado de “príncipe tenista”, por ser exímio jogador e muito premiado!⁶³

A exemplo de outras cidades, como no Rio de Janeiro, o esporte surge em Itajaí à emergência dos princípios normativos do Programa Republicano, com o estímulo aos cuidados com a cultura física. No Brasil, esse processo se lança a partir do final do século XIX, mas, para os homens, pois para as mulheres se recomendavam exercícios de respiração com vistas à elegância, como o canto, a dança e a declamação.⁶⁴

Além desses espaços de divertimentos, e também das relações que os solteiros mantinham com outros clubes, ainda lhes era oportunizado viajar, principalmente para o Rio de Janeiro, já que os vapores faziam viagens quinzenais com cargas e passageiros. Contavam, também, com a Casa Curllim que recebia dos grandes centros revistas como a Ilustração Brasileira, Fon-Fon, O Malho, Revista da Semana, O Tico-Tico, Scena Muda, Cine Arte, Selecta, Eu sei Tudo e Leitura Para Todos⁶⁵. Ora, se ler ainda era privilégio de poucos, por certo estavam aqueles moços entre os privilegiados, os mesmos que pensaram o seu clube, escreveram peças teatrais, discutiram artes, leram e escreveram jornais. Se liam tais obras? Possivelmente havia leitores, haja vista a continuidade de anúncios nos diversos jornais da cidade.

Ao que parece, o “gosto” pelas letras e literatura remonta ao início do século, quando, conforme as memórias de Marcos Konder, apareceu em Itajaí um jovem professor chamado Tibúrcio de Freitas, cearense mas vindo do Rio de Janeiro, “e discípulo direto de Cruz e Souza”. Segundo os relatos,

⁶³ Jornal A Reação, Itajaí, 24/10/37.

⁶⁴ ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de - A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro Republicano. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p. 313.

⁶⁵ Anúncio do Jornal Cinema Ideal, Itajaí, 01/07/28.

“... era um excelente explicador e um intelectual que cativava à primeira vista. E nós, qua andávamos à cata de um guia, sem demora fomos ao seu encontro e ele nos recebeu de braços abertos.(...) Com Tibúrcio de Freitas, os Pachecos, os Conselheiros Acácios, os Padres Amaros, os Primos Basílios..Mas a lição não ficou apenas em Eça. Com ele, conhecemos Ramalho Ortigão, Oliveira Martins(...). Com ele nos familiarizamos com a sátira de Fialho de Almeida, lernos Camões, Herculano (...). Mas Tibúrcio era também um mestre na literatura francesa e nos conduziu a Víctor Hugo, a Balzac, a Saint Beuve, a Maupassant, a Zola, a Daudet, a Dumas, a Stendhal e a Pierri Loti. Com ele nos abeberamos da literatura inglesa, russa, alemã, espanhola, americana, sem falar na brasileira com Machado de Assis, Castro Alves, Luiz Delfino e Cruz e Souza. Tibúrcio foi o nosso amado mestre. Tibúrcio trouxe um pouco de cultura aos jovens itajaienses do seu tempo!”⁶⁶

Aqueles jovens que, no início do século, “beberam” o gosto pela literatura, por dedução óbvia, foram os mesmos cujos filhos inventaram o clube. Sem dúvida, uma herança importante para os literatos que Itajaí viu nascer, e que devem ter influenciado na constituição da esfera literária que criaram no final dos anos vinte.

A Confeitaria Modelo, no mesmo espaço em que funcionava um Bar e Café, para onde se dirigiram os fundadores do clube para comemorar o feito, por certo era também um lugar onde as sociabilidades se davam de maneira distintiva. Esta Confeitaria, de propriedade de Samuel Heusi, com “notável melhoramento (...) adquire uma “victrola” para deleitar os frequentadores de seu estabelecimento, substituindo, assim, pelo mais moderno e perfeito aparelho reprodutor de som, a orquestra que ali tocava aos sábados”, e que “será fartamente recompensada com a preferência ao Bar Modelo (que) continuará concedendo a família itajaiense”.⁶⁷ Da orquestra para a vitrola, este Bar parece ter sido um lugar de sociabilidades que reunia as famílias - estas que conquistaram seu espaço público de lazer - para almoços domingueiros ou jantares comemorativos. Por certo seus filhos e filhas também participavam, proporcionando-lhes, entre outros prazeres, olhares furtivos.

⁶⁶ KONDER, Marcos - O Itajaí do princípio do século. In: Itajaí. São Paulo: Escalibur, 1972. p. 33.

⁶⁷ Jornal O Pharol. Itajaí, 01/08/29.

Ainda o Bar Ideal, que se intitula lugar da elite, assim é anunciado: “Não se esqueçam: mesmo depois do cinema, o Bar Ideal é o ponto preferido da elite itajaiense. Todos os sábados: churrasco, bebidas e música. Aos domingos: bufês e macarronadas. (Tem charutos para os presentes)”⁶⁸ E, o próprio Clube Guarani, onde se davam as festas do Bloco dos XX, mantinha um bar e restaurante para os associados.

Nada consta que esses bares impedissem a entrada de populares, mas tudo indica que, mediante as distinções dos anúncios, seriam reservados para uma determinada classe - portanto, também lugares de exclusão. Richard Sennett, buscando os espaços de sociabilidades na França e Inglaterra, no século XVIII, lembra que, “como centros de informação, os cafês eram naturalmente locais onde floresciam discursos”, ou “centros de informação mais importantes da época”⁶⁹, onde também se liam jornais e falava-se de negócios. Ora, à emergência de novos códigos, as funções dos cafês também vão sendo remodeladas, entretanto, parece que em Itajaí, naqueles anos, os bares proporcionavam reuniões de amigos, que por certo palestravam trivialidades, mas também assuntos sérios dos quais não estariam alheios. Ou, por outra via, grupos privados de amigos conversando coisas do público, e ainda, num espaço público onde havia conversas privadas. Assim, possivelmente foi no Bar Modelo que surgiu o desejo e a forma de “inventarem” um espaço privado para si.

É sabido que bares e cafês, à época, eram comuns em todas as cidades, servindo como espaços de lazer para alguns, e para outros, de sobrevivência. Em Itajaí, como se vê, esses bares eram lugares de encontros onde surgiram amizades que,

⁶⁸ Id. Ibid. - 03/05/28

⁶⁹ SENNETT, Richard. O declínio do homem público: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia de Letras, 1988. p. 108.

possivelmente, depois se solidificassem. Penso, por conseguinte, que aí se formaram grupos os quais criaram laços de compromisso, e, por que não, um lugar também político. É-me possível sugerir que as amizades surgidas e solidificadas nos bares os quais frequentavam os solteiros - Modelo, Ideal - tenham sido importantes na construção do Bloco dos XX, bem como na união e solidariedade que, dizem, estiveram presentes no clube nos trinta anos seguintes. Consequentemente, posso inferir que eram lugares onde “aprendiam” a discutir coisas do público, como veremos adiante.

Posso deduzir que a “crise de diversões” talvez não fosse tão crítica face a estas e ainda outras oportunidades de divertimentos. Talvez estivessem, aqueles jovens, tentando reproduzir o que nos grandes centros já se estava representando. Era, provavelmente, uma tentativa de modernizar a cidade e incrementar as sociabilidades dentro dos parâmetros elitistas que as telas mostravam e das imagens trazidas, principalmente do Rio de Janeiro, já que viagens eram frequentes. Ou, talvez, tentaram arranjar um modo de divertirem-se longe das tensões, resguardando-se da crise política, e quiçá, étnica.

Na construção desse espaço privado para diversões, poderiam estar esses jovens “re-inventando”⁷⁰ formas de permanecer dentro de um círculo onde condutas e códigos possivelmente os distinguiriam aos olhos não só dos menos favorecidos, mas também os olhos de seus pares. Assim, capitalizariam oportunidades ao mesmo tempo em que se transformariam em “bons partidos”, podendo aí fazerem, com mais facilidade, suas escolhas para enlaces matrimoniais. Penso que, mesmo moços que não fossem tão ricos,

⁷⁰ Eric HOBBSBAWN ajuda a pensar este espaço como “re-invenção”, pois que códigos são criados a partir de normas de comportamento através da repetição, numa continuidade com o passado. Ver A Invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

possivelmente quisessem ocupar uma posição social via ganhos de “capital cultural”⁷¹, o que lhes daria prestígio, reputação e fama.

Ora, quando da apresentação do Bloco dos XX à sociedade, no primeiro baile por eles promovido, Abdón Fôes lembra: “Eu obriguei a todos aqueles moços a vir de smoking”⁷², prática esta que permaneceu enquanto durou o clube. Distinção? Impressionar? Ou fazer uma boa imagem para permanecerem dentro da mesma classe a que pertenciam, ou queriam pertencer? Se estavam construindo uma imagem, é possível que estivessem aqueles moços querendo inovar. Aliás, as festas eram glamurosas, e os rapazes, “com sua seletas reuniões sociais, vêm (sic) efetuando significativo movimento em prol do convívio mais íntimo da sociedade itajaiense”⁷³

E, quem poderia fazer parte deste grupo privado de convívio social? Ficou estabelecido que só poderiam fazer parte do clube “pessoas de reconhecida idoneidade moral” e que perderiam as “regalias sociais (...) os sócios que entorpecerem (sic) a boa marcha da Sociedade, praticando atos contrários a seus fins”; portanto, um lugar onde a privatividade fosse respeitada e os bons modos, presentes.

A julgar pela “novidade”, pelo menos na cidade, pode-se pensar que “idoneidade moral” viria por apanágio do parentesco, ser “filho de fulano”. Um sujeito idôneo sugere que tenha condições e aptidões para desempenhar certos cargos, portanto, um valor que significa competência, habilidade, capacidade de administrar, mostrar-se apto para funções futuras - e veremos como esses valores interferirão no clube e sua afirmação nas décadas que o seguem.

⁷¹ BOURDIEU, Pierre. Op. Cit. p. 135-136.

⁷² Entrevista concedida a Joana Maria Pedro. Itajai, 06/02/81. Acervo particular.

⁷³ Jornal O Pharol, Itajai, 26/02/30.

Os Estatutos⁷⁴ não dizem que é um clube exclusivo de solteiros e homens, embora esteja implícito, mas a prática existiu assim por todo o tempo até 1946, com a reforma estatutária, quando pontuaram a exclusividade. Ainda, era exigido voto secreto e obrigatório para as eleições das Diretorias, obrigando, estas, também a festejar a cada ano o aniversário do clube. Além dos vinte, outros moços poderiam entrar, desde que passassem pelo “crivo” daqueles, mas, ainda assim, sem se “misturar” aos vinte: estes, eram o grupo seletivo. Famílias, claro, poderiam associar-se, desde que estivessem dentro dos critérios de condutas e moral estabelecidos pelo clube.

Para além dos objetivos já vistos, quando criaram o clube, fizeram-no também com fins filantrópicos, “... para que não fiquem esquecidos em nossa alegria aqueles que são desprotegidos da sorte, resolvemos dar 50% da renda líquida, seja qual for a festa realizada, e que nos renda, a uma instituição de caridade (...), desejando, pois, levar aos infelizes, um pouco de conforto material”⁷⁵. E, destinam as primeiras rendas para o Hospital Santa Beatriz, Confraria São Vicente de Paula, família e viúva de Antonio Laguna, Clube Náutico Marcílio Dias, etc.

Apiedados dos infelizes, estavam também acompanhando uma prática que nos outros centros já se fazia, como no Rio de Janeiro, na Primeira República, onde as festas não excluía a filantropia. Se lá, em tais ocasiões, “misturava-se intimamente o profano ao pretexto religioso, sendo difícil separar o que era inspirado na devoção ao que constituía simples válvula de expansão e exuberância natural recalcada nos preceitos e convenções”⁷⁶,

⁷⁴ Os Estatutos foram aprovados em Assembléia Geral em 05/01/30, registrados no Registro Especial de Títulos e Documentos da Comarca de Itajahy, em 14/01/30, e publicados no jornal Itajahy, em 10/01/30. Encontra-se no Fundo Privado Abdón Fóes. Arquivo Histórico de Itajaí.

⁷⁵ Ata da Segunda Reunião, em 18/08/29- Fundo privado Abdón Fóes. Op. cit.

⁷⁶ ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. Op. cit. p. 357.

aqui, ao final dos anos vinte, não era muito diferente. Atrair o público para as festas, e, por conseguinte, obter doações, era uma maneira de “imitar” formas de mexer com as subjetividades, inclusive com a prática de falações sobre o tema durante as festas, como foi anunciada na “Conferência sobre a Caridade” numa “fidalga reunião social”⁷⁷. Se a fê pertence à esfera privada, adquire aqui um significado público, também mostrando distinções.

Se no interior do clubes do Rio de Janeiro republicano “eram representadas com frequência peças teatrais onde as próprias famílias organizadas atuavam como atores”⁷⁸, em Itajaí também a prática se fez presente. Objetivando fins literários e cênicos, naqueles dois anos iniciais do clube, várias foram as apresentações dramatizadas por componentes do mesmo, bem como por senhoritas das famílias sócias.

A bem dizer, o teatro⁷⁹ foi o chamariz inicial dos moços, tanto que criaram o “Corpo Cênico do Bloco dos XX”, para o que convidaram “valiosos elementos do teatro essencialmente itajaiense, como os Srs. Manoel Vieira Garção e Lydio (de) Souza”⁸⁰. A primeira notícia sobre o espetáculo anunciado, assim se expressa:

“A rapaziada do Bloco dos XX já está nos ensaios de sua primeira festa social.

Ao que parece, o programa dos XX vai ser uma coisa deliciosa, com “novidades” inteiramente...novas para o público pagante.

Haverá uma comédia, diversos números humorísticos e, para remate, o anunciado “Jornal Falado”, que vai ser publicado pela primeira vez em Itajaí.

Esse jornal, além de suas muitas vantagens, tem a seguinte: não cobra assinatura semestral nem anual. O leitor, isto é, o “ouvidor”, pagará apenas a entrada na porta, entra, senta-se comodamente na sua cadeira, limpa as orelhas para ouvir bem e, daí a pouco, toma em cima com artigos de fundo, notas políticas, crônica social e desportiva, crítica, folhetim, noticiário, telegramas, anedotas, anúncios, tudo enfim que constituiu um excelente jornal moderno, mas tudo isto vasado em moldes humorísticos, para fazer rir.

⁷⁷ Jornal *O Pharol*, Itajaí, 26/02/30.

⁷⁸ ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. Op. cit. p. 357.

⁷⁹ O teatro foi a segunda grande paixão do povo itajaiense, seguido das letras. Cf. D'AVILA, Edison (1982). Op. Cit. p. 75-76.

⁸⁰ Jornal *Itajaihy*, Itajaí, 10/11/29.

O público vai gostar e pedir...bis".⁸¹

Então, em 19/11/29, uma terça-feira, nas dependências da Sociedade Guarani, o Bloco dos XX foi apresentado oficialmente, discursando o jovem Sady Magalhães. Dramatizaram, então, um "Jornal Falado", com "cenário deslumbrante, guarda-roupa riquíssimo, enfim, uma orgia de luzes" (panfleto⁸²), na oportunidade em que também encenaram a comédia "Raiz Milagrosa", e foram "todos os números aplaudidíssimos (...) com uma assistência numerosa e seleta" ao que deleitaram-se com as "palmas estrondosas", abrilhantada pela Orquestra Schaeffer, e terminada com uma "apoteose à bandeira, sendo entoada por todo corpo cênico o magestoso hino",⁸³ nas palavras enfáticas do articulista.

O mesmo espetáculo foi reprisado no dia 26/11, conforme panfleto impresso:

"O Bloco dos XX, atendendo a inúmeros e insistentes pedidos, resolveu reprisar o espetáculo com que se apresentou a distinta platéia itajaiense, aproveitando o ensejo para hipotecar toda sua gratidão pelos aplausos que lhe foram dispensados em sua "première".

Participa, também, que a convite, o Sr. MARCOS KONDER, m. d. Prefeito Municipal, discorrerá sobre o 1o CENTENÁRIO DA COLONIZAÇÃO ALEMÁ, conferência esta que alcançou excepcional sucesso por ocasião do festival comemorativo, realizado no dia 16 do corrente no Teatro ALVARO DE CARVALHO, em Florianópolis. Terminará o espetáculo uma significante apoteose.

Outrossim, que a Srta. Leonor Brandão executará os seus números musicais (...)"

A presença de destacada figura do setor público, conforme o panfleto (ANEXO 1), deve ter sido importante na afirmação do clube, já que estavam investindo no reconhecimento público do seu clube. Tais relações provavelmente simbolizassem "status", legitimando aquele espaço de convívio privado perante os olhos de pessoas consideradas "distintas" pela sociedade local.

⁸¹ Jornal *Itajahy*, Itajaí, 06/10/29.

⁸² Este e outros panfletos encontram-se anexos ao Memorial do Bloco dos XX. Fundo Privado Abdón Fóes. Arquivo Histórico de Itajaí.

⁸³ Jornal *Itajahy*, Itajaí, 24/11/29.

Para além destas apresentações, outras foram encenadas e dramatizadas, no mesmo estilo, como o espetáculo “Das duas, uma”, que foi inclusive levado aos palcos do Teatro Álvaro de Carvalho (Florianópolis), em 03/05/30, “...em homenagem ao Exmo. Sr. Dr. Presidente do Estado e dedicado aos Srs. Drs. Secretário da Fazenda, do Interior e da Justiça, e Prefeito da Capital” (panfleto - ANEXO 2). Evidentemente, homenagens como estas não eram feitas sem intenções previamente pensadas, e, já que estavam eles inseridos numa esfera de relações político-sociais, melhor fazer bom uso destas!

Observando os quadros do espetáculo, participaram do palco moços e moças: eles, nos personagens de “chouffeurs”, almofadinhas, garçons, e elas, coadjuvando papéis ditos próprios para mulheres, ao piano, no “Bailado das Flores”, onde cada moça representava uma flor. Papéis estes, representados no palco como também lhes eram exigidos na vida: serem recatadas, doces, companheiras do piano, este que simboliza distinção, e mais que isso, a classe a que a moça pertencia. É possível inferir, a partir de tais representações e papéis encenados, que, nessas relações, moços construíam-se para serem homens, para o espaço público, e moças para papéis do domínio privado, para a casa e o agrado, reafirmando, portanto, os papéis de gênero vigentes.

Anne Martin-Fugier, observando os ritos da vida privada burguesa, à França do século XIX, nos diz que “O teatro amador também faz parte do modo de vida privado”, e onde, “Ao lado das charadas, outro entretenimento é encenar comédias da sociedade.”⁸⁴ Se lá, no século passado, “... as moças tocam piano para que os amigos da família se ponham a dançar, elas preservam o caráter íntimo da sociabilidade”⁸⁵, aqui, nos anos vinte-quase-

⁸⁴ MARTIN-FUGIER, Anne. Os ritos da vida privada burguesa. In: ARIÈS, P. e DUBY, G. História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. V.4. São Paulo: Companhia de Letras, 1991. p. 213 e 214.

⁸⁵ Id. Ibid. p. 215.

trinta, chás-dançantes e saraus literários, regados a piano e poesia tinham também um caráter de privacidade e intimidade. Ora, Paulo Bauer nos conta que “Alguns (dos moços) se esmeravam em decorar poesias”⁸⁶, sendo, pois, um grupo literário. Convém lembrar que as peças eram escritas por literatos da cidade, e, dentre estes, havia bloquistas, que, com certeza, discutiam os textos e acompanhavam os ensaios. Aliás, ainda hoje, Paulo Bauer tem o hábito de recitar poesias nas aberturas das reuniões do Rotary!

Ora, a poesia, a música, bem como o romance floresceram entre meados do século XVIII e fins dos século XIX como forma de arte inteiramente social, oferecendo indicações para essa relação estreita entre o social e o íntimo.⁸⁷ Esse caráter de sociabilidade restrita, tão caro às cortes burguesas de aproximadamente um século atrás, também pode ser observado nas relações que os moços e moças permitiam-se experienciar no interior do clube.

Com tais evidências, posso perceber este seletivo grupo de rapazes constituindo uma esfera que discute artes, ou seja, na medida em que se reúnem e debatem sobre textos e apresentações artísticas, declamam poesias, lêem jornais, etc, estão se constituindo um público debatedor, esclarecido ou se esclarecendo, logo, formavam uma “esfera pública literária”

Por esta via, Jürgen Habermas⁸⁸ me dá instigantes reflexões ao analisar os salões burgueses, na França e Inglaterra dos séculos XVIII e XIX, quando a esfera literária passa a fazer a crítica ao poder do Estado e, com isso, pensar a República. Ora, os moços aqui vistos se diziam “apolíticos”, mas já sabemos que, por conta do lugar que ocupavam e

⁸⁶ Entrevista com Paulo Bauer. Op. cit.

⁸⁷ ARENDT, Hannah. Op. Cit. p. 49

⁸⁸ HABERMAS, Jürgen. Op. Cit.

da classe à qual pertenciam, provavelmente discutiam para além daquilo que lhes era privado - inclusive mantendo relações de sociabilidades com sujeitos da esfera pública política, como bem demonstrei.

Para além do que já foi dito, alguns daqueles moços haviam dirigido jornais em anos anteriores à fundação do clube, e, outros, imediatamente após. Abdón Fóes, por exemplo, havia dirigido o Tom-Pouce e o Futurista⁸⁹, semanários de curta duração mas que marcaram época face às suas características peculiares para a cidade daquele tempo.⁹⁰

O Futurista apareceu como “Jornal crítico e noticioso, levemente irônico, para leitura semanal dos adolescentes desta cidade”, e

“(…) não tem nem terá intuítos de ofender quem quer que seja: é jornal de rapazes, destinado a brincadeiras que não podem melindrar, obedecendo a orientação dos pequenos semanários de crítica leve à mocidade que namora e tem da vida uma noção radiosa, divorciada da realidade das coisas.

Folha ligeira, “Futurista” não entende de finanças, nem de política, nem de outros quaisquer assuntos de aspecto grave que só podem interessar aos homens de responsabilidade na vida que passa”⁹¹.

Todo o tempo de sua existência, este jornal esteve repleto de poemas dedicados a moços e moças, bilhetes de amor trocados e divulgados, cartas apaixonadas e sofredoras⁹², lançando, inclusive, concursos como para escolha da garota mais bonita da cidade, do moço mais antipático, enfim, numa linha voltada às subjetividades e sentimentos. Ainda, esteve O Futurista, ponteadado de imagens femininas (embora elas também escrevessem bilhetes e poemas) como o “perfil de uma melindrosa” no contraponto de uma mulher “honesta”; os predicados que uma moça devia ter para ser um “tipo ideal”, realçando

⁸⁹ O jornal O Futurista durou de 25/07/26 a 10/04/27, e o Tom-Pouce, de 05/08/28 a 04/11/28.

⁹⁰ Além destes jornais, na mesma linha e com menor duração, circularam A Penna (1927), Semana Desportiva (1930), O Choro (1931) e O Careca (1931), onde aparecem moços bloquistas.

⁹¹ Jornal O Futurista, Itajai, 25/07/26.

⁹² No Jornal de 26/09/26, está uma extensa carta de amor de Gustavo Konder, dedicada à sua noiva.

riso, elegância, graça, bondade, etc. Há um conto de Nestor Heusi, intitulado “Josina”, que era doce, linda e pura, e morre no dia do casamento, e, santa, é enterrada de noiva, sugestivo pela imagem que quer construir ou reafirmar.⁹³

Em outra temporalidade e local, cartas e romances enfatizando subjetividades e sentimentos já haviam sido publicadas, à semelhança de Itajaí: o século XVIII europeu fora pródigo no terreno da intimidade e, tematizando-a, colocou em cena pública os “derramamentos do coração”⁹⁴

Obviamente, para a época, honra, boa conduta, pureza, refinamento, eram exigidos das moças e senhoras “distintas”, pois o comportamento é que lhes dava respeitabilidade. O mesmo discurso que constrói a mulher “honesta” também a transforma em “megera”, e, publicados em forma de piadas, metáforas, contos, poemas, investiam os jornais em imagens idealizadas ao mesmo tempo em que davam vistas a comportamentos que fugiam às normatizações. Esse jornal também publicava provérbios associando a mulher fútil e vaidosa à “perdição para o pai Adão, para Sansão a morte, para Salomé uma vingança (...), para o mundo uma força”.⁹⁵ Quadrinhas depreciativas como estas possivelmente fossem adaptadas de outros jornais ou folhetins, mas que, por certo, intercambiavam visões de mundo entre o que era divulgado e quem lia, ou seja, a escolha deste ou daquele artigo, para além das vontades do articulista, devesse também estar “situado no meio social que envolve o indivíduo”⁹⁶, concordando com as apropriações que deviam circular em Itajaí, na virada para os anos trinta.

⁹³ O conto está no jornal do dia 27/03/27.

⁹⁴ HABERMAS, Jürgen - Op. Cit. p. 65-67.

⁹⁵ Jornal *O Futurista*, Itajaí, 01/01/27.

⁹⁶ BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1990. p. 33.

Ainda, O Futurista divulgava anúncios de piqueniques, viagens, inúmeras propagandas de filmes, roupas da moda, elegância, cigarros, chapéus, carros da moda, etc, além de dar intensa publicidade à morte de Rodolfo Valentino, o “enfant gaté” das moças, portanto, aproximando-se das coisas modernas e dando visibilidade ao mito que o cinema se encarregara de projetar.

Paradoxalmente, o jornal se colocava contra os efeitos do modernismo das “modas londrinas” que sobem as saias, descem os decotes, sobem as mangas, contra o divórcio, enfim, a favor da moral e dos bons costumes. Evidentemente era passada uma visão masculinizada, pois, dirigido por homens, reafirmavam constantemente os papéis e condutas das mulheres, ou uma visão burguesa de mundo. Além disso, o jornal chamava os jovens para se alistarem no Tiro de Guerra, saudosista com o tempo em que estes “andavam nas casas de certas famílias alemãs à cata de retratos de Kaizers como quando atrás do rato! Isso sim, era patriotismo!”, xingando os “almofadinhas” da “falta de patriotismo”⁹⁷. Ora, jornal que se dizia “para leitura semanal de adolescentes”, de crítica leve, etc, provocava um turbilhão de imagens que, por certo, povoaram as conversas, construíram sujeitos. Se o discurso jornalístico “... se comporta como uma prática social produtora de sentidos”⁹⁸, aqui ele exerceu sua função, ou seja, produziu subjetividades e incitou a individualidade.

O jornal Tom-Pouce segue a mesma linha de O Futurista, dedicado à “crítica, humorismo, literatura, sociedade, linguarice”; também divulga bilhetes, incluindo aí uma secção “Ele...Ela” com perfis de moços e moças para adivinhação, além de promover o concurso “de quem são os mais lindos olhos do município” (das moças, é claro). Tem uma

⁹⁷ Jornal O Futurista, Itajaí, 09/01/27.

⁹⁸ MARIANI, Bethania Sampaio Correa - Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória). In: ORLANDI, Eni P.(org.). Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes, 1993. p. 33.

coluna intitulada “À saída da missa” onde o cronista (ou a cronista?) dá publicidade aos trajes que, nos mínimos detalhes, vestem as senhoritas e senhoras ao se dirigirem à igreja - chapéus, luvas, saltos, vestidos - fazendo, inclusive, comparações, e aí daquela que repetisse as vestes! Era a moda fazendo as distinções!

Tanto O Futurista quanto o Tom-Pouce seguem uma linha irônica, mas também moralista, e, ao que parece, foram uma diversão muito apreciada, haja vista o grande número de colaboradores (as) que escreviam bilhetes, e, dentre aqueles, a maioria vai enfileirar-se na criação do Bloco dos XX, e elas, como as protagonistas de peças teatrais.

Os jornais, na medida em que contróem imagens e reafirmam idealidades, estão de acordo com as subjetividades que estão sendo vivenciadas, pois que alcançam um certo público leitor: eles mesmos, as camadas cultas, ou um público que se lê e se dá publicidade, escreve cartas, desenvolve a sua subjetividade. Somado a isso, romances são publicados, em capítulos, em diversos jornais da cidade (contos de Machado de Assis, Guy Maupassant, José de Alencar, etc.) , que por certo eram esperados sofregamente.

Ora, a sensibilidade burguesa, criação também do homem moderno, perpassa por canais da individualidade e intimidade. Walter Benjamin nos dá pistas ao referir-se aos espaços privados que vão sendo constituídos, e onde o indivíduo privado, do século XIX, habita em sua interioridade, voltado para si.⁹⁹ Sendo assim, os moços e moças que experienciam essa esfera literária, certamente estão desenvolvendo subjetividades.

Posso, pois, ver que os solteiros, ao “re-inventarem” um espaço privado de distinções, inseriram-se num contexto em que valores modernos já se adentraram e

⁹⁹ BENJAMIM, Walter. Paris, capital do século XIX . In: KOTE, Flavio (org). Walter Benjamin. São Paulo: Ática, 1985. p. 30-41.

continuam se adentrando na aventura cotidiana de experimentarem um momento bastante peculiar de suas histórias. O que fazem - jornais, teatro, poesias, viagens, intercâmbios, o clube - e do que participam - bares, cafés, outros clubes, esportes seletos, praia, cinema, etc - os coloca como portadores, ou “seguidores” de idéias que vêm de fora, sim, mas que também criam e “re-criam” uma forma de distinguirem-se e serem aceitos - bem aceitos - na sociedade local e de cidades vizinhas.

Estão os moços, ao meu ver, constituindo uma nova subjetividade, preocupados com a intimidade, numa espécie de “retribalização”¹⁰⁰, com significados e códigos que criam e recriam na afirmação de seu grupo social. Partindo das evidências que as fontes informam, é possível identificar uma fração de classe que se fecha e se estratifica ainda mais dentro de uma sociedade já fechada, visto que estavam envolvidos em imporem uma definição de seu mundo social de acordo com seus interesses. Portanto, o estudo aqui apresenta uma parcela da sociedade, aquela que se revela num clube “distinto”, ou uma fração que assume posição e “status”.

Filhos das famílias que “... se viam constituídas por pessoas de caráter e honra, zelosas das tradições e valores de suas famílias, extremamente dedicadas à preservação do nome e do status social”¹⁰¹, não é de se estranhar que aqueles solteiros reinventassem um lugar privado e distinto. Teria sido mesmo só para diversões? Dançar? Possivelmente havia outros valores a serem observados e seguidos, e o jogo social os faria amearhar mais facilmente. Teriam transgredido, em algum momento, a ordem vigente? Não disponho de dados para uma avaliação mais precisa, entretanto, é possível que não fossem

¹⁰⁰ SENNETT, Richard. Op. cit. p. 414.

¹⁰¹ D'AVILA, Edison (1995). Op. cit. p. 48.

tão harmônicas as relações. É duvidoso que, entre os enfrentamentos políticos, talvez étnicos, nada turvasse o convívio nesse clube.

Se nos anos de 1929, 1930 e 1931 fizeram e aconteceram, burilando o vivenciar dos moços e moças, bem como das famílias “distintas”, e quiçá provocando olhares pouco amigos daqueles que ficaram fora desta esfera, a partir de 1937, quando se reorganizam, veremos que este clube ficará definitivamente marcado nos anais da sociedade itajaiense, quando, de uma esfera pública literária inicial, passam a investir também em outros setores e esferas e investindo na privatização de seu espaço.

CAPÍTULO 2

PRIVATIZAÇÃO DO ESPAÇO

“O privado: uma experiência de
nosso tempo”

Michelle Perrot¹⁰²

Para melhor compreender o Bloco dos XX e suas relações, buscarei, neste capítulo, alvitrar motivos do seu ressurgimento em 1937 e as relações nas quais investiram nos mais de vinte anos seguintes, percebendo o que pululava dentro e fora do clube, e como os moços criaram estratégias de afirmação das diversões “distintas” para a elite da qual faziam parte.

Também será vista, sem olvidar as necessárias contextualizações, a cidade, os espaços, as tensões políticas, étnicas, etc., percebendo como se forjaram, dentro da própria fração de classe que constitui o clube, diferenciações e excludências na privatização de seu espaço.

Convém lembrar que a documentação oficial do clube, a partir de 1937, não foi encontrada, portanto, serão vistos principalmente os jornais, a Edição Extraordinária (especial do clube), entrevistas com bloquistas da época e os Estatutos de 1946.

¹⁰² PERROT, Michelle (org.). Introdução. História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 9.

Aqueles moços, dentre os quais havia teatrólogos, literatos, jornalistas, afoitos por um espaço próprio para diversões, nos anos de 1929 a 1931, num momento peculiar da história da cidade, como vimos, re-inventaram um lugar “distinto” para si e seus pares. Mas, nos cinco anos seguintes, parecem ter sossegado da euforia inicial e caído no ostracismo. Sim, de 1932 a 1937 o Bloco dos XX meio que esmorece e fica nas lembranças, nas fotografias, nas páginas de um caderno onde constaram as primeiras Atas, e nas inúmeras notícias nos jornais que circularam na época.

Teria mesmo se findado?

Em 1937, o Jornal do Povo traz a seguinte notícia:

“Reorganizado o <<Bloco dos XX>> Causou ótima impressão em nosso meio social a notícia de que uma plêiade de rapazes deliberará reerguer o Bloco dos XX, que anos atrás muito cooperou para a animação das festas sociais levadas a efeito em nossos salões, como colaborou de modo eficiente para o desenvolvimento do teatro amadorismo (sic).

Constituído por vinte moços solteiros, trazendo consigo a decisão de trabalharem decididamente para uma só finalidade, o Bloco dos XX marcou época nos anais sociais de Itajaí.

Os jovens Arnaldo Heusi, Cesar Pereira, Gil Miranda e Manoel Brandão, observando o indiferentismo da nossa rapaziada por tudo o que diga respeito ao *progresso social*, desejando levá-la da apatia em que vive, resolveram em boa hora, reviver os gloriosos dias de alegria e de entusiasmo que o Bloco dos XX, durante o período de tres anos, proporcionou a Itajaí. E para a confecção desse louvável propósito, formaram um pugilo de vinte moços do nosso <escol> social e convidaram o Sr. Abdón Fóes, último presidente daquela associação, para presidir a reunião (...), dado por reorganizado o mesmo, na obediência de seus Estatutos devidamente registrados. (...) Estamos convictos (...) que o Bloco dos XX vai fazer despertar em nossa mocidades o amor pela arte, como irá, sem dúvida, concorrer para animadas festas dos clubes locais, fazendo reviver os dias de triunfo, com repercussão em todo o Estado”.¹⁰³ (grifo meu).

Como vemos, “um pugilo de vinte moços” reiniciava as atividades há alguns anos estagnadas, e, dentre eles, um de seus fundadores que obviamente continuava solteiro (Arnaldo Heusi). O Bloco dos XX imediatamente deu publicidade ao feito, e os diversos

¹⁰³ Jornal do Povo, Itajaí, 02/06/37.

jornais da cidade e da região¹⁰⁴ divulgaram, onde articulistas enalteceram o brilho e cooperação deste clube para as reuniões sociais itajaienses.

Cabe a mim, aqui, interrogar: por que o Bloco dos XX reinicia suas atividades em 1937, mais precisamente no dia 25/05? Não foi possível, face à ausência de documentos, avaliar com precisão os objetivos da reorganização, entretanto, posso sugerir que houvesse relação com a crise política do país, aproximando-se este do Estado Novo. Seria outra vez uma forma de estabelecer laços privados para aliviar tensões políticas/étnicas? Ou, retomar um espaço de divertimentos sadios para os jovens, onde as relações fossem aparentemente apolíticas? Teria algo a ver com a reorganização do poder? Ou forma de manter a ordem/contra a desordem?

Um articulista bloquista, no primeiro número da Edição Extraordinária, em 1941, assim se expressou, rememorando a reorganização:

“Uma existência que bem exprime a coesão e harmonia da mocidade itajaiense.

(...)

Não obstante ter sofrido um pequeno período de interrupção, o <<Bloco dos XX>>, na ânsia que vinha sentindo em tomar uma marcha ascendente, teve a glória e a felicidade de encontrar um pugilo de entusiastas rapazes que o reergueram, com mais vitalidade e com outro impulso, dignos dos melhores elogios e da admiração de todos”¹⁰⁵

Quais seriam os reais motivos em “tomar uma marcha ascendente”? Ora, o clube congregava jovens de diferentes posições políticas, aparentados que eram dos nomes que constituíam a elite econômica e política local, tanto da situação como da oposição. Creio ser conveniente nuançar que no ano anterior à reorganização do clube (1936), houve

¹⁰⁴ Dentre estes, A Notícia, 10/06/37 (Joinville), Cidade de Blumenau, 12/06/37; Correio do Sul (Jaraguá do Sul, 12/06/37.

¹⁰⁵ Edição Extraordinária, Jornal do Povo, 02/08/41. Esta edição foi publicada entre 1941 a 1957. Encontra-se anexa ao Jornal do Povo. Acervos do Arquivo Histórico de Itajaí.

eleições municipais, degladiando-se os diferentes partidos políticos e ocorrendo “rachas” entre famílias, inclusive dentro do próprio Partido Liberal. Portanto, é óbvio que paixões políticas e ideológicas estavam afloradas. Nesse entrevero, surgiu o jornal O Libertador, em defesa do Partido Republicano, enquanto que O Pharol fazia campanha acirrada para os Integralistas, já o Jornal do Povo defendia o Partido Liberal, e, claro, Getúlio.¹⁰⁶ Convém lembrar que sobrenomes iguais aparecem nestes jornais como candidatos e apoiando os diferentes partidos.

Nessas eleições, conforme nos diz Fóes, “...o pleito se feriu num ambiente de confusão. (...) Os revolucionários ficaram às tontas com as duas legendas: Partido Liberal e Aliança Liberal. Como é natural, dividindo as forças, venceu as eleições o Sr. Irineu Bornhausem (do Partido Republicano)”¹⁰⁷. Como não fica difícil perceber, o Jornal do Povo passa a fazer oposição acirrada ao prefeito eleito - e que, contrariamente às expectativas, foi mantido no poder com o fechamento das casas Legislativas, em 1937. Conforme relata ainda Fóes, houve o intento do Governador Nereu Ramos de, usando um republicano, unir as famílias Konder e Ramos (o que não ocorreu, e em 1939 Bornhausem pede afastamento do cargo, sendo substituído por Francisco de Almeida, liberal, e que assume até 1945, quando reiniciam as articulações em torno da UDN e PSD).

Itajaí, como relatei anteriormente, destacava-se por lideranças políticas a nível local e estadual, portanto, é possível entrever os ânimos exaltados naqueles anos de 1936 e 1937. E, foi nesse contexto de discussões “quentes” na política que os moços reergueram o Bloco dos XX. É bem provável que as tensões político-ideológicas expliquem

¹⁰⁶ Tanto O Pharol como O Libertador foram extintos logo após as eleições, permanecendo apenas o Jornal do Povo.

¹⁰⁷ FÓES, Abdón. (1959). Op. Cit.

o ressurgimento do clube; mas não só. É importante destacar que, embora não sendo possível encontrar todos os nomes que compunham a Classe A do Bloco dos XX de 1937, sobrenomes desta Diretoria e dos bloquistas nos anos seguintes coincidem com nomes que estavam diretamente ligados ao poder público municipal e aos setores e cargos relevantes da cidade, evidenciando relações próximas.

Reorganizado o clube, e pretendendo seguir as mesmas diretrizes dos Estatutos quando de sua fundação, animaram-se os moços para os festejos e reapresentação do Bloco dos XX à sociedade. Para tanto, organizaram um concurso para eleger a Rainha da Mocidade itajaiense, relacionando, então, uma lista de moços que faziam parte do quadro social do Guarani, lista esta publicada no jornal e “...dando direito a um único voto, pelo qual o votante dirá qual a senhorita de sua predileção para ocupar o trono de Rainha da Mocidade”.¹⁰⁸ Obviamente, a escolha não era para qualquer moço, mas para os sócios do Guarani, que era (e ainda o é) o clube mais elitista da cidade! E, os nomes que aparecem na lista do Guarani estão na diretoria do Bloco dos XX em 1937 - eram, portanto, moços das famílias mais “distintas”, e, por conseguinte, das relações da classe que detinha certos poderes, quer da esfera social, econômica ou política.

O Jornal do Povo publica, então, um “recorte” onde diz “Para RAINHA DA MOCIDADE DE ITAJAHY, voto na Srta.”, constando um espaço para o nome do votante. Como posso notar, a votação não era secreta, além do que na comissão de apuração estavam o Presidente do Guarani e o Diretor do mesmo Jornal, ambos casados. Além disso, a nota jornalística indica que a votação dar-se-ia em três turnos, cujos resultados parciais seriam

¹⁰⁸ Jornal do Povo, Itajaí, 07/07/37. A lista contempla 56 moços.

publicados por intermédio de cartaz e no mesmo jornal - prática esta que permaneceu nos vinte anos seguintes, também adotada para a eleição de “misses”, posteriormente.¹⁰⁹

Clube privado que era o Bloco dos XX, bem como o Guarani, percebo que divulgava seus atos para um público maior, ainda mais com a relação de nomes de moços e moças. Imagino que o jornal circulasse entre a classe a que pertenciam, e ainda mais na fração de classe em que estavam inseridos os solteiros. Interessante notar que, para a apuração dos votos, constavam dois senhores casados, portanto, não pertencentes a “classe dos vinte”. Uma leitura disso pode estar no fato de que, sendo ambos homens respeitáveis - um diretor de clube distinto e outro diretor de jornal -, poderiam estar interferindo na “escolha”, pois que, de alguma forma, estavam investidos da responsabilidade e guarda das condutas, tendo, portanto, assegurado o direito de intervirem.

Além disso, deve ter sido código distintivo para os moços verem seus nomes perfilados a uma lista de “legítimos” sufragistas! E, para as moças, o que significaria estar sendo “escolhida” por moços, os quais possivelmente eram “bons partidos”? Eram, portanto, jovens escrevendo sobre si mesmos, e, por certo, eram discutidos os nomes e as notícias em ambientes restritos, mas também em rodas de amigos nos espaços públicos. E possivelmente, na intimidade dos lares, e até por incautos leitores, desavisados daquele clube...

Devo lembrar que a beleza era (e ainda é) um atributo exigido das mulheres, e para isso também elas se “preparavam”. O concurso para escolha de Rainhas, e posteriormente, “misses”, estabelecia cizões entre as mulheres dentro da mesma classe à medida em que era escolhida a mais bela (ou mais “distinta”), excluindo as outras. Aquelas

¹⁰⁹ Sobre as rainhas e “misses”, será trabalhado no Capítulo 3.

que não eram eleitas provavelmente se ressentiam, provocando certos descontentamentos. Na construção dos padrões de beleza, constróem-se também os gêneros, e o concurso talvez “dividissem” as mulheres entre “belas” e “feias”, num processo excludente.

Então, naquele 31 de julho de 1937, “artisticamente ornamentada, a sede do veterano Guarani teve uma de suas mais aristocráticas noites, tendo comparecido o que há de representativo em nosso meio social, onde realçou elegância e fino gosto”¹¹⁰. Fora, então, solenemente coroada a Rainha eleita, Srta. Léa Schmitt, evento este que “marcou com letras de ouro um acontecimento invulgar para Itajaí”¹¹¹, pontuado de discursos de enlevo e trocas de presentes, tendo sido amplamente divulgado e, como se vê, enaltecido pela imprensa.

Ora, quando os moços reorganizaram seu clube, como sabemos, foi outro momento tenso da política nacional, que desencadeou no Golpe do Estado Novo (10/11/37), pois que nos três anos de governo constitucional de Vargas (1934 a 1937) foram intensas as agitações políticas e sociais no país. Era época de ascensão do nazismo e fascismo¹¹² e crescimento do partidos comunistas, gerando fortes tensões.

Posteriormente à Revolução de 1930, os enfrentamentos foram constantes, degladiando-se os mandonismos em busca do poder. Em 1932, Plínio Salgado fundava a Ação Integralista Brasileira, movimento que identificava-se em vários aspectos com os movimentos fascistas (em ascensão na Europa desde a década de 20), e que refletia, - “... por sua ideologia profundamente anticomunista, nacionalista e autoritária e seu repúdio ao regime liberal-democrático”¹¹³ - os ideais nacionalistas. Em 1935, tendo à frente Luiz

¹¹⁰ Jornal Itajaí, Itajaí, 04/08/37..

¹¹¹ Jornal do Povo, Itajaí, 05/08/37.

¹¹² Ver GERTZ, René. O perigo alemão. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1991.

¹¹³ BRANDI, Paulo. Vargas: da vida para a história. 2a edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1985. p. 78.

Carlos Prestes, aparece a Aliança Nacional Libertadora que, com intentos de derrubar o governo, passa a ser combatida pelos integralistas.

O país vivia à quarteladas e tiroteiros entre integralistas/getulistas e comunistas, sendo decretado Estado de Sítio quando milhares de pessoas foram presas, fecharam-se sindicatos e muitas organizações políticas foram vasculhadas pela polícia. Preparando o terreno para o golpe, Vargas escondia seu plano e deixava crédito aos presidenciais que haveria eleições em 1938, neutralizando nomes fortes para as sucessões estaduais e federal.

A “descoberta” de um suposto plano comunista de tomada do poder (plano Cohen), provocou pânico no país ante a “ameaça” sinistra do comunismo, ao que se engajaram intelectuais, líderes da igreja, estudantes, etc. Astuto, Vargas dá o golpe, traindo os integralistas que o apoiavam, dissolvendo a Ação Integralista Brasileira e tornando-se ditador absoluto, senhor de todas as decisões.

Em Santa Catarina, após divulgada a Mensagem aos Catarinenses por Plínio Salgado (1937), o movimento integralista “...vicejou rapidamente, instalando-se, principalmene, nos municípios onde predominava a colonização germânica”¹¹⁴, e, dentre estes, embora com menor expressão, estava Itajaí. Deste modo, é possível entrever a ação integralista infiltrada nos setores mais importantes da vida social, política e administrativa do Estado¹¹⁵, o que possivelmente tenha tido sua importância também na organização

¹¹⁴ LENZI, Carlos Alberto Silveira. Op. Cit. p. 122.

¹¹⁵ Lenzi indica que no ano de 1937 havia 102.000 camisas-verdes inscritos no Estado de Santa Catarina. Id. Ibid. p. 126.

política itajaiense, haja vista o empenho do jornal O Pharol na campanha para eleger Félix Malburg para Prefeito, bem como a existência de muitos sujeitos integralistas na cidade.¹¹⁶

Voltando aos moços de 1937, nas referências encontradas sobre o clube, nada consta que tenham sofrido revezes com o golpe estadonovista. Aliás, no dia do golpe, o Jornal do Povo limitou-se a comunicar em minúscula nota a decisão do Presidente da República, trancrevendo o telegrama enviado por Nereu Ramos (Governador) ao Partido Liberal de Itajaí, assim escrito: “Governador República decretou hoje Nova Constituição, dissolvendo Senado e Câmara. Todo o país em absoluta calma. Abraços. Nereu Ramos”.¹¹⁷

Ora, sabemos que a aparente “calma” não existia, e que tensões por todo o país eram evidentes. Interrogado sobre as possíveis pressões que no momento pudessem ter sido sofridas em Itajaí, Paulo Bauer nos diz que “Não, não houve (...). Ele (Getúlio) tinha um espírito muito especial, muito pacífico, ele não gostava dessas coisas”. Posso pensar que Bauer faz uma leitura da época, memorizando a forma como foi ideologicamente divulgado todo o processo, pois, homem público que era (inclusive tendo sido presidente da câmara de 1947 a 1950, e prefeito, posteriormente), provavelmente não estaria alheio aos acontecimentos do país. Nesse momento, surgiu também o jornal A Reacção, com intuito de defender as diretrizes do Estado Novo, e “iluminar” o “grande chefe”, Getúlio Vargas, mas perdurou apenas dois meses.¹¹⁸

Ainda intencionando entender aqueles anos, como foram vivenciados em Itajaí, e as relações/implicações com o surgimento do Bloco dos XX, convém recordar que

¹¹⁶ Em entrevista concedida a Edison D'Ávila, Luiz Gazaniga, 93 anos, infere que haviam muitos integralista em Itajaí, incluído-se aí nomes como Félix Malburg, Dr. Ivo Stein Ferreira, Juventino Linhares, Pe. José Locks, Francisco de Paula Seára, dentre outros. Pasta: Biografias e outras informações genealógicas. Acervos do Arquivo Histórico de Itajaí.

¹¹⁷ Jornal do Povo, Itajaí, 10/11/37.

¹¹⁸ Este jornal fez circular apenas cinco números, de 05/10/37 a 17/11/37.

o Jornal do Povo apareceu em 1935, de propriedade de Abdón Fôes, que, como sabemos, foi um dos fundadores do clube e presidente de honra vitalício (tendo contraído núpcias em 1932, não mais fazia parte da “classe dos vinte”). Jornal este largamente engajado com a situação, divulgando discursos e invariavelmente publicando em primeira página a fotografia de Vargas, idolatrando o “mito” que em torno dele se fizera (ou que o próprio presidente forjara, através do DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda, criado em 1939, órgão coercitivo máximo da liberdade de expressão e legitimador do governo perante a opinião pública até 1945, calando e neutralizando seus opositores). Portanto, um jornal de clara posição ideológica e não transgressor da ordem vigente, que, segundo seu proprietário, “Foi feito para a Aliança Liberal Catarinense, para o Partido”¹¹⁹.

O Jornal do Povo também divulgou uma lista de nomes, “Elementos de Itajaí solidários com a promulgação na Nova Constituição”, enviada (via telegrama) ao Governo do Estado e Presidente da República, reafirmando a “irrestrita solidariedade”¹²⁰ as diretrizes do Estado Novo. E, dentre estes nomes, três compõem a Diretoria do Bloco dos XX (na falta do rol dos vinte de 1937, foi impossível perceber outros nomes), e outros tantos que, ou foram bloquistas, ou o serão mais tarde, já que coincidiam os sobrenomes em praticamente todos os componentes do clube, antes e depois de 1937. Eram tão “apolíticos” assim? Duvida-se.

Ora, esse jornal foi o baluarte na divulgação das ações do Bloco dos XX, noticiando, obviamente, também os acontecimentos que envolviam as famílias dos moços, dando publicidade a festas privadas, casamentos, viagens, etc. Ainda, a partir de 1941,

¹¹⁹ Entrevista concedida a Joana Maria Pedro. Op. Cit.

¹²⁰ Jornal do Povo, Itajaí, 18/11/37.

passa a circular uma Edição Extraordinária¹²¹, anualmente, no mês de aniversário do clube, ininterruptamente até 1957, edição esta pontuada de enlevos, discursos, fotografias, imagens, deixando ver uma harmonia ímpar nos laços daqueles sujeitos. E, lembro que são eles mesmos a construírem essa imagem sobre si, a mostrarem-se dessa forma.

Pelo que percebo, onde quer que haja algo escrito sobre este clube, ou o que é lembrado e dito, parece não ter havido enfrentamentos de ordem política ou qualquer outra nas relações que se davam entre os solteiros e suas famílias, no espaço privado de suas relações. Entretanto, sabemos que pertenciam às famílias importantes da cidade, e devem ter acompanhado as sucessões de cargos, os embates travados na política local. Provavelmente, houve “rusgas”, que a memória “esquece”, pois lembra aquilo que lhe convém falar, querendo preservar como um monumento aquele tempo e lugar memoráveis, ou “... organizar celebrações”, como quer Pierre Nora.¹²² O silenciamento é, também, um elemento de construção da memória, e nem sempre significa esquecimento.

Para situar o clube e suas relações com a situação econômica, naquele final dos anos trinta e nas duas décadas seguintes, é importante salientar que, por conta das “... obras realizadas no porto, nos anos quarenta, e os efeitos da segunda guerra mundial, inseriram o porto de Itajaí no mercado internacional”¹²³, oportunizando, então, a instalação de muitas agências e empresas de navegação nacionais e estrangeiras.

Convém recordar, também, que no período citado, a exportação de madeira acelerou investimentos na cidade (quando o porto de Itajaí alcançou a ponta nas exportações

¹²¹ Estas edições, eram distribuídas à meia-noite, durante o baile de eleição da “miss” e encontram-se anexas no Jornal do Povo, nos acervos do Arquivo Histórico de Itajaí.

¹²² NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo: PUC, no 10, Dezembro de 1993. p. 13.

¹²³ PEDRO, Joana Maria. As transformações do comércio através do porto de Itajaí (1915-1950). In Revista Hélade. Itajaí: FEPEVI/Gráfica Difusora, no 5, ano 2, Dezembro/1981. p. 67.

desse produto no Brasil), o que contribuiu para a melhoria de estradas, principalmente para o interior do Estado, o que, segundo D'Ávila, "... alavancou o progresso do município nas décadas de 1940, 1950 (a década de ouro), e 1960"¹²⁴, inclusive incentivando o surgimento do Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S/A - INCO¹²⁵ - , banco este de grande impulso na economia de Itajaí durante mais de duas décadas.

Por conta disso, houve mudanças e, com elas, novas possibilidades e outras oportunidades, fazendo surgir uma nova classe média, constituída por empregados de escritórios, funcionários públicos, bancários, vendedores, exportadores, portuários, comerciantes, e uma cidade que se conformava com mais rapidez.¹²⁶ Isso faz pensar nos perigos para uma classe que necessitava manter-se no poder, sim, mas também salvaguardar suas relações de convívio, já que, junto às atividades do porto, surgiram outros atores sociais no urgir de mais braços para mais serviços, proletarizando a cidade, e aparecendo novos ricos envolvidos a estas atividades. Além disso, os anos tensos politicamente, aos quais já me referi, em fins da década de trinta, bem como o período da II Guerra, por certo geraram conflitos, e parece que o ressurgimento e a continuidade do clube fora uma forma de assegurar relações de "civilidade" mais "sadias" e resguardadas na privatividade.

Essa modernização econômica, consolidada nos anos cinquenta e sessenta, não foi específica de Itajaí. Fez parte, sim, de um processo mais global, o "... da transformação do Brasil em uma sociedade de massa, quando se consolida a sociedade

¹²⁴ D'ÁVILA, Edison (1995). Op. Cit. p. 42.

¹²⁵ O Banco INCO, de capital privado, foi fundado em 23/02/35, em Itajaí. Ver SCHMITZ, Sergio. O sonho acabou: o caso INCO. Florianópolis: UFSC, 1993. Trabalho apresentado para concurso de Titular em História Econômica.

¹²⁶ No final dos anos quarenta e nos anos cinquenta, Itajaí passa por grandes remodelações: melhorias no porto, inauguração da nova Matriz, do edifício do Banco INCO, da nova sede do Clube Guarani, do Jardim Marcos Gustavo Konder, da sede do Iate Clube Cabeçadas, da Sociedade Musical Guarani; construção de ramais ferroviário e rodoviário, Coletoria Estadual, colégios, melhorias na distribuição das águas, do aeroporto, etc.

urbano-industrial¹²⁷, período este que reúne uma série de projetos à entrada de novos valores, inclusive transferindo o modelo de modernidade de Londres ou Paris para a América do Norte.

Os anos 50 foram pródigos na inventividade técnica e sua reprodutibilidade, lembrando que o período pós guerra amplia e/ou modifica padrões de comportamentos. Por conta da influência cultural estrangeira, o Brasil passa a vivenciar, a partir desta década, a expansão dos meios de comunicação, o consumismo exacerbado, ao mesmo tempo em que adentram-se novas maneiras de ver e sentir o mundo, mexendo, principalmente, com a juventude¹²⁸.

Neste período, também em Itajaí, mudanças eram acompanhadas e desejadas pelos articulistas, que se ufanavam com o progresso, como reproduz o seguinte comentário:

“A cidade era o burburinho vivo das grandes metrópoles. Oito ou dez navios estrangeiros no porto faziam a cidade pulsar, no sangue quente dos marinheiros de todos os portos da terra. Era uma cidade internacional, que em pouco tempo apontou crescida e forte, lembrando um porto europeu, organismo sadio, ao lado de suas irmãs do mapa catarinense, como se algo tivesse vindo do misterioso país das fadas e dos gnomos... Os homens ficavam ricos de repente, criaram-se sociedades, inauguraram-se duas estações de rádio, fez-se a mais bela igreja de todo o Estado de Santa Catarina. (...) a cidade começava a ser o arsenal de riquezas do Estado...”¹²⁹

Era a modernidade que chegara e chegava, suas benesses e progresso vindo ao encontro dos anseios dos articulistas, e que eram também ansiadas por boa parte da população, mas, principalmente, pela classe que dela usufruía e usufruía, com ela se construía e se construía. Dentre esta, estava a fração de classe a que pertenciam os solteiros do Bloco dos XX. A classe média emergente, obviamente, pode “ameaçar” aqueles que já

¹²⁷ ESSUS, Ana M. M. de S. Andrade e GRINBERG, Lúcia. “O século faz cinquenta anos”: fotografia e cultura política em 1950. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH/Marco Zero, vol. 14, n° 27, 1994, p. 131.

¹²⁸ Ver BRANDÃO, Antonio C. e DUARTE, Milton F. *Movimentos culturais da juventude*. (14a edição) São Paulo: Editora Moderna, 1990.

¹²⁹ LAUS, Lausimar. Paralisado o porto madeireiro de Itajaí. In: *Jornal do Povo*, Itajaí, 23/08/59.

vêm, de longa data, construindo para si lugares de convívio e sociabilidades onde não houvesse “mistura”.

É claro que, sendo Itajaí ainda pequena, os novos valores custaram mais a se instaurar, mas nem por isso deixaram de chegar. Quanto aos bloquistas, é certo que também vivenciaram estas mudanças, entretanto, nos seus discursos há um apego a permanências, ou possivelmente recorressem a imagens antigas tentando reforçar valores, embora já em outro contexto, se comparado às décadas anteriores. Só a partir de meados da década de 50 é que se percebem sensíveis variações no interior do clube, e que serão vistas ainda neste capítulo.

Neste contexto de transformações, por um lado, e permanências por outro, alargando sonhos de alguns, enriquecendo outros, e somando muitos trabalhadores na geografia social da cidade, o Bloco dos XX está no auge. Parece que mais se acentuam os cuidados em relação ao “outro”, e o clube faz essa demarcação à medida em que delimita espaços e “proíbe” aí a entrada de “estranhos”. Perguntado sobre quem, além deles, podiam participar das festas e outros eventos do clube, Aldo Mario Cunha, bloquista no início dos anos cinquenta, nos conta que “não era qualquer um que entrava, sempre um dos diretores era designado para ficar na portaria... e o estranho, ele já sabia, e não ia muito porque já sabia disso; era muito selecionado, era mais fácil de selecionar”¹³⁰

Além disso, como já foi citado anteriormente, as tensões étnicas existiram, sim, desde os primeiros anos da colonização, num processo natural de aculturação, e foram fortes durante a I Guerra, ficando meio que “surdos” no entre-guerras e indo “explodir” durante os anos da II Guerra.

¹³⁰ Entrevista concedida por Aldo Mario Cunha, 75 anos. Itajaí, 08/06/94.

Muito foi visto sobre as tensões e enfrentamentos étnicos no Brasil, sobretudo no calor das guerras e no que tange aos ítalo-germânicos, entretanto, como se deu esse processo em Itajaí ainda se ressent de maiores esclarecimentos. São as falas de quem vivenciou aqueles anos tensos, de olhos longínquos e voz marejada por vezes, que trazem - quando querem falar, porque na maioria das vezes os sujeitos silenciam -, as amarguras sofridas por muitos na cidade que ora estudo. Parece haver um “silêncio” que se impõe a “... todos aqueles que querem evitar culpar as vítimas”¹³¹, mas, diante de minha curiosa escuta, alguns rompem o silêncio e rememoram, falam, depõem aquilo que ficou nas sombras, na “memória suterrânea”, enfim, o “não-dito” oficialmente emergindo das lembranças.

Sim, através da memória calçada na experiência, dizem das perseguições e xingamentos, das prisões, das invasões de domicílio, das famílias que foram obrigadas a retirarem-se do litoral, de “engolir óleo diesel” e outros abusos cometidos aí para “assegurar a ordem”. Dentre as tantas lembranças, diversas vozes evidenciaram a prisão de um sujeito alemão, “cidadão respeitável da cidade”, que preso, foi submetido à exposição na praça, “aí em frente a igreja e fizeram a barba com vidro, cortaram o homem todo... Verdadeiros bárbaros!”¹³²

Abdón Fóes, em artigo publicado no Jornal do Povo, já nos anos 60, nos conta da vigência do blecaute estabelecido nos anos de II Guerra, quando nenhuma nesga de luz poderia passar por uma fresta já que poderia ser vista por presumíveis submarinos alemães que rondavam a costa da praia trazendo espiões a serviço do regime nazista (os “quinta-colunas”). Segundo Fóes, “A cidade vivia sob um manto de apreensões e numa

¹³¹ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In Estudos Históricos -3: memória. Rio de Janeiro: PUC, vol. 2, nº 3, 1989. p. 6.

¹³² Dentre estas, Arnaldo Schmitt, 82 anos, entrevistado em 31/01/95, e Paulo Bauer, Op. Cit.

escuridão de breu. E vivia, também, sob grande tensão de medo e terror¹³³. Ainda, nos diz que, ele mesmo, sendo presidente do Tiro de Guerra, fora designado censor do telefone - sem nada de importante ter se verificado, pois “ninguém era tolo (de) falar mal das autoridades ou tramar alguma conspiração, ainda mais por telefone”. Noutra artigo, dedica efusivas palavras lembrando as comemorações pelo fim da guerra, indicando as festividades memoráveis onde, segundo ele, não houve violências contra os “súditos do eixo”. Fez menção, inclusive, à presença das mulheres, em desfile, “... tão expressiva e bela demonstração que a mulher itajaiense dava do seu acendrado amor pela Pátria Brasileira”¹³⁴, numa leitura que concorda com o ideário do momento.

Já sabemos que, dentre os moços, e mais especificamente dentre os vinte, havia muitos de origem teuta. A obrigatoriedade de prestar o serviço militar, ou o Tiro de Guerra¹³⁵ se estendia tanto aos solteiros como aos casados, e, ao que parece, havia uma “hierarquia” conforme a classe social dos sujeitos. Um dos solteiros daqueles anos nos conta que “os jovens da elite que eram, vamos dizer, apadrinhados, e não queriam ir para a guerra, faziam o Tiro de Guerra, preparava os jovens para a guerra...”¹³⁶. Ora, “ir para a guerra” tirava jovens da cidade, entretanto, nada indica que tivesse havido “desfalques” no interior do clube. Ou, por serem esses moços da “elite”, talvez nenhum tenha saído da cidade, apenas cumprido com as regras de alistamento e treinamento.

Paradoxalmente, aqueles foram anos de intensa atividade social, com bailes de gala, “soirées” dançantes, escolha de “misses” e muita badalação em torno do clube,

¹³³ FÓES, Abdón - Revivendo o passado. In: Jornal do Povo, Itajaí, 10/07/67.

¹³⁴ Id. Ibid., 19/08/67.

¹³⁵ Caixa: Junta do Serviço Militar - “Tiro de Guerra-301” (1917, 1934-1942). Acervos do Arquivo Histórico de Itajaí.

¹³⁶ Entrevista concedida por Aírton Cercal. Itajaí, 04/06/94.

conforme é possível entrever nas palavras do articulista noticiando o acontecimento em 1944:

“Ainda repercute em todos os meios o alto acontecimento que constituiu o Baile de Gala do Bloco dos XX. (...) Não se sabe a quem salientar, se a beleza e a distinção do ambiente, ou a animação sadia e a beleza das toilettes que foram exibidas no salão de danças.”¹³⁷

Esse discurso parece significar a importância do espaço privado, sadio e elegante, distinguindo-o do espaço público, lugar de transgressões e descuido, somado ainda aos ideais de normatização e condutas, tão caros na época.¹³⁸ Afora o enlevo do articulista, vejo que a “classe dos vinte”, de certa forma, “protegia” seu clube, onde o divertimento privado seria uma forma de distinção, sim, mas também de cuidados sutilmente elaborados para manutenção de uma certa identidade e conduta, ou um espaço onde as relações se dessem sem as tensões perturbadoras que o cotidiano impunha.

Querendo entender como se davam essas relações, Paulo Bauer respondeu a minha interrogação dizendo que

“O clube sobreviveu automaticamente porque o Bloco dos XX tinha raízes sólidas, e rapazes que, educados de formação moral, e que não concordavam com essas coisas, compreende? Infelizmente os maus dominavam os bons, e nós ficamos calados(...). Contra a força não havia resistência”.¹³⁹

Raízes sólidas e um nome a preservar, mas, evidentemente, problemas existiram, aos quais os moços não devem ter ficado alheios - existiam “maus” e “bons”, na leitura de Bauer. Seriam, os bons, aqueles que não transgrediram a ordem vigente? Ou,

¹³⁷ *Jornal do Povo*, Itajaí, 13/08/44.

¹³⁸ Sobre o assunto, ver CAMPOS, Cynthia Machado. *Controle e normatização das condutas em Santa Catarina (1930-1945)*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica/PUC, 1992. Dissertação de Mestrado.

¹³⁹ Entrevista com Paulo Bauer. Op. Cit.

seguindo as normas do clube, os problemas de qualquer ordem deveriam “ficar do lado de fora”, guardando o espaço de distinções?

Nesse entrelaçar de acontecimentos - o mundo em estado beligerante, o país envolto a favor dos aliados, Vargas mantendo um governo repressor, teutos e italo-brasileiros sofrendo pressões de toda ordem, campanha nacionalista¹⁴⁰ em vigor - parece que em Itajaí vivia-se relativamente em paz (parece, porque, como já vimos, as tensões estavam postas), conforme as falas e discursos dos “vinte”. Obviamente que a imprensa estava sob o comando do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), e o único jornal da cidade era absolutamente situacionista. Só a partir de 1942 passa a existir uma estação de rádio¹⁴¹, e, possivelmente poucos possuísem o aparelho - aliás, um dos “castigos” humilhantes para os alemães foi “desfilar” em praça pública com o rádio e entregá-lo à força policial.

Sim, num tempo nada apaziguador, bem como na década seguinte, após o término da guerra, os moços do Bloco dos XX vivenciaram sua privatividade, e, ao que parece, proporcionaram a construção de uma certa elite, passando por outras clivagens para além do econômico e do político. Mesmo porque qualquer época não se faz conhecer apenas pelo entendimento deste ou daquele setor, mas, principalmente, pelas suas formas de convívio, pela cultura, pelos seus valores, onde as sociedades se caracterizam com mais fluência. Fechando espaços, delimitando fronteiras e exigindo condutas, elegendo “misses”;

¹⁴⁰ Afonsina Liberato Heusi, 75 anos, “miss” em 1940, lembra que foi lecionar porque “naquele tempo era tempo de guerra, e as irmãs precisavam de professoras brasileiras, não alemãs, então eu fui ser professora...” Entrevista concedida em 22/05/95. Sobre essa campanha, ver CAMPOS, Cynthia M. Op. Cit.

¹⁴¹ O Serviço de Radio-Difusão foi iniciado em Itajaí em 1942, tendo funcionado em caráter experimental até 1947, ano em que a Rádio Difusora recebeu seu prefixo.

estatuindo códigos, estavam também construindo uma certa sociedade e uma fração da elite ou classe.

Nesse sentido, em 1946, possivelmente ante a necessidade de “disciplinar” comportamentos, o que sugere a hipótese de que tenha havido transgressões, os membros do clube reformulam seus Estatutos¹⁴², esmiuçando, em seus artigos, os destinos daquela Sociedade, com ampliações significativas do anterior (1929). Comparados, o primeiro limita-se a uma página (ANEXO 3), enquanto que o segundo aparece impresso e encadernado, contendo 12 páginas (ANEXO 4). Posso inferir, a partir disso, que as ampliações na segunda fase se fazem em razão da “segurança”, pois que, feito no ano imediatamente ao pós-guerra e os enfrentamentos ocorridos no Estado Novo, tensões aí existentes devem ter contribuído para certas transgressões - lembrando que a norma aparece após a não vivência da mesma. Ou, talvez, mediante outros rearranjos e realinhamentos políticos (aparecem aqui a UDN, PSD e posteriormente o PTB, fazendo com que novos “rachas” dominem a cidade por mais dez anos)¹⁴³, as sociabilidades devessem ocorrer na cordialidade de quem cuida de sua própria classe, e aqui, da fração de classe onde estavam as famílias bloquistas.

Esses Estatutos, reformulados, além de aumentar significativamente os artigos referentes aos deveres e direitos dos sócios, vão oficializar uma prática que já há alguns anos vinha hierarquizando os sócios, ou seja, o quadro social passa a ser composto de duas classes distintas: Classe A e Classe B.

¹⁴² Os Estatutos de 1946 encontram-se na Caixa: Documentos Referentes a Desporto e Atividades Recreativas e Clubes de Serviços. Acervos do Arquivo Histórico de Itajai.

¹⁴³ Ver FÓES, Abdón (1959). Op. Cit.

À Classe A pertenciam os vinte moços, e para integrá-la dos candidatos era exigido (Art. 6º) ser do sexo masculino, ser solteiro, ter acima de 18 anos, ser previamente associado da Classe B e estar inscrito à vaga existente na Classe A. Somente aos membros da Classe A era dado o direito de fazer parte da Diretoria, votar e ser votado, sendo que ainda perderiam o direito a essa classe aqueles que contraíssem núpcias, que se ausentassem da cidade por 60 dias e (Art. 14º) promovessem desordens ou insultassem quaisquer pessoas no recinto da Sociedade.

À Classe B pertenciam os sócios contribuintes (também Remidos, Beneméritos, Honorários e Correspondentes), e a admissão era feita aos que tivessem acima de 18 anos, reconhecida idoneidade moral e proposta por um sócio quite com a Sociedade. Entre os deveres da Classe B, estipula que (Art. 21º) deviam estes “Manter no recinto social a devida polidez com as pessoas presentes, sócias ou não, bem como não usar de exclamações, gestos ou palavras que atentarem aos bons princípios da educação”, e, “Não iniciar, provocar nem manter polêmicas sobre políticas, religião ou vida privada de associados ou mesmo de pessoas estranhas ao quadro social”. Ainda, não deviam “divulgar quaisquer incidentes que se possam registrar no recinto da Sociedade”.

Seria uma espécie de aliança entre divergentes dentro do mesmo grupo social? E porque a religião era tabu? Como vimos, a conjuntura da Guerra deve ter estremecido de certa forma alguns laços, e que devessem ser mantidos observadas as normas de civilidade entre os membros do clube. Havia, também, diversas famílias que professavam outra religião que não a católica, o que pode ser indício do cuidado estatuído. Sra. Zulma Saad, interrogada se todos eram católicos, respondeu: “Não, os Willerding eram

protestantes. A minha amiga casou com um protestante, naquele tempo era um ba-fa-fã; era muito difícil casar com quem não fosse da mesma religião.»¹⁴⁴

Noto, em função desses critérios, a preocupação com o resguardo da intimidade, deixando ver um cuidado de si na preservação do bom nome do clube e, por conseguinte, a proteção de seus associados na medida em que nada que pudesse “macular” a sua imagem devesse ser divulgado. O cuidado com códigos de civilidade, tão caros nas sociedades privadas, ao que parece, estabeleciam regras de comportamento cujos papéis de homens e mulheres estavam claramente definidos. Política, religião, vida privada: presumo que tais assuntos devessem envolver conflitos, entretanto, sabemos que por aí passavam as distinções... Quantos comentários devem ter sido feitos “em segredo”, mas que eram do conhecimento do público!

É possível que houvesse uma espécie de “pacto” ou aliança entre eles, pois, se divergentes politicamente, não poderiam conviver com civilidade se afloradas as discussões no espaço de sociabilidade restrita. A Guerra, sabemos, provocou tensões ao mesmo tempo em que realinhou nomes em torno do poder. Isso pode ter representado perigo aos interesses comuns de assegurar o “bom nome”, portanto, era melhor que se resguardassem as rugas ou as camuflassem. Lugar de criação da imagem pública, o clube (como tantos outros que surgiram na segunda metade do século XIX e primeira metade deste século) é lugar de aburguesamento, de representação e distinção de classe.

Ora, podiam, sim, os sócios das Classe A e B convidar pessoas das suas relações de amizade para frequentar a Sociedade, desde que o convite fosse previamente submetido à apreciação e aprovação da Diretoria, e, claro, devendo os convidados

¹⁴⁴ Entrevista concedida por Zulma Pereira Saad, 72 anos. Itajaí, 01/07/94.

cumprirem, na íntegra, todas as exigências sociais. Convém ressaltar que os moços do Bloco dos XX mantinham relações de amizade com diversos clubes da região, com os quais trocavam visitas em ocasiões de festas. Por exemplo, com os Clubes “Sociedade Recreativa Eles São de Família” e “Grêmio 25 de Julho”, de Joinville; “Marabá Clube” e “Carlos Gomes”, de Blumenau; “Lira Tennis Clube” e “Clube 12 de Agosto”, de Florianópolis; “Blonden Clube”, de Laguna; “Clube Curitibano”, de Curitiba, e, com os clubes “Guarani” e “Almirante Barroso”, de Itajaí, dentre outros. Lembra o Sr. Aldo Mario Cunha que havia um tipo de convênio com esses clubes: “apresentávamos carteirinha e acesso livre, como eles, os diretores, que nós éramos aqueles vinte, o associado (da Classe B) não; só nós”.¹⁴⁵

Eram, portanto, dentre os outros, os vinte “mais iguais”, com direitos assegurados de participarem de clubes de elite desta e doutras cidades, claro, estabelecendo laços de amizade e redes de solidariedade,¹⁴⁶ e por que não de encontros e namoros profícuos dentro da mesma classe social. Obviamente, essa “igualdade” pressupõe a existência de desiguais, portanto, o governo do clube esperava que cada um se comportasse de acordo com as regras estabelecidas.

Mas, além dessas, como se dariam as relações, especificamente, no interior do espaço privado do Bloco dos XX? Que rituais praticavam na tentativa de mostrar distinções? É isto que veremos adiante.

¹⁴⁵ Entrevista com Aldo Mario Cunha. Op. Cit.

¹⁴⁶ A respeito de redes e laços de solidariedade, será trabalhado no Capítulo 4.

CAPÍTULO 3

RITUAIS DE ESCOLHAS: A CONSTRUÇÃO DOS “BONS PARTIDOS”

“O casamento foi muito bonito! Eu, quando me casei, eles fizeram assim: todos de smoking, todos enfileirados - casei nessa igreja - então eu passei no meio deles, os vinte rapazes...O casamento ficou muito bonito!”

Zulma Saad, rainha em 1941.

A privatidade e a distinção de uma classe que se faz estão explícitas nos discursos, falas, Estatutos, espaços, rituais - parece que tudo girava sobre si mesmo, constituindo um círculo hermético. A demarcação desses espaços privados faz pensar nas relações entre as famílias que aí participavam, e, no seio da família, estavam “guardados” os moços e as moças, obviamente, preparados para o matrimônio, futuras famílias.

Nessas relações, é importante buscar as construções dos gêneros porque, clube de solteiros que era, sugere moços e moças casadouros, e, através dos enlaces, juntavam-se fortunas, nomes, posições, prestígio, nos quais distinções e condutas estavam presentes.

Necessário se faz, aqui, recordar que as imagens de família tem sua historicidade, remontando a séculos anteriores. Como explicou Philippe Ariès, se no século XVIII a família moderna inicia seu distanciamento da sociedade para confinar-se num

espaço limitado, no século XIX ela adquire o espírito sentimental, de reunião e privacidade¹⁴⁷ - erguem-se os muros em torno da família nuclear, esteio da honra, reunindo-se, então, os indivíduos na proxenia de sua semelhança moral, identificando-se no estilo de vida, moradia, comportamento, enfim, forjada na intimidade e legitimada no público.

Na primeira metade do século XX, no Ocidente, essas imagens são retomadas com força, cabendo ainda às mulheres a reponsabilidade pela guarda da honra e mantenedoras do “status” social. O ideário de família esteve fortemente vinculado ao retraimento nas relações forjadas por conta da idéia de pátria e cidadão, coincidindo com o avanço das doutrinas fascistóides.

Michelle Perrot, analisando o temor à decadência da família, aponta que “Entre as duas guerras mundiais, coube aos regimes fascista e nazista alertar para a “degenerescência”, demonizando qualquer impulso de mudança”¹⁴⁸, e foi o discurso que prevaleceu naqueles anos, com vistas à idéia de Pátria e Família. Sim, para o ideário conservador do Estado Novo, “A família constituída pelo casamento indissolúvel é a base de nossa organização social, e por isso colocada sob a proteção especial do Estado”¹⁴⁹. Enfatiza, ainda, o papel importante das mulheres como educadoras, preparadas para exercerem os papéis de boas mães e mestras, aparecendo nos discursos, projetadas como responsáveis pelos destinos da nação. Para este ideário, as mulheres eram as “guardiãs do futuro”, ou “grande útero reprodutor da vida e valores”, nas palavras de Maria Cândida Delgado Reis.¹⁵⁰

¹⁴⁷ ARIÈS, Philippe. História social da família e da criança. (2a edição). Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.

¹⁴⁸ PERROT, Michelle - O nó e o ninho. In: Veja: reflexões para o futuro. São Paulo: Ed. Abril, 1993. p. 75.

¹⁴⁹ Cf. REIS, Maria Cândida Delgado - Tessitura de destinos: mulher e educação. São Paulo 1910/20/30. São Paulo, EDUC, 1993. p. 88.

¹⁵⁰ Id. *Ibid.* p. 91.

Para as mulheres das camadas mais humildes, filhas da classe trabalhadora, criaram-se as escolas profissionais, preparando-as para a disciplina do trabalho, lugar de “contenção”. Já para as mulheres das camadas médias e alta, cresceram as escolas secundárias (Escola Normal), cujo discurso reforçava a função missionária e civilizadora, pois que, sendo professoras, iriam essas mulheres formar “colméias obreiras”, ensinar dentro das normas exigidas no preparo de bons cidadãos, disciplinados e ordeiros, bem como preparavam para exercerem os papéis de mães exemplares. Pretendo, ainda, realçar que, se no século anterior, supervalorizavam-se, para as mulheres da elite, os papéis de esposa e mãe, neste século também lhes foi “outorgada” a “missão irradiadora” da cultura, ou seja, além de educadoras, a elas era dirigida a tarefa de transmissoras dos valores culturais na sociedade.¹⁵¹

Essas regulamentações também foram implantadas em Itajaí, voltadas para o ideário normatizador e aos princípios de nacionalização. Existiam, na cidade, dois colégios considerados “distintos”, o Victor Meirelles e o São José¹⁵², sendo que este último recebia as filhas e filhos das melhores famílias de Itajaí. Terminado o curso básico, as moças eram encaminhadas para o Colégio Sagrado Coração de Jesus, em Florianópolis, um dos mais elitistas da época, onde ficavam em regime de internato. Além de demarcar “status”, passar pelo Coração de Jesus significava distinção social, um “brasão de diferenciações”, e, sendo colégio católico, evidenciava-se um “culto à inocência feminina”.¹⁵³

¹⁵¹ Sobre esse assunto, ver DONZELOT, Jacques. A polícia das famílias. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980. p. 46-7.

¹⁵² A Escola Normal São José foi fundada em 1945, substituindo o Colégio Paroquial, com o objetivo de “... oferecer às jovens catarinenses um meio seguro de ilustrar sua inteligência e plasmar seu caráter, (...) reconhecendo seu valor pelas suas virtudes e não apenas pelos seus encantos”. In: KONDER, Marcos e SILVEIRA JÚNIOR - Anuário para Itajaí-1949. Op. Cit. p. 210.

¹⁵³ As entrevistadas dizem que, no colégio, nada se podia falar sobre a sexualidade, assunto considerado tabu, e mesmo as leituras das moças eram rigorosamente controladas. Sobre esse assunto, Michel FOUCAULT esclarece que o dispositivo da sexualidade se racionaliza enquanto prolifera, inventa, penetra nos corpos

No Colégio Sagrado Coração de Jesus ensinava-se francês, piano, alemão, educação moral, cívica, religiosa, higiene, puericultura, psicologia educacional e outras “prendas”, todas obviamente voltadas para o “agrado” aos olhos e ouvidos, ao exercício da maternidade e ao bom desempenho no lar¹⁵⁴, construindo, como se vê, uma “cultura de esposa”. Afonsina Liberato Heusi nos conta que, no início dos anos quarenta, “as moças daqui iam todas prá lá, para o Coração de Jesus, (...) onde também aprendiam francês, alemão”, e “lá aprendí a tocar piano, e quando me formei, papai me deu um piano”¹⁵⁵, mostrando nas fotografias as colegas de Itajaí que por lá passaram.

Embora preparando-se para exercerem o magistério, nem todas o exerceram. Em geral, voltavam e reservavam-se, pois “... as moças não trabalhavam, aquelas da sociedade não trabalhavam; no meu tempo não se trabalhava fora”, rememora ainda Afonsina. Sim, “mulher direita não trabalhava fora” enfatiza Irene Boemer. O que faziam? Jogavam vôlei, praticavam o “footing”, iam aos bailes, “soirées”, cinema... sempre acompanhadas do olhar policiador! Os pais e irmãos delas não se descuidavam. Enquanto o casamento não chegava, as moças preparavam-se para as práticas de refinamento e boas maneiras, organizando o enxoval e cuidando de afazeres que as preparava para a economia doméstica.

Esta e outras imagens evidenciam a distinção de fazer o curso Normal, entretanto, não para o trabalho especificamente, mas para aprender as funções ditas básicas para mulheres das classes médias, as quais sejam, casadouras e prendadas. A concepção de curso “espera-marido”, ao que parece, continuava valendo!

para o controle das populações, portanto, ligadas aos “dispositivos recentes de poder”. História da sexualidade 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. p. 101.

¹⁵⁴ Ver BOPPRÉ, Maria Regina. O Colégio Coração de Jesus na educação catarinense (1889-1988). Florianópolis: Coração de Jesus/Lunardelli, 1989.

¹⁵⁵ Entrevista com Afonsina Liberato Heusi. Op. Cit.

Aliás, essa não era uma prática nova, haja vista que também na França, no século XIX e virada deste foram vivenciadas, como mostra Anne Martin Fugier, as seguintes condutas:

“Estudar, para uma adolescente da burguesia, significava se preparar para desempenhar seu papel de mulher do lar: cuidar de uma casa, dirigir empregados, ser a interlocutora do marido e a educadora dos filhos. Para isso, não há necessidade de saber latim nem dominar conhecimentos científicos especializados, bastando um verniz de cultura geral - música e desenho - e uma formação teórica e prática em economia doméstica - cozinha, higiene, puericultura.”¹⁵⁶

Se as mulheres que viviam em Itajaí, naqueles anos, “aprendiam” papéis normatizados, sua educação era voltada para um tempo de vida privado, dedicada aos filhos, ao lar, obedecendo o modelo de célula familiar, evolutiva e sem tensões. Ser esposa era também um aprendizado: “Aprendi muito, aprendi como tratar o marido... porque eu acho que o homem é o homem, e a mulher é aquela que tem que contornar a situação, né, mulher nasceu prá isso.”¹⁵⁷ Nascer para ser esposa, contornar situações, manter a paz no lar e a tranquilidade para que o homem, provedor, tenha sucesso: eis o modelo de esposa que os moços esperavam, sendo que elas também queriam. E muitas delas conseguiram. Possivelmente tenha sido prazeroso para estas o alcance de uma relação estável, e devem ter exercido aí seus poderes e formas de resistências que lhes deram também alegrias. É certo que elas fazem o discurso idealizado da vida que levaram, mesmo porque, do contrário, estariam fora das distinções das elites. Teriam sido todas felizes?

Percebe-se que, se as moças eram construídas normatizadas para o exercício de funções específicas, para os moços não devesse ser diferente. Na construção dos gêneros, deles exigia-se, para além de determinadas condutas consuetudinárias, o alcance de um

¹⁵⁶ MARTIN- FUGIER , Anne - Op. Cit. p. 236-237.

¹⁵⁷ Entrevista concedida por Irene Boerner, 74 anos. Itajaí, 26/03/94.

futuro promissor e “provedor”. Sendo o gênero um produto social e culturalmente transmitido, deve ser entendido como relação, não sendo possível, portanto, diminuir um ou outro, uma vez que “homens e mulheres são definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de um deles pode ser alcançada por um estudo separado”.¹⁵⁸

Os moços, em geral, faziam o mesmo caminho, mas boa parte deles seguia para o Rio de Janeiro e formavam-se profissionais liberais (médicos, advogados, dentistas, engenheiros)¹⁵⁹, profissões estas que também os preparava para o exercício de funções nos setores mais “distintos” da sociedade, o que, por certo, distinguia-os socialmente. Provavelmente também eles sentiam as “amarras” cobradas dos pais e da sociedade para seguirem determinadas funções/profissões.¹⁶⁰

Sim, às mulheres ensinava-se a serem boas esposas e mães exemplares através dos colégios oficiais, ideário este que era, também, alimentado pelos jornais. Num poema intitulado “Mulheres e Árvores”, por exemplo, publicado na Edição Extraordinária do Jornal do Povo, está a comparação de mulheres que não se casam com árvores secas, que

“(…)”
Sozinha, ao termo da jornada,
No seu próprio destino se maldiz!
Elas são como as árvores doridas,
Que se exilando, estéreis e esquecidas,
Na tristeza dos bosques incolores,
Vivem à sombra dos ramais abruptos,
Intimidadas por não terem flores,
E envergonhadas por não darem frutos!”¹⁶¹

¹⁵⁸ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: Educação e Realidade. Porto Alegre, 16 (2): 5-22, jul/dez., 1990. p. 5

¹⁵⁹ “... moços mais pobres procuram o mar para serem pilotos ou maquinistas. Os mais capazes chegam a atingir postos mais elevados de capitães de longo curso ou chefe de máquinas, fazendo honra ao nome de sua terra natal. Os pais mais abastados mandam seus filhos para cursos mais elevados nas carreiras civis ou eclesiásticas”. KONDER, Marcos. O município de Itajaí. In: KONDER, Marcos e SILVEIRA JUNIOR. Op. Cit. p. 31.

¹⁶⁰ O Jornal do Povo, nos trinta anos aqui estudados, noticia invariavelmente as saídas, regressos, formaturas dos moços, dando visibilidade ao curso e a família a qual pertence.

¹⁶¹ Jornal do Povo, Edição Extraordinária, 18/08/51.

Provavelmente este poema tenha sido lido e comentado, pois me dizem as memórias que a edição especial do Bloco dos XX era o “jornal” mais esperado do ano, onde era dada publicidade exclusivamente ao clube - fotografias das “misses” e dos moços diretores, bem como os discursos, notas de noivados, casamentos, nascimentos, aniversários ocorridos no clube durante o ano.

Além disso, estas edições evidenciavam as imagens estereotipadas das mulheres à medida em que, ao pé da fotografia da “miss”, estampando o “clichê”, os articulistas, obviamente moços, pontuavam idealizações. Dentre estas, a mulher era vista como “fino ornamento de nossa sociedade”, “linda cabecinha de anjo”, “gestos simples e sorriso encantador”, plena de “harmonia e doçura”, “cheia de predicados”, “dotada de fina educação, gentil e graciosa”, “beleza em flor”, “portadora de distinção e elegância”, de “gentil e cativante personalidade”, “ornamento de nossos salões, “personificação da graça e virtude da mulher itajaiense”,¹⁶² etc. Esses dizeres reforçam os papéis de gêneros, na proporção em que propõem idealidades abstratas, reduzem e excluem os sujeitos que não se comportam de maneira padronizada, assumindo atitudes totalitárias.

Tomadas assim, irrefletidamente, as imagens viram categorias universais - aqui, claro, os moços “imaginam” suas musas dentro de um tempo, espaço e classe próprios, apoiados na cultura - e que devem ser desconstruídas, assim como as generalizações acerca de homens e mulheres. Como nos lembra Sandra Harding, “... temos uma infinidade de

¹⁶² As fotografias e estas imagens foram publicadas nas edições entre 1941 e 1957.

mulheres em intrincados complexos históricos de classe, raça, cultura”¹⁶³, o que faz dissolver a idéia errônea de universalidade.

Todas essas imagens citadas nos jornais evidenciam a “mulher ideal”, a mesma que a literatura já tinha explorado como sendo “qualidades naturais” das mulheres.

Dentre as mulheres de Machado de Assis, por exemplo, temos Helena, que “Era pianista distinta, sabia desenho, falava corretamente a língua francesa (...). Entendia de costura e bordados e toda sorte de trabalhos femininos”¹⁶⁴, portanto, considerada o ideal de mulher, segundo parâmetros burgueses, na segunda metade do século XIX. Se naquele momento esse ideário as consagravam como modelos femininos, aqui, nas falas dos moços sobre as moças não parece haver muitas diferenças: também eram elegantes, afáveis, virtuosas, “ornamentos”.

Pode-se pensar que estas idealizações estavam na cabeça dos homens, mas, de modo geral, eram de concordância das mulheres, pois para isso eram construídas e se construíam.

Mas, para além dos jornais, outras leituras também eram conhecidas das mulheres de Itajaí, naqueles anos. Em 1943, por exemplo, um anúncio diz que estão à venda as revistas “Vida Doméstica”, “Fon-Fon”, “Jornal das Moças”, “Moda e Bordado”, “Vanidades”¹⁶⁵, etc, ou seja, leituras específicas para mulheres, limitadas aos assuntos tradicionais como moda, beleza, decoração, crianças.¹⁶⁶ Algumas entrevistadas fazem referência à leitura de romances da Biblioteca das Moças, que, como pecebeu Maria Tereza

¹⁶³ HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. In: Estudos Históricos, V. 1, nº 1/93. CIEC/ECO/UFRJ, p. 11.

¹⁶⁴ ASSIS, Machado de. Helena. In Obra completa, v. 1. Rio de Janeiro: Ed. José Aguilar, 1962. p. 284.

¹⁶⁵ Os anúncios estão na Edição Extraordinária, Jornal do Povo, 07/08/43.

¹⁶⁶ Sobre esse assunto, ver BUTONI, Dulcília H. S. Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Ed. Loyola, 1981.

Cunha, centravam seus enredos em “contos de fadas”, cujas heroínas eram modelos de virtudes contrastando com a outra, a frívola e má, pontuando, portanto, imagens e subjetividades que por certo eram copiadas pelas leitoras.¹⁶⁷

Essas leituras davam referências para as mulheres, e as definiam para a esfera do doméstico, do privado, da casa, contrastando com o espaço público, da rua, dos negócios, do masculino. Mas, também, construíam demarcações entre a mulher “distinta”, voltada para o espaço privado, com a “frívola”, aquela que desafia os padrões morais e ganha a rua. Nesse sentido, podemos pensar com Roberto Da Matta que privado e público são categorias culturais, construídas e historicamente delimitadas, formando uma dicotomia.¹⁶⁸

Mesmo na década de cinquenta, quando, por um lado, a ideologia centrava na modernização e consumismo, atingindo as classes médias (por influência do American Way of Life¹⁶⁹), por outro, se caracterizava pela “... dona-de-casa-ainda-feliz-com-o-seu-papel”, como percebeu Alice Silva, utilizando a metáfora de “abelha-colméia” sobre o imaginário social das mulheres das camadas médias, no Rio de Janeiro.¹⁷⁰ Essa modernização de hábitos foi também vivenciada em Itajaí, com mais lentidão, mas se instalou no cotidiano em meados desta década, quando inclusive levou mulheres a participarem com alguns “cargos” dentro do Bloco dos XX: foi criado o Departamento

¹⁶⁷ CUNHA, Maria Tereza Santos. Biblioteca das Moças: contos de fada ou contos da vida? As representações de mulher e professora nos romances da Coleção Biblioteca das Moças. In Projeto História. São Paulo: PUC, 1994. pp. 139-146.

¹⁶⁸ DA MATTÁ, Roberto. A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.

¹⁶⁹ Esse estilo de vida norte-americano, considerado “antídoto” contra o comunismo, forjou uma superioridade natural do povo daquele país, à medida em que expandiu o mercado externo, incluindo-se aí o Brasil, que “americaniza-se” com o consumo de bens materiais e culturais, acentuado nos anos J.K.

¹⁷⁰ SILVA, Alice Inês de Oliveira. Abelhinhas numa diligente colméia: domesticidade e imaginário feminino na década de cinquenta. In COSTA, A. e BRUSHINI, C. Rebeldia e submissão: estudos sobre a condição feminina. São Paulo: Fund. Carlos Chagas/Véitice, 1989. pp.143 a 175.

Feminino para fins de organizar festas, etiquetas, desfiles¹⁷¹, obviamente sem entrarem na Classe A. Como se sabe, os anos cinquenta mudaram referenciais e tornaram mais fluidas as fronteiras entre público e privado.¹⁷²

Solteiros que eram os vinte “selecionados”, obviamente estavam disponíveis para as moças casadouras. Não seria o ritual de escolha das “misses” uma prática de tornar visíveis as “moças para um bom partido”? E, não seriam os solteiros também um grupo seletivo de “bons partidos”? Havia toda uma simbologia ligando essas escolhas, desde a entrada de um moço na Classe A, a escolha por eles de uma senhorita para ser “rainha” ou “miss”, até o ponto alto de apresentação dessas moças no Baile de Gala. Quantos códigos por aí devem ter passado! Muitos encontros, namoros, noivados...

Ser eleita Rainha ou “miss” tinha um significado especial, que para as moças significava ser cortejada, e exercia aí seus poderes de “boa fada”, mas também de quem podia fazer suas escolhas. Sra. Zulma Pereira Saad, eleita Rainha da Mocidade no ano de 1941, lembra que “a gente, quando chegava no baile, tinha rapazes de fora... E a Rainha já era apresentada, não se parava um instante. E tínhamos nossas valsas... meu Deus, como era bonito!!”¹⁷³. Evidentemente que os “rapazes de fora”, de outras cidades, eram convidados dentro das exigências do regulamento da Sociedade, permitindo, desta forma, encontros dentro da mesma camada social.

¹⁷¹ Em 1955 é criado o Departamento Feminino do Bloco dos XX, para a “...idealização de festas, soirées e bailes, sempre que é necessário a participação do elemento feminino” Edição Extraordinária, Jornal do Povo, 02/10/55.

¹⁷² Percebendo a incipiente fluidez, existe uma fotografia, datada de 1943, onde mostra a primeira turma de funcionárias do Banco INCO (antes só eram contratados homens na agência de Itajaí). Acervos do Arquivo Histórico de Itajaí.

¹⁷³ Entrevista concedida por Zulma Pereira Saad. Op. Cit.

Anne Martin-Fugier, num estudo sobre os ritos da vida privada burguesa à França do século XIX, nota que “A sociabilidade burguesa cria oportunidades de encontro entre os jovens (...). Os “bailes brancos” são organizados exclusivamente para as moças e os rapazes casadouros,” e brancos porque “símbolo de inocência e virgindade”.¹⁷⁴ Transportando o ritual para as nossas solteiras, a semelhança não parece mera coincidência: Sra. Zulma lembra, emocionada, “Era um vestido lindo, todo de tule, era todo feito à mão”¹⁷⁵, mostrando a fotografia onde veste um longo e alvo vestido, e sobre ele, a faixa de Rainha! Pode-se pensar que esse ritual reforçasse o ideal de casamento, e possivelmente fosse alimentado na espera do dia tão sonhado! (FIGURA 1)

Observando detalhes nas fotografias das “misses” e rainhas, nota-se que todas vestem vestidos brancos, longos, cinturados, vaporosos, salto alto, cabelos enfeitados e bem produzidos (curiosamente nenhuma de chapéu), algumas com luvas, outras segurando lenços, todas de corpo inteiro, sorriso suave, batom, poses “hollywoodianas” e com a faixa onde diz “MISS BLOCO DOS XX” e o ano. Todas deixam ver um decote um pouco “ousado”, já que era moda na época, acompanhando as tendências que vinham do Rio de Janeiro, obviamente também copiadas do exterior, já que na década de quarenta as roupas “... enfatizavam a cintura e o busto, apertando uma e realçando o outro”¹⁷⁶.

Faz-se de bom alvitre explicar que o traje de gala não era exclusivo das rainhas ou “misses”, já que se tratava de bailes onde distinções no trajar era outro comentário alto da festa: todos indistintamente vestiam trajes de gala. Os “solteiros”, com seus impecáveis “smokings” escuros, contrastando com o branco das vestes femininas,

¹⁷⁴ MARTIN-FUGIER, Anne. Op. Cit. p. 237. — *melman*

¹⁷⁵ Entrevista com Zulma Pereira Saad. Op. Cit.

¹⁷⁶ LAVER, James. A roupa e a moda: uma história concisa. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 262.

FIGURAS

Fig. 1. Baile de Aniversário - Bloco dos XX, 1941.

Em ordem: Srta. Zulma Muller Pereira, Rainha em 1941; Srta. Celeste Pereira, Miss 1941; e Srta. Afonsina Liberato, Miss 1940.



Fonte: Memorial do Bloco dos XX. Arquivo Histórico de Itajaí.

cabelos curtos e alinhados (brilhantina?) - as fotografias dão uma aura de sobriedade dentro da festa!

O salão de danças privativo do Bloco dos XX (inicialmente as festas eram feitas no Guarani, posteriormente passaram a ocupar o salão do Clube Almirante Barroso, clube este distintivo e dedicado a esportes náuticos) parece ter tido um significado envolvente: reformado em 1938, mostra o gosto refinado na plasticidade do recinto que esta fração de classe se permitia em sua conviviabilidade. Evidenciando esse envolvimento, o Jornal do Povo assim se expressa: “O salão de danças da nova sede, radicalmente reformado, ofereceu à grande assistência, constituída pelo nosso escol social, um aspecto deslumbrante”¹⁷⁷, além de que, certamente, as galerias dos retratos¹⁷⁸ das rainhas, “misses” e dos presidentes do clube, perfiladas na entrada do salão, devessem incitar olhares curiosos!

O ritual do baile de apresentação da “miss” seguia normas previstas pelo costume: iniciava o baile, parava para a inauguração dos retratos da “miss” anterior e do (os) presidente (es) do clube, seguia com a apresentação da “miss” eleita e a troca de faixa. Em seguida, dava-se o discurso da “miss” que deixava o cargo para então desenrolarem-se os discursos do orador, do paraninfo (era sempre um ex-presidente), do presidente de honra (Abdon Fóes), e depois continuava o baile... (FIGURAS 2 a 8)

Saliento que este era o único momento em que à mulher era dada a palavra no ritual da festa. Alguns dos discursos das “misses”, despedindo-se do trono, foram publicados na Edição Extraordinária, e não há nenhum que destoe, pois que pontuam

¹⁷⁷ Jornal do Povo, Itajaí, 17/08/38.

¹⁷⁸ Conforme os Estatutos, anualmente, por ocasião do Baile de Gala, eram inaugurados, nas respectivas galerias, os retratos da última “miss” e do presidente em exercício (ou presidentes que tivessem exercido o cargo e saído durante a gestão), prática esta que perdurou com o clube.

FIGURAS

Fig. 2. Inauguração do retrato da Miss 1946, Srta. Maria Letícia Heusi



Fonte: Acervo privado de Sra. Lili Fôes

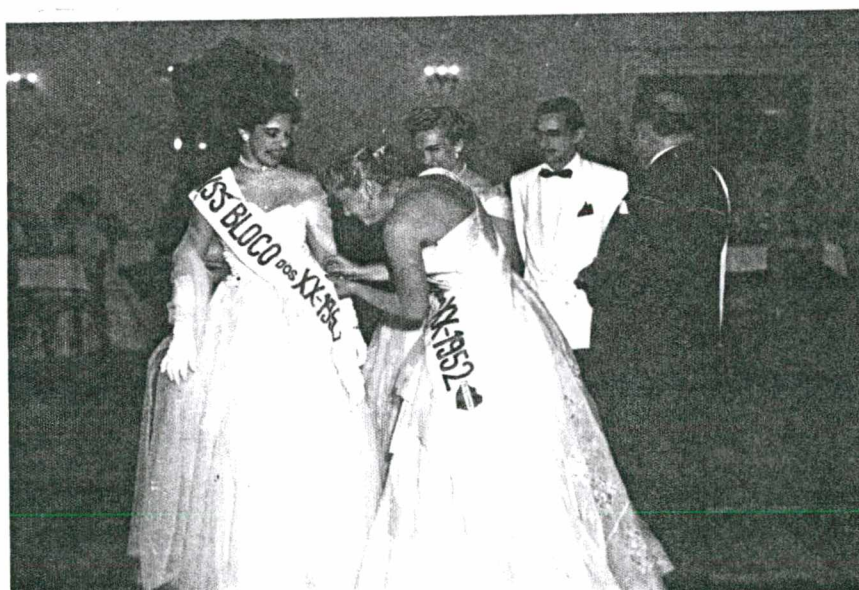
FIGURAS

Fig. 3. Brinde à Miss eleita em 31/08/1947, Srta. Maria Moni Nunes



Fonte: Acervo privado de Sra. Lili Fóes.

Fig. 4. Troca de Faixa da Miss 1952, Srta. Risolete Cesário Pereira para a Miss 1953, Srta. Maria Juraci Fóes



Fonte: Acervo privado de Sra. Lili Fóes

FIGURAS

Fig. 5. As Misses de 1952 e 1953 sendo apresentadas, possivelmente pelo Paraninfo da festa.



Fonte: Acervo Privado de Sra. Lili Fóes

Fig. 6. As Misses: Srta. Risolete Cesário Pereira, 1952, e Maria Juraci Fóes, 1953, em pose para fotografia. Baile de Gala, 29/08/53.



Fonte: Acervo Privado de Sra. Lili Fóes

FIGURAS

Fig. 7. A Miss 1953, Sta. Maria Juaraci Fóes e sua sucessora, Miss Jubileu 1954, Sta. Magali Reiser.



Fonte: Acervo privado de Sra. Lili Fóes

Fig. 8. Discurso do Presidente de Honra do Bloco dos XX, Sr. Abdón Fóes, durante a realização de um Baile de Gala. (sem data)



Fonte: Acervo privado de Sra Lili Fóes

agradecimentos aos moços pela oportunidade, agradecem efusivamente a Classe A, “... confirmando cada vez mais a sua tradição de êxitos e sucessos tão sobejamente conhecidos”¹⁷⁹, diz Srta. Maria Mioni Nunes, terminando seu discurso, em 1948.

Arnaldo Heusi, saudando a eleita “miss”, em 1941, assim se expressa:

“Quis a bondade dos *distintos* componentes que integram o simpático Bloco dos XX, agremiação que conta em seu seio os expoentes da sociedade e da minha terra, entidade que tem contribuído de modo decisivo para o maior brilhantismo de todas as festas realizadas em nossos salões de reunião, clube que tem sabido se impor pela *conduta irrepreensível* de seus responsáveis (...). Osculando as vossas delicadas mãos, curvo-me à vossa presença, homenageando em vós a Mulher que povoa de lindas fantasias os nossos corações, a Mulher - a musa das nossas aspirações, o capítulo eloquente e indispensável de nossa existência, o símbolo de nossa felicidade, porque é ela que reúne em si o belo e o amor, os dois companheiros inseparáveis, que nascem e crescem juntos e proporcionam encantos à vida. Em vós, saúdo a Mulher itajaiense, a *personificação da virtude e da moral*”¹⁸⁰ (grifos meus).

As imagens verbais falam por si, e o orador não estava alheio aos padrões aceitos e idealizados da época - virtude, moral, beleza, delicadeza, encanto. Lembro que o mesmo orador se casa com a homenageada no ano seguinte! Teriam tido todos eles e todo o tempo “conduta irrepreensível”? Provavelmente houve transgressões, que as fontes “escondem”... entretanto, manter-se na classe não era só seguir normas, mas também dissimular desejos, conter impulsos, comportar-se.¹⁸¹

Havia todo um significado no conduzir-se, inclusive pais e irmãos as vigiavam. Afonsina Liberato nos conta: “Eu tive uma educação muito rígida. Naquele tempo, a gente era muito controlada. Meu pai (...), quando a gente estava num baile, ele olhava assim, na ora eu fazia ‘mais uma’ com o dedo, e ele ‘mais uma só’.”¹⁸² Obviamente o controle

¹⁷⁹ Edição Extraordinária, Jornal do Povo, 07/08/48.

¹⁸⁰ Id. Ibid., 02/08/41.

¹⁸¹ Cf. ELIAS, Norbert. Op. Cit.

¹⁸² Entrevista com Afonsina Liberato Heusi. Op. Cit.

se fazia quando o moço que a acompanhava não era do inteiro agrado do pai da moça, ou no caso de algum “excesso”. Os rituais de dança e escolha do par possivelmente eram feitos mediante aprovação da família, e, provavelmente, as das mães casadoras deveriam também fazer a vigilância, e quiçá avaliando dotes e comparando os “partidos” presentes!

É evidente que, se as moças preparavam cuidadosamente sua “toilette” para o baile, os rapazes também o faziam, com vistas as possibilidades de olhares furtivos. Aliás, a literatura também pontua esse “arrumar-se”: n’O Retrato, de Érico Veríssimo, Rodrigo arruma-se para o Baile no Municipal - sabia ele que era um “bom partido”, e não queria fazer feio, mesmo porque lá estaria sua amada, e era importante que o visse bem trajado. “Sabia que ia brilhar naquela noite. Sabia que sua chegada causara sensação entre as moças casadoras da cidade. Já lhe haviam contado que mamãs e titias faziam entre si apostas: com quem dançará o Dr. Rodrigo a *polonaise*?”.¹⁸³ Sim, lá como cá as construções vão se dar na medida do olhar do outro, no caso, eles e elas por certo cuidavam da aparência tanto quanto dos gestos. Faz parte do jogo, do teatro, dos papéis, da sedução, das “minúsculas situações do cotidiano”, onde “O gesto existe para lembrar que a teatralidade é o denominador comum das situações do conjunto da existência”¹⁸⁴, portanto, pode ser contido, pensado, mas, se efêmero, também exerce sua profundidade.

Parece ter sido experimentada uma “cultura de salão”, constituindo-se um lugar onde perpassavam códigos, rituais, deslumbramentos, emoções, e permitidos apenas para quem fora selecionado para este convívio.¹⁸⁵ Ali também eram realizados saraus,

¹⁸³ VERÍSSIMO, Érico. O retrato. (2a Edição). Porto Alegre: Ed. Globo, 1963. p. 124.

¹⁸⁴ MAFFESOLI, Michel. A conquista do presente. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. p. 149.

¹⁸⁵ Osvaldo Rodrigues CABRAL nos conta que na Nossa Senhora do Desterro (atual Florianópolis), no século XIX, se a sociedade era fechada, abria invariavelmente seus salões, e aí eram seguidas normas de boa educação e etiquetas, sob pena de “...ser excluído do rol dos moços finos, candidatos a bons partidos matrimoniais (...). Era preciso ter uma conduta rigidamente prescrita - pois a não ser assim, não tinha vez o

noites dançantes, festas familiares e, segundo as memórias, nas quartas-feiras à noite, no bar do clube, os sócios se encontravam depois do trabalho. Se as moças iam? Algumas, acompanhadas dos irmãos.

E, quais seriam os critérios para que uma senhorita fosse eleita rainha ou “miss”?

Num primeiro olhar, parece que estavam na cabeça dos rapazes que as escolhiam, e poderia passar por beleza, estética, formosura. Mas não só isso, pois valores morais e de honra eram observados, fazendo com que cuidados no conduzir-se fossem rigorosamente avaliados, pois por aí também passava a escolha. Na expressão de Sra. Zulma, o significado de conduzir-se:

“Tu pensas que meu pai deixava a gente pintar a unha do pé? Nunca!! Um dia eu apareci em casa com a unha pintada e ele fez raspar, e eu não tinha mais acetona, tive que raspar a canivete para ir ao baile, senão ele não deixava”.¹⁸⁶

Na construção da mulher direita estava a outra, a transgressora da moral vigente, e era imperativo não parecer-se com esta última em nenhum detalhe, pois o “fantasma da prostituição” estava posto, ameaçando os códigos de comportamentos estabelecidos. As “moças de família” e “as mulheres da vida” estão se construindo umas em relação às outras. Margarete Rago, percebendo tais construções em São Paulo, na Primeira República, viu que nítidas diferenciações entre as duas figuras femininas estavam presentes. Ou seja, enquanto uma reforçava o ideal de mãe pura e esposa casta, a outra significava a desagregação, redefinindo papéis e valores.¹⁸⁷ Noto também aqui que o

rapaz, muito menos a jovem que quizesse manter ou disputar um lugar na sociedade.” In: Nossa Senhora do Desterro - 2: Memória. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1979. p. 47.

¹⁸⁶ Entrevista com Zulma Pereira Saad. Op. Cit.

¹⁸⁷ RAGO, Margareth. Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991. pp. 34 a 45, principalmente.

cuidado e a guarda de si se dava no limite da outra, e era também um dote precioso para ser moça escolhida por um bom partido, e obviamente obter um bom casamento e posição social.

Nesse sentido, o casamento era importante, e era importante a virgindade. “A virgindade era uma coisa muito séria”. Aliás, religião e moral andavam juntas, haja vista um cotidiano bastante marcado pela igreja católica, conforme relata ainda Sra. Zulma: “E lá em casa era assim, se tu não fosse à missa, tu não podia sair à noite, papai não deixava, não...”¹⁸⁸.

Sendo importante o casamento, o que diriam da solteirice? Se casar era o destino, ficar solteira era o castigo! Nossa Rainha nos conta que “a gente só perdia o trono quando casava. E foram só duas rainhas nesses anos; depois, então, modificaram e não tinha mais rainha, porque podia ficar uma solteirona, e aí... só tinha miss”¹⁸⁹. Sim, ficar solteira carregava toda negatividade; era a negação da mãe e a desconsideração da sociedade. Para uma sociedade onde casamento, lar e filhos configuravam o futuro idealizado para toda mulher, às mulheres que petenciam a “classe dos vinte” era mister que se esperasse um casamento dentro dos padrões vigentes.

Claudia Fonseca, em um estudo instigante, tece considerações acerca das “solteironas” na França, no início deste século onde, diz, a escolha do cônjuge dependia estritamente da situação da classe, sugerindo cuidados.¹⁹⁰ Em Itajaí, como já vimos, cuidava-se também das escolhas, ao que o Bloco dos XX deve ter funcionado como

¹⁸⁸ Entrevista com Zulma Pereira Saad. Op. Cit.

¹⁸⁹ Id. Ibid. O clube elegeu duas rainhas: Lea Schmitt (Leal), de 1937 a 1941 e Zulma Pereira (Saad), de 1941 a 1945.

¹⁹⁰ FONSECA, Claudia. Solteironas de fino trato: reflexões em torno do (não) casamento entre pequeno-burguesas no início do século. In *Revista Brasileira de História*. São Paulo/Anpuh, v. 9, ago/set. 1989. p. 99-120.

referência. Não encontrando um “par à altura”, houve também casos de solteirice, que a memória localiza como “falta de sorte”. Talvez passasse mais pela seleção... Mas, se boa parte dos moços da elite, seus pares em potencial, saiam da cidade para estudar, possivelmente houvesse um desequilíbrio entre homes e mulheres da mesma classe, e, alguns deles, provavelmente encontravam seus pares lá fora.¹⁹¹

O costume ditava regras sobre a idade ideal para contrair matrimônio: das moças era esperado que aos 20, no máximo 22 se casassem. Irene Boemer lembra: “Eu, quando me casei, já casei com 27 anos, já era uma solteirona! (...) E coitada daquela que desmanchasse o noivado! Ai, meu Deus, aquela não presta mais! Não, já é mulher, já.. mesmo que não tivesse feito nada”.¹⁹² Imaginam-se os cuidados na escolha, e os agrados para segurar o “partido” - depois do noivado, separar significava que a moça, por mais “honesta” que fosse, por certo provocaria um escândalo!

Dos moços, o casamento podia acontecer com a idade um pouco mais avançada, ficando entre 20 a 26. Aldo Mario Cunha lembra que “a gente casava dos 19 aos 25... eu me casei com 28 e na época já era considerado um coroa (risos)”¹⁹³ Obviamente havia “transgressões”: Arnaldo Heusi, alcunhado pelos colegas de “Príncipe de Gales”, só consorciara-se aos 39 anos. Um perfeito solteirão para a época! Note-se que, para as mulheres, era esperado que se casassem mais cedo, obviamente, para assegurar a virgindade, e, claro, a honra da família à qual pertenciam. Se aos moços era permitido casarem-se mais tarde, ou até permanecerem solteiros (embora não casar tenha sido raríssimo), provavelmente isso estivesse relacionado com o homem provedor, daí, a necessidade do

¹⁹¹ Foi-me citado que, lá pelos anos de 60 e 70, Itajaí tinha fama de possuir muitas “solteironas” famosas.

¹⁹² Entrevista com Irene Boemer. Op. Cit.

¹⁹³ Entrevista com Aldo Mario Cunha. Op. Cit.

tempo para os estudos e para assegurar uma certa condição financeira antes de assumir um compromisso marital. Já era costume culturalmente estabelecido, e assim construíam-se os gêneros. Aliás, ainda hoje, embora com considerável fluidez, permanece o tabu de que a mulher deva ter menos idade que o homem para uma relação matrimonial.

Não é novidade que as sociedades burguesas investiram sobre as condutas, o polimento e a distinção com vista a um bom “arranjo” matrimonial para seus filhos. Casar fora da esfera a que pertenciam significava cair do círculo, e muitos (as) tiveram que enfrentar a dor do celibato e do preconceito em relação a solteirice para continuar dentro da classe. O mesmo cuidado de si para fazer-se classe era absolutamente necessário para não cair de seus degraus, e isso, claro, exigia sublimação de instintos, contenção, num processo muitas vezes dolorido. O risco devesse valer o investimento, pois.

Dentro do espaço onde se davam as sociabilidades restritas, ou nas relações que se praticavam no interior dos acontecimentos sociais do Bloco dos XX, davam-se os namoros, noivados, casamentos. Fazendo uma relação dos enlaces matrimoniais realizados entre os anos de 1940 e 1960, conforme os anúncios da Edição Extraordinária e de alguns no Jornal do Povo, dos 129 nomes encontrados, realizaram-se 65 “contratos nupciais” onde o cônjuge era um solteiro da Classe A, sendo que 55 destes uniram famílias comprovadamente de Itajaí. Cotejados, percebo que somam 30 enlaces entre moços da Classe A e moças com o mesmo sobrenome deles, incluídos aí 5 casamentos com “misses”. Outros casaram-se com moças citadas como das sociedades de Blumenau, São Paulo, Florianópolis, Rio do Sul, São Joaquim, Curitiba.¹⁹⁴

¹⁹⁴ Esses dados serão melhor analisados no Capítulo 3.

Dentre as moças, a rainha Léa Schmitt casou-se em 1941 com Laércio Leal (citado como sendo de “família de políticos de Florianópolis”), e Zulma Müller Pereira casou-se em 1945 com Jorge Saad (citado como sendo “do alto comércio da Capital Federal”). As “misses”, aquelas que não ficaram no círculo da cidade, casaram-se com moços de outras cidades¹⁹⁵, como é o caso de Selma Kunifas, que casou-se com Salomão Wöller, de Curitiba, pois, segundo conta Sra Zari Macedo Mussi, “Era judia, e os filhos (das famílias judias que moravam em Itajaí), cresciam e iam para Curitiba casarem-se com judeus”.¹⁹⁶

Os anúncios em geral comunicavam a posição social, cargo que o nubente ocupava na sociedade, a cidade na qual residia, os nomes dos pais, a função ou propriedade que possuíam - dentre estes, encontram-se “altos funcionários do Banco INCO”, comerciantes, advogados, gerentes e diretores de grandes empresas, políticos, etc. As noivas aparecem como “dileta filha”, “prendada”, “graciosa”, etc, indicando o nome dos pais, função, posição social. Note-se a importância de distinções e a visibilidade que era dada aos enlaces, evidenciando que, mais do que alianças, somavam-se propriedades e relações. É possível pensar que essas famílias, à medida em que excluíam o “outro”, também cercavam-se de cuidados no sentido de unir poder político e econômico, mas não só: possivelmente por aí passava uma espécie de trocas simbólicas ou representações de poder que, como num jogo, definissem possibilidades de ganhos.

¹⁹⁵ Maria Mioni Nunes com Jacyr Pegorim, do Rio de Janeiro; Zélia Bernardes com Nivaldo Detoi, de Joinville; Gilda Amaral Pereira com Elmar Eineck, de Blumenau. As demais não foram encontradas nos jornais.

¹⁹⁶ Entrevista concedida por Zari Macedo Mussi, 68 nos, “miss” em 1950. Itajaí, 29/03/95. O anúncio do enlace encontra-se na Edição Extraordinária - Jornal do Povo, 02/08/52.

Por esta via de análise, Pierre Bourdieu nos dá pistas para pensar tais relações e posições dos agentes - os solteiros - nos diferentes campos, onde capital econômico, cultural, social, e "... também o capital simbólico, geralmente chamado prestígio, reputação, fama, etc., que é a forma percebida e reconhecida como legítima das diferentes espécies de capital"¹⁹⁷, estão num jogo quando se trata de unir as famílias e as pessoas por laços de casamentos.

Esse cuidado já foi visto por Eni de Mesquita Samara, num estudo sobre a família, no século XIX, em São Paulo. Analisando aí as uniões conjugais, conclui que "...os matrimônios se realizavam em círculos limitados e estavam sujeitos a certos padrões e normas que agrupavam os indivíduos socialmente, em função da origem e posição sócio-econômica".¹⁹⁸ É bem provável que, também em Itajaí, tratando-se de nomes importantes, devia-se levar em conta valores onde ocupação, riqueza, origem, posição social, religião fossem significativos, polarizando contratos nupciais.

Aliás, é curioso observar que, durante a guerra, a "invasão" de tenentes, coronéis, sargentos, "irritou", de certa forma, os solteiros, tanto que me disse um entrevistado, moço na década de quarenta: "Para as moças foi um alívio... pois quantos oficiais casaram por aqui, e nós ficamos 'chupando no dedo'". Se os pais deixavam? "Sim, porque eram gente direita".¹⁹⁹ Pode-se pensar que no imaginário daqueles solteiros as moças seriam "reservadas" para suas escolhas, ou seja, os enlaces devessem ficar dentro do círculo da elite local, uma espécie de "capital social"²⁰⁰ que devesse ser preservado.

¹⁹⁷ BOURDIEU, Pierre. Op. Cit., p. 134-135.

¹⁹⁸ SAMARA, Eni de Mesquita. As mulheres, o poder e a família: São Paulo, século XIX. São Paulo: Marco Zero, 1989. p 87.

¹⁹⁹ Entrevista concedida por Arton Cercal. Op. Cit.

²⁰⁰ BOURDIEU, Pierre - Op. Cit. p. 134-135.

Sendo assim, posso inferir que, se a chegada na cidade de moços estranhos ao clube, por um lado gerava um certo incômodo pois podiam estar competindo com estes, por outro, sendo “gente direita”, acabavam admitidos no grupo social, como ocorreu em alguns casos.²⁰¹

Ora, se havia tantos cuidados, e numa sociedade majoritariamente branca, também deveriam passar pela cor dos indivíduos. As memórias evidenciam a presença de “um certo capitão Aníbal” que veio para Itajaí durante a guerra

“...que era preto, bem preto mesmo! E naquele tempo havia aquele racismo, aquela coisa. Preto não dançava junto com branco e branco não dançava junto com preto, correto? E ele então, como maior autoridade dentro do Exército, ele comandava a Capitania dos Portos, todo o regimento que estava aqui, e nós não podíamos dizer que não, mandávamos um convite para o comando! Então tinha que mandar um convite para o comando. Mas, não criou problema não. Pelo contrário, sempre foi uma pessoa de *muita classe*, de um comportamento exemplar. Só que ele era preto, coitado! Era a única pessoa preta que entrava porque era do comando do Exército e porque era convidado. Nós não podíamos nos negar a convidar um comandante do Exército aqui (risos)! Então ele ia no Guarani, no Bloco dos XX, mas ele era um elemento que estudou (...). Essa pessoa *tinha cultura* para chegar e sair na maior dignidade, compreende?”²⁰² (grifo meu).

Sim, além de outros cuidados, era também importante não misturar a cor, evidenciando um forte racismo na sociedade, obviamente mais forte na camada social mais elevada, e nesse sentido, muito forte nos espaços demarcados pelos solteiros. Note-se que os códigos de civilidade estão norteando a presença daquele sujeito apenas “tolerado”, porque “tinha cultura” e “muita classe” - o que possivelmente também era importante para a “classe dos vinte” - e era portador de condutas.

²⁰¹ Embora alguns tenham entrado para a classe e permanecido em Itajaí, não era muito aceitável. Havia um cuidado e muito resguardo para que as mulheres não ficassem expostas quando os navios atracavam: “Prendam suas cabritas que os bodes estão soltos”, diziam. Isso para as classes populares, portanto, imagina-se que com a elite esse cuidado devesse ser ainda maior.

²⁰² Entrevista concedida por Carlos Afonso Seára, 66 anos, Diretor do Bloco dos XX em 1951. Itajaí, 29/03/95.

Ainda, Abdón Fóes nos conta do mesmo capitão Anibal, que “... embora fosse um homem de cor, mas dotado de grandes qualidades de coração”²⁰³ fez por aqui muitas amizades. Não, não casou por aqui. Mudou-se para Curitiba e não se soube mais dele... Provavelmente pessoas negras, mesmo que possuíssem certo nível cultural e econômico, fossem excluídas do círculo restrito, por conta do preconceito racial, sim, mas também, possivelmente, para não competirem com as moças e moços brancos disponíveis. As colocações também sugerem que, nas relações entre os gêneros, raças e classes, os homens tentam controlar erotismo, reprodução, produção de trabalho, enfim, com um cuidado de si para que paixões adversas não aflorassem.

Fazendo uma leitura destas imagens verbais, concluo que não havia espaço dentro da esfera “distinta” da sociedade local para pessoas de origem negra. Estas possivelmente tivessem seus próprios espaços onde também eram observados códigos e condutas. Aliás, comenta-se ainda hoje que “no Guarani, negro não entra”, constatando-se inclusive um entrevero ocorrido anos atrás, quando um senhor negro, bem trajado para a ocasião, foi barrado na porta do Guarani... por ser negro! Não há indícios de que qualquer pessoa de origem negra tenha feito parte do Bloco dos XX - o que é evidente! Imagine se os pais deixariam suas filhas dançarem a valsa com sujeitos negros!!

A questão do preconceito aponta para os projetos e desejos de branqueamento, tão caros às elites no século XIX e boa parte deste, com vistas às noções de civilização e progresso - obviamente no torvelinho de adesões aos valores da sociedade européia. Um trabalho instigante que percebe as relações sociais forjadas no século XIX, em Santa Catarina, revelando os preconceitos sobre sujeitos negros, encontra-se em Negro em

²⁰³ FÓES, Abdón - Revivendo o passado. In Jornal do Povo, Itajaí, 19/08/67.

Terra de Branco.²⁰⁴ Esta obra dá uma noção clara do ideário de civilidade ansiado pelas classes média e alta brancas, à emergência da imigração europeia, estigmatizando ainda mais outros grupos étnicos.

Se a Abolição, vinda a serviço da República, por um lado tirou os negros do finesto estatuto jurídico de escravos, por outro, condenou-os ao repúdio da sociedade que se civiliza, fê-los párias por tão longa data e, até hoje, sofrem a exclusão espúria e preconceituosa, contrariando a idéia otimista de antropólogos românticos sobre a “suposta” democracia racial. Em Itajaí, situado no sul-dito “branco”, concepção forjada por histórias “mal contadas”-, negros estiveram presentes²⁰⁵ desde a sua fundação e estão até nossos dias. Não estranha que, nas décadas de trinta a cinquenta, também por conta das idéias nazistas de arianismo, os preconceitos existissem. E as elites, claro, mantinham o referencial de civilidade versus branqueamento, definindo, portanto, lugares sociais. Logo, no Bloco dos XX, não poderia ter sido diferente. Aldo Mario Cunha, referindo-se aos clubes da cidade na década de cinquenta, rememora: “Eram os três, eram os três clubes...que no Barroso existia o preconceito, né, nem no Barroso, nem no Guarani, nem no Bloco dos XX, não entrava gente de cor...”²⁰⁶.

Na tentativa de buscar as construções de moços e moças nas relações que se davam no interior do espaço privado do Bloco dos XX, nas sociabilidades restritas que eram vivenciadas, posso já afirmar que aí não havia mistura. Ou seja, havia um cuidado na seleção dos convidados e também a preservação da privatividade, isto é, um lugar

²⁰⁴ Ver PEDRO, Joana Maria et alii. Negro em terra de branco: escravidão e preconceito em Santa Catarina no século XIX. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. Ver também MOURA, Clóvis. As injustiças de clio: o negro na historiografia brasileira. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

²⁰⁵ Em 1838, 9,66% da população de Itajaí era escrava, de um total de 1.686 habitantes. MAYKOT, Pe. Sérgio. A matriz de todos nós. Itajaí: Edição Paróquia do Santíssimo Sacramento, 1985. p. 16.

²⁰⁶ Entrevista com Aldo Mario Cunha. Op. Cit.

reservado para os “iguais”, quer na posição social, quer nas relações de cor, e, obviamente, nas escolhas para os enlaces matrimoniais.

Nesse sentido, Hannah Arendt faz ver essa esfera privada enriquecida através do moderno individualismo, ou na proteção “... daquilo que é íntimo”²⁰⁷, cujos laços estreitam-se e ficam mais autênticos na esfera social, à medida em que os moços se empenham na cobrança de condutas e comportamentos, evidenciando subjetividades e privacidade.

Mas, como seriam as relações fora desses espaços demarcados? Dentre outros lugares, havia as ruas, e nelas circulavam diferentes sujeitos, onde, claro, também devesse haver certos cuidados. As memórias evidenciam a existência do “footing”²⁰⁸, lugar sempre lembrado como tendo sido espaço importante para sociabilidades dos jovens. Sra. Zulma Saad rememora: “A gente se aprontava, bem bonita, bem arrumada, e então ia prá lá... A gente passava prá lá e prá cá, prá lá e prá cá... Os rapazes ficavam assim (de lado) e a gente ficava assim (no meio da rua) ... e eles às vezes andando, às vezes parados. A gente gastava sola de sapato!”²⁰⁹ Um cumprimento podia iniciar um namoro, e alguns namoros iniciaram aí! E, quais seriam os códigos de paquera? Sra. Afonsina Liberato Heusi nos lembra que olhar para um moço significava “tirar a linha”, o que representava que estava gostando. Mas, “se piscar, é porque estava namorando”²¹⁰ - código este que era também praticado no cinema, nos salões, etc. Códigos nem sempre tão secretos, mas que distinguiam modos de conduzir-se em público, e também um jeito de construir subjetividades. Por certo,

²⁰⁷ ARENDT, Hannah. Op. Cit. p. 48.

²⁰⁸ O espaço do “footing” ocupava uma quadra da rua no centro, ao lado da Igreja velha. Consistia num passeio onde os moços (geralmente) ficavam às margens da rua enquanto as moças “desfilavam” no centro. Na década de cinquenta, era inclusive fechado para carros nos horários de costume para o “footing”.

²⁰⁹ Entrevista com Zulma Pereira Saad. Op. Cit.

²¹⁰ Entrevista com Afonsina Liberato Heusi. Op. Cit.

burburinhos nas conversas em grupinhos privados de amigos e/ou amigas, comentando as “linhas” tiradas e as intenções de namoros, evidenciando uma “arte do flerte”!

Mas, quem participava do “footing”? Se a rua é, por excelência, o espaço dos populares, é também uma construção burguesa, e, certamente, para a prática do “footing”, haviam distinções. Horários eram observados. Lembra-nos os entrevistados que praticavam-se o “footing” nos sábados à tardinha, nos domingos à tarde e até certa hora da noite. Nesses horários, a rua era fechada para carros sendo livre para pedestres, e, por certo, os populares não se “aventuravam” à partilha do mesmo espaço nos iguais horários. Ainda, é possível induzir a idéia de que havia uma seleção dentro da mesma classe, de modo geral.

Muitas imagens nos são passadas do “footing”, nas diferentes cidades e épocas, denunciando a presença de dandis e melindrosas, prática esta que as sociedades burguesas, a partir da Europa, reinventaram como espaços de “flanar” nas ruas, obviamente coincidentes às reformas urbanas e higienistas. No Brasil, esteve presente nas cidades maiores, como Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre²¹¹ etc, nas outras, de menor porte, e mesmo em pequenas cidades interioranas.²¹² Ou seja, uma prática ligada às distinções sociais, de classes, de grupos étnicos, de cor, enfim, uma forma de forjar identidades e preservar os jovens de encontros não permitidos.

Praticado em Itajaí, desde o início do século, o “footing” foi constante até na década de 60. Dizem-me os bloquistas que também ali se mostravam “as novas modas”, moças e moços vestiam os melhores trajes, e o lugar da classe distinta era demarcado,

²¹¹ Ver SEVCENKO, Nicolau. Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. Também PESAVENTO, Sandra Jatayh (coord.). O espetáculo da rua. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Prefeitura Municipal, 1992.

²¹² JOÃO ANTONIO, em Casa de Loucos, dá um exemplo da prática do “footing” numa pequena cidade do interior paulista, nas décadas de 50 e 60, percebendo as nítidas demarcações de classes, espaços, horários, pontuando condutas, gestos, construções dos gêneros. (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.)

dizendo-se eles e elas assíduos frequentadores! “Nós fomos sempre bem vestidas, e só vestido, nunca calça comprida ou bermuda”, ou, “A gente era chamado de almofadinhas... A roupa era preparada pelos alfaiates, nós éramos muito exigentes(...). Elas (as moças) caprichavam muito. Já desde aquele tempo Itajaí primava pela elegância”.²¹³

Parece que, para além dos outros espaços de sociabilidades - bares, cafés, cinema, praia, clubes, festas religiosas e outras - a rua era também lugar de encontros, dentro dos padrões de respeitabilidade da época, naturalmente observados os costumes e condutas exigidas. Lugar de estratificação social, na rua também expunham-se distinções, davam-se visibilidade, controlavam-se gestos, construíam-se os sujeitos, reafirmavam-se os gêneros.

Num tempo onde os signos não mais revelam identidades, quando os códigos de hereditariedade e ascendência não mais estão à mostra, o “estar em dia com”, a aparência, os gestos, os espaços e horários tornam-se indicadores de “status” social, mostrando recursos, posses, personalidades, classe e cultura.²¹⁴

Ora, se eles e elas eram construídos para exercerem papéis diferenciados - e esperavam por isso -, também se preparavam para o matrimônio, e, claro, para a constituição de futuras famílias. Esta, conjugal e moderna tal qual conhecemos, ascendeu com o surgimento das sociedades burguesas, com o desejo de intimidade, através das subjetividades e concomitante ao “sentimento de família”, num longo processo de construção, como bem mostrou Ariés.²¹⁵ Parece ter sido, a família, termômetro das sociabilidades, pois que nas relações praticadas dentro da fração de classe a que pertenciam os bloquistas, davam-se as escolhas de seus pares.

²¹³ Entrevistas concedidas por Sra. Zari Macedo Mussi, “miss” em 1950. Itajaí, 29/03/95; e Paulo Bauer, Op. Cit.

²¹⁴ Sobre isso, Richard SENNET pontua minuciosamente as mudanças ocorridas na vestimenta e gestos, quando uma classe quiz se distinguir das demais, reinventando comportamentos. Op. Cit.

²¹⁵ ARIÉS, Philippe - Op. Cit.

Sim, aos rituais de escolhas somavam-se a constituição de outras famílias, onde, além dos enlaces unindo nomes, os moços e moças deveriam representar um “capital simbólico”²¹⁶ de honra, prestígio, à maneira de um jogo e que deve ter oportunizado, na sociedade itajaiense, o estreitamento de laços, distinções sociais e fechamento, cuidado, não mistura.

Percebo, por conseguinte, que certos valores eram preservados, onde vínculos e tradições eram vivenciadas. Mas, e depois? Lísia, itajaiense de minha geração, reporta suas lembranças para os anos de juventude estabelecendo um paralelo:

“Ainda hoje não há mistura de casamento. Existe em Itajaí a questão da tradição. Quando, em 1970, a gente queria ir a um baile, só podia ir com o par marcado, e o aval era ser filho do Bloco dos XX... Só podia sair com pessoas escolhidas, marcadas. A sociedade era fechada e é fechada até hoje. As famílias se conhecem e não há mistura”²¹⁷

Parece que aquela juventude foi muito marcada pela prática elitista da cidade, e o Bloco dos XX, se, por um lado, pode ter lhes proporcionado formas de participação menos censuradas, por outro, foi um dispositivo eficiente na formação da elite no que tange a preparação dos jovens. É provável que a construção daqueles sujeitos não se fez apenas no rigor das normas criadas - penso que as seguiam, sim, mas que também as transgrediam quando lhes convinha. Ou talvez reinterpretassem formas de divertimento saudável, criando espaços de sociabilidades que permitissem o lúdico, o prazer, sem romper com as normas costumeiras.

Convém lembrar que as pessoas faziam leituras individuais das normatizações estatuídas ou consuetudinárias no círculo dessa elite, representando cada qual à sua

²¹⁶ Cf. BOURDIEU, Pierre - Op. Cit. p. 134-135.

²¹⁷ Citado em conversa informal, em 1992.

maneira, o seu mundo e organizando-o de acordo com sua visão. Concordo com Darnton que pessoas comuns inventam suas próprias estratégias e lidam com o que lhe é peculiar para encarar as diversas situações.²¹⁸ E isso depende também da classe onde está o sujeito, as normas que esta lhe impõe. Dentro do círculo dos bloquistas, possivelmente houvesse interpretações individuais e significados múltiplos das normatizações, entretanto, as normas existiam para serem seguidas, sob pena de exclusão para aqueles que as transgrediam.²¹⁹

O clube durou trinta anos. Aqueles fundadores casaram, tiveram filhos e filhas, os quais continuaram a tradição dos seus pais: enfileiraram-se na Classe A e as filhas, entre as “misses”, carregando o nome e a distinção da família. Se o processo de socialização da subjetividade tem na família um lugar fundamental, ela é uma instituição privilegiada, obviamente tendo claro de qual família estamos falando.²²⁰ Aqui, retrato a família conjugal burguesa modernamente construída, essa mesma que às mulheres foi delegada a função de mantê-la coesa. Aliás, Sra. Lili Fóes nos conta que um grupo de senhoras formou um “grêmio” para reunirem-se, ou “um grupo de mulheres que bordavam, costuravam, falavam de moda, filhos, também jogo... Nos reunimos durante o que... quase 50 anos! Depois, por doenças, não teve mais. E muitas morreram.”²²¹ Enquanto fala, mostra fotografias de amigas, tiradas nestas reuniões em diferentes décadas - algumas à hora do lanche, quando, por vezes, convidavam os maridos - e todos, elas e eles, absolutamente impecáveis no trajar!

²¹⁸ DARNTON, Robert - *O grande massacre de gatos*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

²¹⁹ Existe em Itajaí, hoje, uma senhora, já octagenária, que na solteirice frequentava a melhor sociedade, filha de uma família de boas relações (o pai era dentista, de origem germânica). Tendo ficado grávida e solteira, sofreu a exclusão da família e da sociedade, sendo que, sem guarida, passou a viver praticamente como pedinte e vendedora de jornais.

²²⁰ Ver VELHO, Gilberto - *Família e subjetividade*. In ALMEIDA, Angela M. de et alii. *Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/ UFRJ, 1987.

²²¹ Entrevista com Sra. Lili Fóes. Op. Cit.

Agnes Heller faz um inventário dessa tradição sugerindo que, orientados pelo passado, "... os filhos imitavam os pais, nos seus modos de condutas e ação",²²² o que sugere certa permanência de valores que bem podem servir para pensar nossos solteiros. Comportamentos, papéis, condutas: se pouco parece ter mudado, a julgar pelos discursos "oficiais", enquanto durou o Bloco dos XX, pelo menos da maneira como se mostraram e se mostram, há que se interrogar se estes discursos não ocorreram por conta de imagens recorrentes do passado, querendo dar-lhes reforço.

Ora, em vinte anos as coisas modificam - sabemos que este século foi e continua sendo pródigo na rapidez com que se processam mudanças -, e principalmente num tempo em que muitos valores foram questionados, não seria possível que nada modificasse nas relações do Bloco dos XX.

Os discursos da Edição Extraordinária, de 1941 a 1957, repetem-se nos dizeres, alicerçados na tradição de que se diziam portadores, da mesma forma como os rituais - jantares de confraternização, Bailes de Gala, escolhas de "misses", eleições -, a própria circulação do jornal com fotos dos moços na primeira página e as imagens idealizadas sobre as mulheres. Entretanto, um olhar mais minucioso pode perceber sensíveis modificações. Exemplificando: se até 1954 as mulheres apareciam enquanto "misses", apenas vistas quase como um "suplemento", e cuja fotografia só aparecia na última página, nas edições de 1955 e 1956 elas aparecem na primeira página (foto maior) juntamente com os moços, inclusive os editoriais tem a palavra delas. É certo que em 1954, ao ser criado, por iniciativa deles, um Departamento Feminino - embora sem entrarem para a

²²² HELLER, Agnes - O cotidiano e a História. São Paulo: Paz e Terra, 1985. p. 889-890.

Diretoria do clube -, podiam elas, desde então, participar das reuniões mensais - o que já se constituiu numa grande mudança!

Em 1954, tem início a prática de promoverem desfiles de modas, inclusive intercambiando visitas - moças daqui iam desfilarem fora e vice versa -, como aconteceu na “Festa da Recordação do Bloco dos XX”. Nesta festa, desfilaram moças de Itajaí e de Florianópolis²²³, por ocasião das festividades comemorativas do Jubileu de Prata, quando também aconteceu a “grandiosa soireé, em estilo Boate - denominaram o evento de <<NOITE AZUL>>, em homenagem ao seu distinto quadro social”²²⁴. Obtiveram, inclusive, a presença de Ângela Maria (Rainha do Rádio) para os festejos, o que constou um grande acontecimento, segundo os articulistas. Ainda, organizaram uma “Gincana Automobilística, pela primeira vez no Estado”, e, claro, o “jantar de confraternização, em Cabeçudas”²²⁵, reunindo a “miss”, ex-presidentes, Classe A e convidados especiais.

Ilustrando esta comemoração, o Jornal do Povo indica que, para o delírio dos bloquistas, na noite de passagem do aniversário, haveria “à zero hora da noite, grande queima de fogos de artifício no Morro da Cruz”, e, no mesmo dia Sady Magalhães, ex-presidente do clube, discursaria na Rádio Difusora. Ora, festejos privados tornaram-se absolutamente públicos! O que diriam os incautos transeuntes, numa cidade ainda pequena, aos estrondos de fogos vindos do alto do morro, sem sequer saber a que se destinavam? E o discurso na rádio, como teria sido representado e apropriado pelos ouvintes??

Já em 1955, trazem a orquestra Cassino de Servilha a Itajaí, promovem a escolha das “dez mais elegantes” senhoras e senhoritas do clube, boates, baile de debutantes

²²³ Jornal do Povo, Itajaí, 25/07/54.

²²⁴ Id. Ibid., 11/07/54.

²²⁵ Id. Ibid., 01/08/54.

(além da escolha da “miss”); em 1956, além de promover concurso de “miss charme” e “miss suéter”, uma página traz “misses” Santa Catarina e “miss” Itajaí, em diversas poses, usando... calças compridas! A edição de 1957, que também anuncia a escolha de “miss brotinho”, divulga extenso editorial o qual faz “Uma exaltação aos bloquistas” e um longo artigo com o objetivo de rememorar “Os primeiros dias do Bloco dos XX”, com ênfase, claro, aos feitos, a tradição, ao desvelo e liderança de se diziam portadores, “mitificando” os fundadores e seus ex-presidentes.

Já em 1958 e 1959, os moços envolveram-se em busca de uma sede própria (o que não ocorreu), e os jantares comemorativos. Aqui, além dos convidados habituais, tiveram a presença dos poderes Legislativo e Executivo do município. O ano de 1959 foi farto na prática de desfiles, concursos, shows, quando apresentou-se, inclusive, Nelson Gonçalves. Moda e elegância eram a pauta das colunas sociais ligadas ao Bloco dos XX, talvez por conta das atividades das mulheres, já participando ativamente da organização. Para a escolha da “miss”, contam com a presença da “miss Flamengo 59”, e a nota jornalística dá o termômetro:

“É assunto predominante em todas as festas nas rodas sociais. Movimento desusado nas casas de modas. Preparativos. Forasteiros solicitando acomodação. Prognostica-se ser a maior e a mais suntuosa festa social do ano de 1959: SOARÊ DE GALA DO BLOCO DOS XX, em comemoração ao 30º aniversário de fundação, com renda destinada aos favelados, os pobres e doentes da Estrada de Ferro”.²²⁶

Foi, sem reservas, o assunto do ano. Após este acontecimento, as notícias sobre o clube vão paulatinamente escasseando, sendo que em 1960 é anunciado o concurso - se ocorre, o jornal não noticia. A coluna social do Jornal do Povo, que até então ocupava

²²⁶ Id. Ibid., 15/11/59.

uma página, vai diminuindo até constar numa única coluna, noticiando apenas aniversários. É a política que predomina, doravante.

Como pensar essas mudanças? Em 1954, ano em que Martha Rocha foi eleita “miss Brasil”²²⁷, iniciou-se uma nova fase deste concurso que deve ter influenciado nas mudanças do clube, e as mulheres devem ter tido importância fundamental nisso. Noto que o referencial de beleza também modifica - a estética e a elegância estão no calor do momento, o que não significa que valores anteriores não fossem observados.

Faço mister lembrar que o período pós-guerra alargou visões de mundo interferindo no viver das pessoas, e, principalmente, das mulheres, que passaram a assumir definitivamente funções no espaço público. A indústria da moda também se reestruturou, e a referência parisiense passou a competir com os mercados americanos e ingleses, estimulando o consumo. Se, na Paris dos anos 50, “...as mulheres deveriam ter a aparência de quem dispndia tempo para ter um aspecto perfeitamente cuidado”²²⁸, então beleza, elegância e bons tratos com o corpo e a estética passaram a ter mais importância, principalmente para mulheres das classe mais “distintas”. Esse referencial chegou ao Brasil na mesma época, sendo copiado, obviamente, em diferentes lugares. Dentre estes, estava Itajaí, que, como disse Arno Bauer, desde sempre primou pela elegância!

Ora, se os discursos deles ainda recorriam a imagens antigas, estão falando em outro contexto, e parece que meio “deslocados”. As mulheres estavam interferindo nos espaços ditos públicos, e também aqui, no espaço que até então era administrado por homens. Nessa nova geografia, as linhas entre público e privado ficam mais tênues. Um

²²⁷ SEGUNDO, Jorge. 20 anos de misses. In: *Revista Manchete*, nº 16, 18/04/73. p. 40.

²²⁸ LAVER, James. Op. Cit. p. 260.

clube masculino, com características tão fechadas e códigos bem guardados, por certo não resitaria aos novos ares... e não resistiu.

Não que condutas e valores de honra fossem deixados de lado. Eles e elas ainda os observavam, afinal, nada na cultura se modifica tão rapidamente, ainda mais numa cidade de pequeno porte como era Itajaí, na época. A exemplo disso, por ocasião da escolha das “dez mais elegantes”, a cronista assim se expressou: “A elegância deve fazer parte de uma personalidade feminina, sem, no entanto, tomá-la toda, como sendo uma única qualidade. Ela é apenas a moldura que enfeita um quadro, todavia, sem ter mais valor que este”²²⁹. Parece que os novos valores estéticos vão se adentrando com certa reserva, permanecendo, entretanto, idealizações nas contruções.

Possivelmente, depois do clube, muito daquilo que nele foi vivenciado continuara em vigor. Hoje já não se fala tanto sobre condutas e comportamentos, pelo menos de forma “intitucionalizada”, entretanto, algumas daquelas práticas ainda são vivenciadas. O Clube Guarani continua “distinto”.²³⁰ Aquelas famílias e seus filhos voltaram-se para suas casas de praia e de campo, em busca de refúgios. E, muitos ainda casam-se de acordo com o modelo tradicional, mesmo que não seja sempre “até que a morte os separe”. Outros atores sociais adentraram-se na cidade, oportunizando mistura - mas nem tanto: ainda são comentados nos círculos restritos, os casos de enlaces entre provincianos(as) e plebéias(eus), utilizando aqui a metáfora.

²²⁹ *Jornal do Povo*, Itajaí, 21/08/55.

²³⁰ Neste ano de 1996, por exemplo, não houve baile de carnaval no Clube Guarani. Sua Diretoria decidiu não promovê-lo devido brigas ocorridas nesses bailes nos últimos anos, no interior do Clube. Noto que a elite já não tem a mesma conduta, e o Clube já não funciona com os mesmos códigos.

Hoje, sabemos, o espaço é bem mais aberto. A Universidade da cidade, lugar de classe média baixa²³¹, se encarrega de trazer muitos jovens de fora, e, destes, alguns ficam depois de formados, misturando-se à comunidade. Códigos se modificam, e as contudas também.

Os jovens de hoje fazem da Avenida Beira Rio o local privilegiado de encontros, e nos bares não há mais distinções, entretanto, os clubes ainda fazem a separação: ali, os filhos da classe mais privilegiada se encontram. Os encontros no “footing” foram substituídos pelas passarelas dos “Shopping Centers”, lugar também de distinções e demarcações.

Aqueles outros, que não por acaso são os pais dessa “geração Beira Rio”, ou “geração Shopping Centers”, que desfilam em carros do ano e cursam a Universidade, são os mesmos que, tendo galgado a experiência de estarem à frente de um clube “distinto” e o administrado na sua juventude, partiram para outros setores na sociedade. Assumiram cargos em funções qualificadas, e, parte deles, participaram e alguns ainda participam da esfera pública política, constatando-se um “aprendizado” na vivência de seu clube, como ainda veremos.

²³¹ Os alunos da UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí - , em sua maioria, são trabalhadores assalariados durante o dia. Filhos de famílias mais abastadas encaminham-se para cidades maiores.

CAPÍTULO 4

DA ESFERA PÚBLICA LITERÁRIA À OUTRAS ESFERAS: O "APRENDIZADO" DOS SOLTEIROS

"...Os homens contróem sua experiência."

*Peter Gay*²²²

Na tentativa de entender a peculiar forma de sociabilidades experimentada pelos solteiros, no espaço privado do Bloco dos XX, é conveniente, aqui, pensar os meandros pelos quais perpassaram, desde a reinvenção de uma esfera literária, no final dos anos vinte, em Itajaí, e como vivenciaram relações que lhes deram notabilidade nas três décadas seguintes, envolvendo-se, muitos deles, em funções sociais relevantes nos diferentes setores da sociedade.

Sabemos que as relações dos solteiros delinearam-se no convívio de sociabilidades restritas, os quais, no comando de seu clube, possivelmente imbuíram-se de saberes que lhes permitiram determinados poderes para o exercício de funções distintas nos setores econômico, social e político da cidade, constituindo uma certa "geografia" diferenciada e elitista. Nesse sentido, para melhor entendermos este clube e suas peculiaridades, faz-se necessário investigar por quais caminhos enveredaram-se na

²²² GAY, Peter. Op. Cit. p. 20.

afirmação deste espaço privatizado, se construíram aí uma certa identidade pautada na “união fraternal e solidária”, como o dizem; quais as oportunidades de ascensão o clube lhes oportunizou; que espécie de aprendizado teriam experienciado para a vivência futura, inclusive no alcance de cargos proeminentes no setor público e projetar-se na esfera política.

Para tentar reponder estas questões, narrando a experiência peculiar dos solteiros e dando-lhes historicidade, atentarei aos muitos discursos que nos legaram, deixados impressos na Edição Extraordinária, dentre outras fontes possíveis, com o cuidado de perceber o lugar de quem fala, como, o que e para quem fala, observando os ensinamentos de Michel Foucault.²³³ Não é pretensão procurar os sujeitos construídos pelos discursos, mas sim perceber os discursos que emergem da posição e lugar de quem fala, inserido este nas suas determinadas relações.

Por esta via, sabendo já que eram uma fração de classe, filhos das famílias “distintas” de Itajaí, pergunto-me: teriam se agrupado forjando uma certa identidade? Discursando por ocasião do aniversário do clube, em 1941, o presidente traça um panorama deles mesmos, pois que viam-se “...unidos sempre em torno do mesmo ideal e em completa união”, objetivando “oferecer à sociedade influxos sadios (...) com propósitos em seguir os ditames da boa doutrina que rege os princípios sociais”²³⁴. Ora, se irmanados em torno de um ideal comum, o de construir a “boa sociedade”, obviamente a “sua” sociedade, com regras a serem observadas por quem dela fazia parte, por certo algo os identificava.

Posso sugerir que objetivos comuns pressupõem certa identidade, todavia, não cabe aqui uma discussão sobre esta questão, ainda de exploração incerta. Embora

²³³ FOUCAULT, Michel. (1986). Op. Cit.

²³⁴ Edição Extraordinária, Jornal do Povo, Itajaí, 02/08/41.

tatesante, pensar a identidade exige historicização e avaliação, conforme as peculiaridades de cada estudo. Aqui, a noção de identidade caminha por um campo mais fluido, haja vista o cuidado para não cair em universalizações, que olvidam as especificidades individuais, como nos lembra Heloisa Buarque de Holanda, discutindo uma suposta “identidade feminina”.²³⁵

Se é admissível supor que todo processo de identificação implica em reconhecer-se enquanto pertencente a um grupo com ideais comuns, e, neste caso, com o cuidado de permanecer dentro da mesma classe²³⁶ conservando-a dos “perigos” que o “outro” pode significar, posso inferir uma certa identidade, sim. Diziam-se “...moços, aos quais está confiado o grande tesouro, que é a conservação da vida social de Itajaí, e que, possuidores dos mais nobres ideais, sempre elevarão com firmeza, dignificando a querida e vitoriosa sociedade Bloco dos XX”, e viam-se como “um exemplo de confraternização humana”²³⁷. Noto, então, que estavam construindo um lugar onde se consolidavam relações afetivas, e, por extensão, de pertencimento à fração de classe a que, evidentemente, faziam parte.

Teriam consciência disso? Homenageando o clube, o articulista, na Edição Extraordinária de 1946, tece considerações a “esse pugilo de jovens, que tem a noção exata de seus deveres, procuram, na melhor harmonia e num exemplo de completa fraternidade, realizar algo de útil, de interessante, em nossa comunidade”, o que “enche de rigozijo a todos os corações bem formados”²³⁸. Neste texto, entrevejo um sentimento do pertencer a

²³⁵ HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Introdução: feminismo em tempos pós-modernos. In: Tendências e impasses, o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

²³⁶ A classe aqui é vista como uma relação, fazendo-se na experiência vivida no tempo, entendida como formação cultural e social. Ver Edward P. THOMPSON. Op. Cit.

²³⁷ Edição Extraordinária, Jornal do Povo, Itajaí, 04/08/45.

²³⁸ Id. Ibid., 31/08/46.

uma certa comunidade - certa, porque fala a seus pares, e para a comunidade que idealizavam para si.

Para além dos inúmeros “soirées” e chás dançantes, convescotes, jantares comemorativos, etc, o ponto alto do clube era, sem dúvida, o Baile de Gala - aniversário e coroação da “miss” -, ritual de rememoração, mas também de reafirmação. Dulce Maria Pamplona Guimarães, num estudo sobre festa e memória em Ribeirão Preto, na década de sessenta, discutindo um processo de identificação, esclarece que “... a busca de uma identidade conduz, muitas vezes, a uma situação em que o fim proposto é a conquista de uma integração harmoniosa dos grupos, amortecedora dos conflitos de classe, camuflada das oposições e interesses”²³⁹, para onde os organizadores da mesma querem trazer um passado mítico, evocar lembranças. Ora, julgando os discursos proferidos nestas ocasiões, pelos bloquistas, posso observar que o ritual da festa/celebração é também um reforço à identidade coletiva, evocando os “mitos” fundadores. Vejamos:

“Uma plêiade de jovens entusiastas, de larga visão e sonhadores como o sabe ser a mocidade, fundou, naquele distante ano de 1929, isto que Itajaí tem podido orgulhar-se, que é o nosso Bloco dos XX. Eram 20 que valiam por mil, (...) e o alicerce de nossa entidade recebeu o fluxo do ideal pujante que os animava, e o resultado aí está: Uma sociedade que pode igualar-se com o que de melhor há nas sociedades do Brasil, porque à sua frente tem passado homens de valor, idealistas e intemeratos”²⁴⁰.

Sebastião Reis, discursando por ocasião do jantar comemorativo do 24º aniversário, é enfático: converge sua oratória para um passado de glórias, de “homens intemeratos”, e, aflorando a memória dos presentes, reproduz valores que fortalecem a identidade do grupo, ou busca “... realimentar em seus participantes o sentimento de “fazer

²³⁹ GUILMARÃES, Dulce Maria Pamplona. Festa de produção: identidade, memória e reprodução social. In: *História*, São Paulo: UNESP, v.11, 1992. p. 185.

²⁴⁰ Edição Extraordinária, *Jornal do Povo*, Itajaí, 29/08/53.

parte”²⁴¹. Compreende-se daí a “tradição” de que se dizem portadores, e a cada festa, lembranças, enlevos, o passado mitificado, e o desejo de “comemorar condignamente, a exemplo de nossos antecessores, a passagem de aniversário da fundação do nosso clube”, como quer seu presidente em 1941.²⁴² Ou ainda, “uma festa que já se tornou tradicional em nossa vida social”, reunindo “o que de melhor possui Itajaí”²⁴³.

Parece que dentro das expectativas dos sujeitos, o tempo é o da memória, simbólico e linear, pois que, apoiados no passado, o presente a manipula, e promete futuro brilhante. Outra vez o Editorial remete enlevos ao “vitorioso clube”, este que conquistou “uma posição de destaque pela esmerada organização (...), convergendo para si as atenções e interesse de elementos proeminentes da cidade”, os quais, “vinculados por laços de afeição e estima, assinalam mais uma etapa, mais uma caminhada cheia de trabalho e progresso”, incentivando a mocidade, “manancial das forças inspiradoras, que prossiga nesta trajetória que dignifica um passado, honra o presente e faz-nos acreditar num futuro risonho e promissor”²⁴⁴.

Ora, se considerarmos as representações e imagens no ritual de “entronização” da “miss”, pode-se fazer uma releitura e perceber as relações de poder; sejam estas econômicas, sociais, de gêneros, políticas e culturais que aí perpassavam. A cada ano, era em torno das mulheres que o clube se afirmava e reafirmava, ao celebrar o fim de um reinado e o início de outro. A “miss”, mais que “fino ornamento”, seria um elo entre passado e presente, assim como os moços, do que bem se orgulhavam. Remaclo Fischer, em um artigo intitulado “Um clube completa maioria”, assim se expressa:

²⁴¹ GUIMARÃES, Dulce Maria Pamplona. Op. Cit. p. 184.

²⁴² Edição Extraordinária, Jornal do Povo, Itajaí, 02/08/41.

²⁴³ Id. Ibid., 31/08/46.

²⁴⁴ Id. Ibid., 18/08/51.

“E, num futuro muito próximo, esses mesmos fundadores, jubilosos e orgulhosos, terão a satisfação de assistirem a posse de seus filhos na direção do Bloco que estes fundaram, e a consagração de suas lindas e encantadoras filhas na galeria das soberanas do clube, como verdadeiras jóias que lhes são ofertadas pelo quadro social, em reconhecimento por este mimo que elas deixaram para a sociedade itajaiense”.²⁴⁵

Não espanta, então, que estabelecessem laços de amizade e solidariedade, onde as tensões ficassem “do lado de fora”, conforme indicam os Estatutos de 1946 - a privatividade devia ser exercida na maior cordialidade, proibindo aí, no interior do clube, discussões que envolvessem questões políticas, privadas, de credo religioso, enfim, um lugar onde códigos de polidez fossem observados. Ou seja, construíam subjetividades e um cuidado de si, pontilhando ensinamentos sobre como “ser distinto” e, ao mesmo tempo em que essas sociabilidades se efetuavam, se reproduziam em grupos menores que possivelmente os “irmanassem” ainda mais. Até onde os laços de solidariedade se davam?

O Editorial de 1946 é claro:

“Clube da mocidade, em cujo seio impera a maior cordialidade, onde se aprende a consolidar laços de amizade entre os seus integrantes, o Bloco dos XX encerra no seu programa, um mundo de coisas sublimes, a começar pela união fraternal dos moços...”²⁴⁶

Amizade, fraternidade, laços consolidados. Valores que pressupõem entreajuda, portanto, supõem que aí coexistissem influências, coalizões, possivelmente barganhas. Silveira Junior, a convite do clube, escreve um artigo intitulado “Um bloco e vinte moços”, onde expõe a idéia de que neste grupo não havia lugar para muitos: “E como é difícil entrar para a classe dos <<eleitos>>! Aquilo é u’a maçonaria tão bem feita, mas tão bem feita, que o camarada só entra se for bom de fato”²⁴⁷. Ora, quais os critérios para ser “bom de fato”?

Entrar para a classe dos “eleitos” exigia boa conduta, onde a “... seleção é (era) feita

²⁴⁵ Id. Ibid. 19/08/50.

²⁴⁶ Id. Ibid., 31/08/46.

²⁴⁷ Id. Ibid.

somente no seu legítimo feito moral”, segundo ainda nosso cronista. Obviamente, o moço já teria passado pela primeira prova - estar na Classe B - , portanto, pressupõem-se reuniões acaloradas na escolha de um camarada “bom de fato”!

Aldo Mario Cunha, diretor do clube na década de cinquenta, interrogado sobre quem poderia fazer parte dos “eleitos”, assim se expressou:

“Todos os que entravam no Bloco dos XX, eles não entravam diretamente na Classe A, todos nós entramos na Classe B, e na medida em que fôssemos nos destacando no clube, ajudando e participando das promoções, a gente passava a ser observado. Então eram aqueles vinte em reuniões... às vezes eram indicados nomes de pessoas, e aquilo era analisado, o comportamento fora (...). Tinha que ter um comportamento, era o comportamento da gente na sociedade e a iniciativa da gente perante os outros setores da vida, então eles analisavam e achavam que podia...”²⁴⁸

A memória de nosso ex-solteiro evidencia um elenco de valores que se observava à entrada de um solteiro. Sim, “aqueles vinte em reuniões” faziam suas escolhas, ou, em reuniões privadas decidiam sobre quem dentre os solteiros, sócios da Classe B, poderia fazer parte da classe dos “mais iguais” (os vinte da Classe A), e, quiçá, depois galgar o posto dos “mais distintos”, entrando para a Diretoria!

Evidentemente, isso pressupõe a existência de desiguais, ou, resgatando uma premissa política que Hannah Arendt traz, examinando a “polis” grega, onde a igualdade “significava viver entre pares, e lidar somente com eles”²⁴⁹, essência da liberdade, aqui, embora as duas esferas, pública e privada, recaem uma sobre a outra - característica das sociedades modernas - , a desigualdade está posta. Todas as decisões tomadas para o público, e aqui estamos falando das Classes A e B, eram tiradas num espaço privado, embora eles, os “mais iguais”, fossem parte de um público. Interpreto como que nestas

²⁴⁸ Entrevista com Aldo Mario Cunha. Op. Cit.

²⁴⁹ ARENDT, Hannah. Op. Cit. p. 42.

decisões recaíssem interesses particulares/jogos de influências, em cujo círculo de intimidade devessem chegar a alguns consensos, o que não elimina possibilidades de dissensos.

É bem provável que aqueles jovens formassem ligações solidárias de interdependência e ajuda, fechando ainda mais a sociedade em épocas de crises, de forma a permanecerem coesos no objetivo de manter o bom nome da sociedade. Possivelmente tenha havido uma certa “política do segredo”, antecipando a esfera pública, como lembra Habermas²⁵⁰, ao perceber as sociedades secretas na Europa do século passado. Ora, nessas reuniões privadas, para além dos interesses particulares, provavelmente devessem ser discutidas coisas do público, ou mesmo feitas críticas ao poder - que as fontes deles, e sobre eles, em momento algum remetem a desacordos (dissensos), entretanto, devem ter existido.

Teria havido influência dos ritos maçônicos²⁵¹ nestas reuniões privadas? Conforme D’Ávila, num estudo sobre a fundação do ensino superior em Itajaí, na década de sessenta, a influência dos maçons foi considerável. Recrutados dentre os membros das classes mais elevadas da sociedade, e unidos por “laços de famílias ou ligações profissionais, comerciais e políticas”, os maçons estabeleceram, em Itajaí, “uma eficiente rede de relacionamentos” com “poder de influência e compromissos de entreajuda”, e dispendo-se a participarem das iniciativas de ressonância comunitária.²⁵²

Ora, as ideias de entreajuda, solidariedade, irmandade, amizade, laços, etc, estão presentes em praticamente todos os discursos, editoriais, crônicas em que os solteiros

²⁵⁰ HABERMAS, Jürgen. Op. Cit. p. 50.

²⁵¹ A Loja Maçônica “Accácia Itajahyense” de Itajaí foi fundada em 24/11/1911, por sujeitos de influência política e econômica da cidade. Ver D’ÁVILA, Edison. (1995). Op. Cit. p. 60.

²⁵² Id. Ibid. p. 60.

se vêem e se tematizam. Sabe-se que em Itajaí havia muitos maçons no período que ora estudo, e dentre estes, Nestor Schieffler, um dos fundadores e diretores do clube; Alberto Bernardes, que exerceu por quatro vezes cargos na diretoria (duas vezes presidente), dentre outros que possivelmente estiveram entre os veneráveis.²⁵³ O ideário maçônico pauta-se nos princípios de igualdade social, liberdade, valorização da razão - bases do liberalismo -, embora dissimulados em grupos de entreajuda.²⁵⁴ Pode-se supor que houvesse no clube influência das idéias de sociedades fechadas nos moldes dos ritos maçônicos, mesmo que as dissimulassem. Entretanto, eram práticas destes sujeitos sociais; eles se reuniam e se ajudavam o tempo todo, vigiavam-se nas condutas e controlavam aos outros e a si.

Num jantar de confraternização, em 1952, quando estavam reunidos os ex-presidentes com os vinte do ano em curso, e convidados os poderes Legislativo e Executivo municipal, Lauro Mussi, orador oficial do clube, assim se expressou:

“Senhores:

Cada um de nós tem necessidade de outros para sua vida material, intelectual e moral, não somente em virtude das necessidades e indigências da natureza humana, mas também por causa da generosidade radical inscrita no próprio ser.

A pessoa é um todo, mas não um todo fechado, e não um pequeno Deus sem portas nem janelas como a mônada de Leibniz, ou um ídolo que não vê, não ouve, não fala.

Por sua própria natureza ela tende para a vida social e para a comunhão. Falando de maneira absoluta, a pessoa não pode estar só. Assim, a sociedade forma-se como algo exigido pela natureza, como uma obra efetuada como um trabalho da razão e da vontade, e livremente consentida.

O fim da sociedade não é o bem individual. O fim da sociedade é o bem comum, o bem do corpo social”²⁵⁵

²⁵³ Em 1946, Zélia Bernardes, “miss” em 1942, casou-se com Nivaldo Detoi, Inspetor da Cia de Minas Brasil, que também era um venerável (maçon).

²⁵⁴ “Os historiadores maçônicos concluem que, no contexto geral europeu, as relações entre Maçonaria e Espírito das Luzes não consistem num empenho especial da primeira em definir o segundo, mas simplesmente num processo de osmose: o Espírito das Luzes simplesmente está nas lojas porque está presente por toda a parte e a Maçonaria não seria uma excessão”. GONÇALVES, Ricardo Mario. A influência da Maçonaria nas independências latino-americanas. In: COGGIOLA, Osvaldo (org). A Revolução Francesa e seu impacto na América Latina. São Paulo: Nova Stella/EDUSP; Brasília: DF/CNPQ, 1990. p. 201-202.

²⁵⁵ Edição Extraordinária, Jornal do Povo, Itajaí, 02/08/52.

Lauro Mussi falou a uma platéia seleta, onde pessoas ligadas ao poder público municipal se faziam presentes. Com argúcia, construiu uma imagética de sociedade, onde cada qual é um elemento único, “um todo”, mas só existe se estiver congruente com os outros, em harmonia (idéia de mônada). Com o artifício intertextual, chama Leibiniz ²⁵⁶, enunciando signos representativos, obviamente inserido no lugar social que fala e para quem se expressa - como foi dito, a seus pares - legitimando, portanto, o discurso. Os valores enunciados concordam com a visão que tinham de si e de seu mundo, logo, posso inferir que esta comunicação devesse persuadir²⁵⁷ os ouvintes da “necessidade” de estarem juntos, irmanados na construção e organização de uma sociedade que atendesse a seus próprios interesses.

O orador oficial também abordou a generosidade, a comunhão, o bem do “corpo social”, ou seja, reforçou a entreatada.²⁵⁸ Ao mesmo tempo, evocou uma sociedade fundada na “razão” e na “vontade”, e mais que isso, na liberdade. Ora, é paradoxal se analisarmos a junção de solidariedade/comunhão com liberdade e razão. O bem comum, sim, desde que o bem de “alguns”. A “razão iluminista” foi muito bem argüida nos propósitos da sociedade igualitária, fundada na liberdade e fraternidade, só não explicou para quem se destinava!

²⁵⁶ JAPIASSU, H. e MARCONDES, D. Dicionário básico de filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1990. Leibniz, G. Wilhelm (1646-1716). “O universo é um conjunto de mônadas diferentes umas das outras e se hierarquizando (...)As mônadas são fechadas, ‘sem portas nem janelas’, mas podem existir segundo uma hierarquia pre estabelecida”. p. 149.

²⁵⁷ Conferir FIORIN, José Luiz. Elementos de análise do discurso. “...a finalidade última de todos os atos de comunicação não é informar, mas é persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado”. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1989. p. 52.

²⁵⁸ Conforme GONÇALVES, “a Maçonaria procura inculcar na consciência de seus membros seus ideais de liberdade de pensamento, beneficência e fraternidade, incitando-os a trabalhar pelo aprimoramento moral e pelo aperfeiçoamento da sociedade”. Op. Cit. p. 199

Então, à medida em que se fechavam, essas sociabilidades estabeleceram redes de amigos, formando alianças, permanentes ou temporárias. Talvez utilizaram destas relações para resolver problemas “particulares”, ao que se pode inferir influências e manipulações, fundadas na camaradagem e prestígio social dos membros.

Pensar em redes ou “sociedades de redes” é ainda novidade, a julgar pela parca produção nesse sentido, principalmente na historiografia, embora a antropologia, bem como alguns filósofos, já vêm pensando o assunto.²⁵⁹ Um artigo instigante foi publicado recentemente na Folha de São Paulo²⁶⁰, onde o articulista tece algumas considerações, e cita que “As redes não crescem por incorporação, mas por integração. As redes são seletivas e dependem das ações individuais”, indicando “possibilidades de articulação entre nós distintos” e que “oscilam ao sabor das alianças”. Nesse sentido, uma sociedade de redes seria individualizante e excludente.

Os discursos e falas dos solteiros fazem-me depreender que a base do clube se fazia na integração, e absolutamente seletiva, onde participar era, ao que parece, um privilégio incontestado - tanto que eram sempre vinte na Classe A. Conforme entrevista citada há pouco, eram observadas as “ações individuais”, pressupondo seleção e excludência/includência, dependendo da capacidade individual de administrar. Assim, participar de um grupo seletivo, de uma “rede”, não seria para qualquer um, pelo contrário: era dar-se certa exclusividade.

²⁵⁹ Estudos sobre sociedade de redes foi feito por BOISSEVAIN, Jeremy. Apresentando “amigos de amigos: redes sociais, manipuladores e coalizões”, onde indica o estabelecimento de redes na máfia italiana. In: BIANCO, Bela Feldman (org.). Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos. São Paulo: Editora Global Universitária, 1987. p. 195-219. Também Michel MAFFESOLI, estudando as sociedades de massa contemporâneas, remete a proximidade de indivíduos e percebe redes de ligações no moderno tribalismo. In: No tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

²⁶⁰ SCHWARTZ, Gilson. Sociedade de redes. In: Caderno Mais, Folha de São Paulo, 19/11/95. p. 6.

Seria uma espécie de “capelinha” de ajuda mútua? É constante a referência ao “trabalho”, “progresso”, “avessos ao derrotismo”, jovens dotados de “espírito empreendedor”, exercendo “funções de responsabilidade”, enfim, um “test” para a vida futura - exercer as funções da elite, governo da cidade no sentido amplo -, ou um governo de si para governar ou outros. Ora, pautavam-se na solidariedade, e no “desejo irrefreável de evoluir”²⁶¹; diziam ter “por divisa: o amor, a amizade, a fraternidade”²⁶², mas também um clube onde “a persistência de várias gerações (são) predicados essenciais para o triunfo de toda e qualquer iniciativa”, e, onde “o pessimismo, a indiferença e o derrotismo não encontrarão guaridas”.²⁶³

Ora, se “A era moderna trouxe consigo a glorificação teórica do trabalho”, nivelando os homens - porque os torna iguais, concordando com Hannah Arendt²⁶⁴ -, também lhes deu a condição da ação, ou a capacidade de escolher o próprio destino. “Destino” este, ao que se vê, rege-se por outros canais que não o agir conjunto. Aqui, no âmbito do clube, a idéia de ação fica restrita a um grupo que decide no espaço privado em nome de um público. Vendo por este ângulo, tanto as escolhas (de membros) como as decisões (para todo o clube) deveriam passar por reuniões “consensuais”.

Seria, então, a idéia dos “mais iguais” (os vinte) a prevalecer a dos “iguais” (todos os sócios do clube), e na representação discursiva tornar-se opinião geral? E, que idéia fariam os totalmente “desiguais” - os excluídos do clube e da fração de classe -, aqueles esquecidos e quiçá “desconhecidos”, ao lerem nos jornais as inúmeras notícias que o clube veiculava sobre si?

²⁶¹ Edição Extraordinária, Jornal do Povo, Itajaí, 07/08/48.

²⁶² Id. Ibid., 07/08/43

²⁶³ Id. Ibid., 01/08/42.

²⁶⁴ ARENDT, Hannah. Op. Cit. p. 12.

Provavelmente cada qual representava a seu modo, ou se apropriava dos discursos com um olhar diferenciado, a partir da classe a que pertencia. Afinal, na representação que cada sujeito faz do que lhe é colocado ao alcance do olhar, de ouvir, faz sua própria resignificação do mundo.

Os sujeitos que se apropriam e resignificam os fatos, estão, nesta fração de classe, inseridos numa sociedade de classes bem diferenciadas. Numa sociedade capitalista - já vimos que nas décadas de 40 e 50 Itajaí teve um crescimento econômico considerável - estão pressupostas liberdades individuais de ascensão econômica, baseada na livre concorrência e livre iniciativa, fundadas no uso da razão, valorizando o espírito empreendedor e competitivo. Teriam sido iguais as oportunidades de ascensão a cargos/empregos/posições? Penso que, sob a fachada da “fraternidade” e bem comum, a busca de uma sociedade ideal para todos, igualitária, fosse pretendida, sim, só que para os “mais iguais”, os “eleitos” para cargos de responsabilidade.

Uma vez que eram observados nas suas iniciativas fora e dentro do clube, e assim aceitos na “classe dos vinte”, possivelmente fosse mais fácil granjear prestígio, posições, notabilidade, favores. Tratava-se de um espaço privatizado fora de casa, onde paixões possivelmente aflorassem e as discussões devessem ser acaloradas. Um lugar de aprendizado? Veremos adiante.

Maria Helena Rolina Capelato, com base nas análises de Maria Sylvia Carvalho Franco, observa que não há incompatibilidade entre favor e ideário liberal burguês, mostrando como, no Brasil de 20 a 45, o liberalismo esteve na pauta dos discursos

jornalísticos.²⁶⁵ Isso ajuda a refletir sobre a compatibilidade entre favoritismo e liberalismo presentes nos discursos dos moços, já que se colocavam como “o que a sociedade tem de melhor”, portanto, os esclarecidos e escolhidos para guiar a “todos”. Mas, contraditoriamente, ao mesmo tempo, fechavam-se numa “capelinha” de amigos, onde a solidariedade e os interesses privados provavelmente ocorressem.

Destaco o fato de que, para a opinião pública, as camadas altas e médias são vistas como cultas, ou seja, como se a esfera pública literária e a esfera pública política fossem uma única esfera²⁶⁶ (opinião que ainda se houve nos dias de hoje), juntando “inteligência” e “riqueza”. Marilena Chauí chama a atenção para este “embuste”, pois vendo como esfera unívoca, divide o mundo entre esclarecidos/inteligentes/competentes e incultos/ignorantes/incompetentes. Vem, portanto, a ser um discurso universalizante que “pretende unificar e homogeneizar o social e o político, apagando a existência efetiva das contradições e das divisões que se exprimem como luta de classes.”²⁶⁷ Para uma elite que se via como “os melhores” (optmi), não estranha que os discursos tanto enfatizassem a “eloquente administração” dos moços, e o Bloco dos XX como “a confirmação da personalidade e capacidade administrativa de nossa mocidade, que cedo é habituada a encarar com serenidade as mais críticas situações.”²⁶⁸

Para além da esfera pública literária que na virada dos anos trinta tanto sacudi a rapaziada, seriam eles realmente “esclarecidos”? Abdón Fôes, discursando por ocasião de uma solenidade no salão do Bloco dos XX, em 1944, assim se expressou:

²⁶⁵ CAPELATO, Maria Helena Rolin. “Os intérpretes das luzes”. Liberalismo e imprensa paulista: 1920 - 1945. São Paulo: USP, 1986. Tese de Doutorado. Cita FRANCO, Maria S. Carvalho. As idéias estão no lugar. In: Cadernos de Debates. São Paulo: Brasiliense, nº 1, 1976.

²⁶⁶ Cf. HABERMAS, Jürgen. Op. Cit. p. 73.

²⁶⁷ CHAUI, Marilena. Cultura e democracia. (6a ed.). São Paulo: Cortez Editora, 1993, p. 52.

²⁶⁸ Edição Extraordinária, Jornal do Povo, Itajaí, 19/08/50.

“Quando idealizei a criação do <<Bloco dos XX>>, não alimentava somente o intuito de proporcionar à sociedade itajaiense meios de diversões. O seu programa era de maior elasticidade. A prova está que nos primórdios de sua existência, festivais artísticos foram realizados. Despertar o espírito para as coisas que o sensibilizam, estimulá-lo para o desenvolvimento cultural, é, sem dúvida, a base essencial do seu viver. Não se pode, sob qualquer hipótese, conceber a mocidade indiferente aos estudos. E o <<Bloco dos XX>> deve, com o prestígio que desfruta, com a projeção que tem o seu nome, oferecer meios adequados aos que desejam aperfeiçoar os seus conhecimentos, aos que *não desejam vegetar no mundo da ignorância*. Por isso, imbuído do melhor propósito de servir a nossa gleba, apresento a sugestão para que o <<Bloco dos XX>> organize, nesta sala, com a cooperação de todos, uma biblioteca, onde os *seus componentes possam dispor de leitura sadia* e possam ter às mãos obras que virão, inofismavelmente, contribuir para que a jornada de sua vida seja menos penosa, na luta diária que ela lhe conduz. Um homem ocioso, sem apêgo aos estudos, está na iminência de fracassar, de sucumbir-se”.²⁶⁹ (grifos meus)

É possível entrever a preocupação com a leitura ou o esclarecimento, pois só assim o solteiro não estaria na “iminência de fracassar”. Kant nos deu a mesma premissa ao dizer que os homens chegam à “maioridade” através do “esclarecimento”, a saber, do uso público da razão. Para o orador, parece que ser esclarecido não tem a mesma função que Kant apregoara, haja vista o discurso aqui ser tendencialmente voltado ao seu uso privado, ou seja, a razão - raciocínio - serviria para diminuir a “vida penosa”. Já para Kant seria “... fazer de sua razão em um certo cargo público ou função a ele confiado”²⁷⁰, ou formar opiniões de acordo com a vontade de alguns. Posso pensar que através da emancipação (esclarecimento), os sujeitos alcançassem a maioridade - traço distintivo do Iluminismo que emanciparia a classe burguesa.

Vendo por este ângulo, o grau de visibilidade dar-se-ia também pela ilustração - “não vegetar no mundo da ignorância” -, pela “boa” oratória, pela capacidade de convencimento, virtudes e discernimentos nas diferentes situações. Aldo Mario Cunha

²⁶⁹ FÓES, Abdón. Revivendo o passado. In: Jornal do Povo, Itajaí, 24/06/67 (transcrito na íntegra).

²⁷⁰ KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: que é esclarecimento? In : Textos seletos. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 104.

disse: “Estávamos, eu acredito, um pouquinho adiantados no tempo (...) e nós, jovens, (queríamos) uma sociedade que nós tivéssemos nossas decisões, que às vezes a gente tinha boas idéias...”²⁷¹ Para os moços, parece que a “capacidade de administrar” também passava pela forma de arguir, mostrar-se culto, pôr em prática suas idéias. Não seria também uma forma de granjear prestígio, posições, notabilidade?

Adeline Daumard, observando o apogeu da burguesia, à França do século XIX, esclarece que “... a noção de notável tornou-se essencialmente burguesa”, e, “em regra geral, os notáveis eram honrados ao mesmo tempo por eles mesmos em virtude do prestígio e da influência que já tinham sido apanágio de seu pai”.²⁷² Se um século antes os notáveis constituíam uma elite burguesa, “... reconhecidos, apreciados e eventualmente encarregados de uma representação e de uma função eletiva”²⁷³, dando provas do seu valor, aqui, em meados deste século, a mesma noção parece estar na ordem dos envoltivos dos solteiros, quer no seu clube, quer para além dele.

Perceber essas mediações implica ainda, como já vimos, nas relações que se praticavam entre as famílias, as quais por intermédio dos seus filhos, uniam-se umas as outras através de casamentos. Por esta via, Daumard lembra ainda que “A fortuna, o saber e as aptidões dos burgueses procediam de duas fontes: as capacidades individuais, a herança e a origem, e eventualmente, a de um meio de acolhida, especialmente o parentesco de uma esposa”.²⁷⁴

É evidente que, nas relações da fração de classe que ora estudo, os jovens criaram distinções, “status”, onde, obviamente, valores de honra devessem ser importantes,

²⁷¹ Entrevista com Aldo Mario Cunha Op. Cit.

²⁷² DAUMARD, Adeline. *Os burgueses e a burguesia na França*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 282.

²⁷³ Id. Ibid., p. 282.

²⁷⁴ Id. Ibid., p. 281.

pois que nas disputas pelo poder/cargos, os grupos familiares estiveram presentes, lembrando ainda que recaía sobre a mulher a parte mais significativa na qualificação/desqualificação, já que a ela cabia a guarda da conduta e virtude que honravam a família.²⁷⁵

Consta que, em 1944, por iniciativa de “um grupo de gentis senhoritas”, foi fundado “um elegante Clube Recreativo que tomou o nome de Grêmio da Gardênias”²⁷⁶, e em cuja diretoria fizeram parte moças filhas da Classe B do Bloco dos XX. Muito bem, as moças fazendo seu próprio clube já era bom sinal! Mas, o Conselho Fiscal do Grêmio ficara a cargo da “Diretoria do Bloco do XX”! Ora, à frente de um clube próprio, é possível que, na idéia dos moços, as mulheres devessem ser “fiscalizadas”, talvez por estarem competindo com eles, ou porque devessem ser “cuidadas” para portarem-se dentro das normas de conduta e honra que não desqualificassem o nome de suas famílias - o jogo do poder, nesse aspecto, também estava inscrito.

Este fato evidencia guarda da honra, por onde também passavam as sociabilidades restritas, e eram indicadas posições que possivelmente delimitassem hierarquias. Aliás, o Anuário de Itajaí-1949²⁷⁷ está recheado com fotografias de senhoritas e senhoras “distintas”, crianças e mães com seus filhos, em poses elegantes, onde a indumentária faz clara alusão às poses das retratadas, citadas como “filha” ou “esposa e filhos” de fulano, pontuando cargos/funções. Outro detalhe a observar é que, das 67 fotos aí dispostas em páginas sociais, 33 delas focalizam pessoas das relações do Bloco dos XX, e

²⁷⁵ Sobre esse assunto, ver PEDRO, Joana Maria. Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994. p. 61.

²⁷⁶ Jornal do Povo, Itajaí, 27/08/44.

²⁷⁷ KONDER, Marcos e SILVEIRA JUNIOR (orgs.). Anuário de Itajaí para 1949. Op. Cit.

dentre estas, as duas rainhas e sete “misses” (duas com a faixa). Homens só aparecem nessas colunas em fotos de casamentos e nas páginas que comentam o clube e seus moços!

Ora, ceder imagens que pertencem à esfera do privado e torná-las visíveis no espaço público, é também dar-se notabilidade, legitimar “a sua condição dominante ao serem divulgadas nas revistas”²⁷⁸, mostrando poder e posses. Por esta via, fica óbvio que o Anuário divulgava “modelos” de mulher a serem seguidos, onde a distinção e visibilidade da mulher “honesta” e mãe ideal fossem termômetro de notabilidade e honra. E, claro, o mesmo deve ter deliciado olhares nas residências das famílias mais “distintas” de Itajaí e quicá outras cidades próximas! Convém, ainda, acrescentar que, à época, fotografias ostentavam distinção social, onde as classes mais abastadas se representavam, e, neste caso, as imagens, por certo, passavam o modelo de célula familiar.

Além das fotografias publicadas, elencando notabilidade, existiu uma prática que a memória traz avivada: a “santa-ceia”. Sra. Zari Macedo Mussi assim relatou:

“Lá por 1947, mais ou menos, tinha um grupo que se considerava a elite da sociedade, nos bailes eles tinham preferência pelas mesas da frente. Então juntavam as mesas e o povo chamava de santa-ceia (risos)! Era no Guarani mas era também no Bloco dos XX... Quando tinha baile e a gente ia comprar ingressos, aquelas mesas já eram deles!”²⁷⁹

Outros ainda, evocam da memória lembranças daqueles bailes: “Eram um grupo de 8 a 10 casais, eram muito amigos”²⁸⁰, e, “A nossa mesa se chamava a mesa... a mesa da santa-ceia!! Ah, era a santa-ceia... eram uns dez casais...” recorda Sra Afonsina Liberato Heusi,²⁸¹ revivendo detalhes com olhar comovido, por meio de uma fotografia de

²⁷⁸ LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família*. São Paulo: EDUSP, 1993. p. 18-19.

²⁷⁹ Entrevista concedida por Sra. Zari Macedo Mussi. Op. Cit.

²⁸⁰ Entrevista concedida por Paulo Afonso Seára. Op. Cit.

²⁸¹ Entrevista concedida por Afonsina Liberato Heusi. Op. Cit.

uma mesa longa, toalha branca, onde os homens estão de um lado e as mulheres do outro, absolutamente bem vestidos para a ocasião, num baile do Guarani. (FIGURAS 9 a 12) Sim, produto social e diferenciadora de classes, a fotografia registra relações, e aqui, está de acordo com as relações sociais que se davam no interior desta fração de classe.

Esta mesa tão “distinta” era reservada para casais²⁸² que, na mocidade, estiveram na Classe A do clube, evidenciando a respeitabilidade e notoriedade que lhes fora legada na experiência de terem estado dentre os “mais iguais”, além de que eram por herança, filhos das famílias “distintas” da cidade, portanto, os “mais notáveis”.

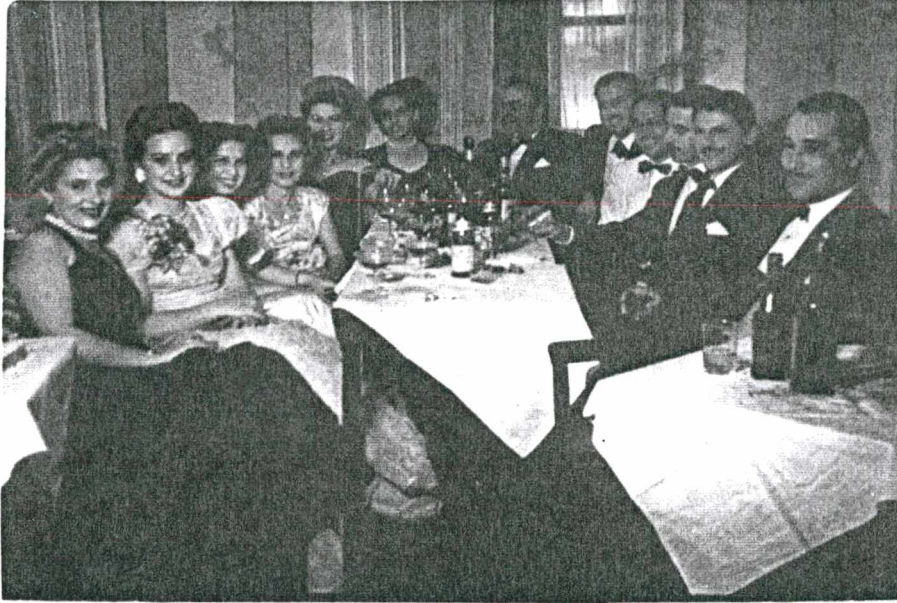
Possivelmente os “menos iguais”, excluídos dessa rede restrita de sociabilidades não viam a “distinta” mesa de tão bom grado - “parece que (os outros) tinha raiva!”, disse Sra Lili Fôes. Já a esposa de um entrevistado comenta que “Eles faziam pouco dos outros, isso sim!”, visivelmente incomodada, talvez com o fato de não ter entrado na classe dos “notáveis”, ou, talvez pelas próprias circunstâncias de demarcações de redes restritas. Sendo assim, percebo as representações que esta sociedade tem de si, mas também, e principalmente, como se revela numa esfera própria de pessoas privadas e como aparecem em público. Como se vê, a santa-ceia reunia casais, os quais representavam a família, esta que se emancipou na esfera econômica, se mostra, e, “... sob a aparência da liberdade, assegura no entanto a estrita observância das inevitáveis exigências sociais”²⁸³, pois que, célula do privado, é no público que se fortalece, afirma-se. Oculta-se e se

²⁸² Alguns nomes foram citados pelos entrevistados, sendo Abdón Fôes, Arnaldo Heusi, Paulo Malburg, Cesar Pereira, Eurico Krobel, e Sras.

²⁸³ HABERMAS, Jürgen. Op. Cit. p. 64.

FIGURAS

Fig. 9. Mesa “santa-ceia”, num Baile, em 23/09/1947.
Ao fundo, Sr. Abdón Fóes e esposa.



Fonte: Acervo privado de Sra. Lili Fóes.

Fig. 10. Mesa “santa-ceia” no salão do Clube Guarani (sem data)



Fonte: Acervo privado de Sra. Lili Fóes.

FIGURAS

Fig. 11. Senhores da Classe B do Bloco dos XX e convidados (possivelmente sócios).
Da esquerda para a direita: Arnaldo Heusi, Irineu Bornhausen, José Malburg, Abdón Fóes, Genésio de Miranda Lins e José Bonifácio Schmitt. Ao fundo, a galeria de retratos (sem data).



Fonte: Acervo privado de Sra. Lili Fóes

Fig. 12. Senhoras esposas dos membros da Classe B do Bloco dos XX (sem data)



Fonte: Acervo privado de Sra. Lili Fóes.

reconhece enquanto se representa.

Hannah Arendt vem instigar reflexões para a privatividade moderna onde, para a excelência (*virtus*) “...há sempre a necessidade da presença de outros”, presença essa que requer um público que legitima, “contituído pelos pares do indivíduo”²⁸⁴. Por esta via de análise, aposto na suposição de que aqueles ex-solteiros, ao afirmarem-se perante os “iguais”, lhes permitiam articular “... práticas que visam reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição”²⁸⁵. Assim, estar presente era “representar-se”, ser do grupo que ostentava o bem-estar, o bem-morar, bem-vestir, o bem-receber, “bem-ser”, num conjunto de expectativas que elaborava certas representações de si.

Foi dito anteriormente sobre as oportunidades individuais e a possível ascensão via indicações. Para além disso, um outro percurso para entender a experimentação histórica daqueles moços remete a seu aprendizado - o que não exclui as assertivas anteriores -, e como lidaram com esses saberes que lhes deram certos poderes.

Embora o Bloco dos XX tenha somado em seu quadro social um número de sócios considerável - cerca de 300 em 1952²⁸⁶ - os Estatutos eram “categóricos ao prescrever que a sua direção cabe a um pugilo de 20 jovens, com a condição, ainda, de que sejam solteiros”²⁸⁷, e somente a estes, o direito de exercerem o voto e de serem eleitos, aos quais cabiam também todas as decisões concernentes ao clube e seus destinos. Por esta via, suponho possível que a prática de eleições secretas lhes permitisse a experiência, na

²⁸⁴ ARENDT, Hannah. Op. Cit. p. 58.

²⁸⁵ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: Estudos Avançados. São Paulo: IEA/USP, Jan/Abr. 11(5), 1991. p. 183.

²⁸⁶ Edição Extraordinária, Jornal do Povo, Itajaí, 02/08/52..

²⁸⁷ Id. Ibid., 29/08/53.

mocidade, de uma forma de sufrágio e, possivelmente, as “artimanhas” para serem indicados e obterem votos.²⁸⁸

Se estar entre os vinte representava distinção, ser eleito presidente envolvia mais que isso: dava ao jovem a oportunidade de ter seu retrato eternizado na Galeria de Honra, ao olhar dos convivas e convidados, e, como disse o orador,

“... todos aqueles que tiverem um cargo de responsabilidade dentro do clube, sabem antecipadamente, de que seu *retrato* será colocado ao lado dos que ocuparam a sua presidência, fato que tem o condão de *capacitar a todos a missão* que lhes foi delegada pelos associados do clube, afastando de si a tenebrosa idéia de que o seu trabalho e os seus esforços serão relegados para o esquecimento...”²⁸⁹ (grifos meus).

por ocasião do Baile de Gala e inauguração dos retratos do Presidente e “miss”, em 1942.

Ora, o retrato tinha um forte significado simbólico: estar entre os mais capazes, e portanto, ser “mais igual” que os outros.²⁹⁰ Vaidades à parte, sem dúvida o retrato dava uma aura de responsabilidade, sim, mas também de invejável “status” - lembrando ainda que presidir o clube permitia ao moço, quando já casado, ser laureado como paraninfo das festividades.

Para além disso, ser presidente significava representar o clube em ocasiões oficiais, recepcionar autoridades, proferir discursos, enfim, “ungir-se” de poderes e dar-se

²⁸⁸ Para preencher uma vaga na Classe A, além de ser solteiro, do sexo masculino, acima de 18 anos, ser sócio da Classe B, e, estar inscrito para a vaga, conforme Os Estatutos, a eleição assim se processava: “Art. 7º- Constatada a vaga, compete ao Presidente convocar uma Assembléia Geral no sentido de eleger um candidato. Pelo livro de inscrição, no caso de haver mais de dois candidatos, o Presidente submeterá os pretendentes a uma eleição eliminatória, que se dará por escrutínio secreto, cabendo ao primeiro e segundo colocados o direito de competir à vaga existente. Os nomes desses dois candidatos serão sufragados, também por escrutínio secreto, cabendo ao que tiver maior número de votos o direito de fazer parte da Classe A, desde que esse número de votos represente a vontade da maioria. A todos os componentes da Classe A será facultado o direito de votar em branco, desde que o candidato ou candidatos não satisfaçam as exigências. Referidos votos serão levados em consideração e anulam a eleição no caso de o candidato não conseguir os votos da maioria da Assembléia. (...) em caso de empate, será empossado o candidato mais idoso”. Ainda, diz que o candidato eleito será avisado por ofício, e empossado em sessão solene, e somente depois da posse, “o novo sócio gozará as regalias conferidas à Classe A”.

²⁸⁹ Edição Extraordinária, Jornal do Povo, 01/08/42.

²⁹⁰ Silveira Junior, em sua crônica, cita: “Quem é que não gostaria de ver o seu retrato, retocado pelo Juca, na sala à direita da entrada? Muito maldosamente, o Gil Miranda chegou a me soprar que isso contribuiu para que as eleições anuais fossem mais concorridas...” Edição Extraordinária, Jornal do Povo, Itajaí, 31/08/46.

notoriedade.²⁹¹ Também significava, obviamente, experienciar-se em cargos de mando, como bem exemplifica outro editorial, numa apologia aos moços, enfatizando

“(…) a trajetória brilhante da vida do Bloco dos XX, que, mui acertadamente, já foi chamado de *escola de comando*, (...) concorrendo para sua integral vitória, no sentido único de manter *essa modalidade administrativa que encerra como um “test”* aos que se iniciam na vida, aos que começam a senti-la nesta idade...”²⁹² (grifos meus).

O editorial tem endereço certo: fala aos que comandam o clube, a quem a vida futura deve reservar escolhas, e este parece ter sido um aval para melhores oportunidades. É bom lembrar que o editor, Abdón Fóes, também presidente de honra vitalício e proprietário do Jornal do Povo, era tido como um “padrinho”, visto como “Cidadão a cujas iniciativas Itajaí muito deve e espera, dono de um caráter sem jaças, (...) espírito bem formado e organizador”, de “inteligência e um caráter puro e retilíneo”²⁹³, nas palavras de Ari Garcia, ex-presidente, por ocasião de um jantar de confraternização oferecido pelo Bloco aos ex-presidentes, em 1945. Portanto, portador de sabedoria e virtude, de irrepreensível conduta, o que o coloca como intérprete dos valores iluminados, já que dirigia um jornal e com este devesse formar opiniões.

Sim, pode-se avaliar quão devesse ser importante ocupar o cargo de presidente nesta “escola de comando”, evidenciado também por Arno Mario Heusi, paraninfo das festividades em 1953:

“Quem teve a felicidade de passar por esta *escola de comando*, ocupando cargos na sua diretoria, em sequência aos que deixavam suas funções, sente-se perfeitamente recompensado, em notar que, os que dirigem atualmente o Bloco dos XX, zelam pelo seu passado, conservando suas tradições, e oferecendo a sociedade itajaíense esta noite de gala que é sua festa aniversária. As reuniões sempre concorridas, e o

²⁹¹ A Edição Extraordinária traz ininterruptamente, na primeira página, fotografias (3x4) de presidentes, ex-presidentes e presidente de honra, todos de paletó e gravata, absolutamente alinhados, constituindo também elemento distintivo da “classe dos vinte”.

²⁹² Edição Extraordinária, Jornal do Povo, Itajaí, 02/08/52.

²⁹³ Id. Ibid., 04/08/45.

apoio de nossa elite social, são atestados incontestáveis de que o Bloco dos XX caminha vitorioso cumprindo assim a finalidade idealizada pelos seus fundadores”²⁹⁴ (grifo meu).

Com vistas a essa oratória, posso afirmar que os ex-solteiros e solteiros sentiam seu clube como um lugar de aprendizado, uma “escola” para a vida futura, ou um lugar de experiências onde, respaldadas na “tradição” do passado, encaminham-se para um futuro “vitorioso”, com o apoio da “elite social”. Note-se que as oratórias e discursos sempre enfatizam “toda a sociedade”, ou que tem a “missão” de construir a “boa sociedade” para o bem comum, onde as palavras “comuna” e “comunidade” estão presentes. Ora, sabemos que era um espaço restrito, de um público seletivo, e as falas obviamente se dirigiam aos pares. Isso evidencia que o “ideário liberal” e a “prática do favor” deveriam fazer parte do viver daqueles sujeitos.

Voltando ao aprendizado, para além dos tantos enlevos e apologias, e vê-lo como uma espécie de “capelinha” muito bem guardada, é de se supor que administrar o clube tenha sido uma experiência “sui generis” para os solteiros.

Pensar a experiência remete a Thompson, o qual nos lembra que os homens controem-se na experiência, experimentam-na e “... lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores”²⁹⁵. Portanto, com emoções, idéias, sentidos, fazendo-os improvisarem, forjarem, distinguirem-se na sua existência histórica de serem humanos e estarem aqui, ao sabor das tramas diárias. Tramas essas que certamente intercambiavam papéis, pois que os solteiros, enquanto seres humanos, experimentando suas subjetividades como sujeitos privados, “se entendiam no

²⁹⁴ Id. Ibid., 29/08/53.

²⁹⁵ THOMPSON, Edward P. A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1981. p. 189.

discurso político sobre a regulamentação de sua esfera privada²⁹⁶, mas também nos diferentes setores da esfera pública.

Possivelmente a experiência em cargos de mando, somada aos laços de solidariedade e amizade forjados na vivência do clube foram importantes na afirmação social dos moços. Mais que isso, fez com que houvesse um certo “monopólio” nos cargos de diretoria.

Com base nos nomes identificados como participantes da Classe A do Bloco dos XX (entre 1929 e 1960), dos quais somaram 129 nomes de rapazes²⁹⁷ (ANEXO 5), foi possível constatar que só da família Pereira, doze nomes constaram desta classe, sendo que por cinco vezes estiveram na presidência. Da família Heusi, sete estiveram nesta classe, e por quatro vezes ocuparam a presidência do clube. Da família Fóes, três (inclusive pai e posteriormente, filho) somaram quatro vezes a presidência; da família Silva, sete na Classe A e duas vezes na presidência; e, da Família Bernardes, dois estiveram na Diretoria, repetindo a Presidência. Outros moços, de famílias reconhecidamente “distintas”, estiveram uma vez na presidência, todavia, por vezes repetiram cargos na diretoria (Bauer, Malburg, Zimmermann, Mussi, Thieme, Fischer, Miranda, Schmitt, Silva, Alencastro, Canziani) e na Classe A.

Quanto às “misses”, três delas eram da família Pereira, bem como uma rainha; duas da família Heusi, sendo que as demais, provavelmente fossem parentes dos

²⁹⁶ HABERMAS, Jürgen. Op Cit. , p. 73.

²⁹⁷ Os nomes foram identificados através do Jornal do Povo e das listas citadas na Edição Extraordinária do mesmo jornal. Esta lista não está completa, haja vista a ausência de alguns jornais e não terem sido encontrados os documentos de sócios do clube.

moços, já que foram constatados sobrenomes das iguais relações - primas, sobrinhas, irmãs e algumas filhas de ex-solteiros.²⁹⁸

Não é oportuno, aqui, fazer uma genealogia das famílias, entretanto, é possível constatar que boa parte dos solteiros pertencentes a grupos familiares, os quais marcaram presença na história política da cidade desde o advento da República (e alguns ainda antes), estiveram na Classe A do Bloco dos XX. Também, comparados os anúncios de época, percebem-se muitos nomes que possuíam casas de comércio e negócios no início do século, continuaram anunciando até a década de sessenta. Dentre estes, é possível destacar famílias como Werner, Pereira, Gazaniga, Seára, Malburg, Heusi, Brandão, Ramos, Willerding, Schieffler, Mussi, Bauer, Zimmermann, Zaguini, Almeida, Silva,²⁹⁹ dentre outros, os quais, não por acaso são os mesmos sobrenomes dos moços que estiveram enfileirados na Classe A do Bloco dos XX.

Esses dados indicam relações dos componentes do clube com diferentes setores, sejam eles político, econômico, social e cultural. Nesse entrelaçar de relações, com base em anúncios de jornais entre 1940 e 1960, somando 129 solteiros, como já vimos, houve 65 enlances dos moços da Classe A (50,38 % do total encontrado). Destes foi possível constatar 30 que contrairam núpcias com moças cujo sobrenome consta na lista de moços da Classe A, como indica o quadro abaixo, relacionando os casamentos:

²⁹⁸ Além das duas rainhas - Léa Schmitt e Zulma Muller Pereira -, entre 1940 e 1959 foram eleitas "misses" as senhoritas Afonsina Liberato, Celeste Pereira, Zélia Bernardes, Yeda Santos, Leda Maria Heusi, Gilda Amaral Pereira, Maria Leticia Heusi, Maria Mioni Nunes, Zenita Werner, Julia Maria Miranda, Zari Macedo, Selma Kunifas, Risolete Cesário Pereira, Maria Juraci Fôes, Magali Reiser, Nida Mussi, Cecília Reinert, Maria Luiza Pimenta, Edla Luz e Lia Leal. Edição Extraordinária. As duas últimas aparecem no Jornal do Povo.

²⁹⁹ Foram verificados os jornais O Pharol, O Novidades, Jornal do Povo, e os Anuários para Itajaí de 1924, 1949 e 1959. Op. Cit.

QUADRO 1

MOÇOS		MOÇAS
Heusi	consórcio com	Rothbarth / Miranda
Miranda	“	Heusi / Collares
Silva	“	Souza / Thieme
Fischer	“	Macedo
Krobel	“	Zaguini
Pereira	“	Macedo / Santos / Pfeilisticker / Fernandes
Malburg	“	Pereira
Odebrecht	“	Reis
Guerreiro	“	Miranda
Ramos	“	Bauer
Thieme	“	Heusi
Collares	“	Reiser
Rangel	“	Macedo
Kruger	“	Silva
Mello	“	Cunha
Zimmermann	“	Amaral Pereira
Werner	“	Pereira
Macedo	“	Santos
Mussi	“	Macedo
Benevenuto	“	Stringari
Willerding	“	Gonçalves
Dauer	“	Heusi
Muller	“	Canziani
Canziani	“	Silva

Fonte: Jornal do Povo e Edição Extraordinária (1940 a 1960).

Cotejados esses dados, vejo que 15 famílias se interligaram com o mesmo sobrenome, evidenciando que pelo menos metade deles constituíam família dentro do mesmo grupo, exercendo relações endogâmicas. Ainda, considerando esta amostragem (23,2% do total de moços), houve 17 casamentos entre sujeitos de origem teuta e lusos (alguns italianos), mostrando relações também interétnicas - se vistas no total dos casamentos, esse número sobe para 27 (41,5%).

Evidenciando essas relações interétnicas durante o “governo” do clube, constataram-se 71 moços com sobrenomes de origem alemã e italiana (55,1%), e 58 com

sobrenomes de origem lusa (44,9%).³⁰⁰ É certo que estamos trabalhando com números incompletos, entretanto, essa amostragem é bastante elucidativa na constatação de que relações interétnicas eram praticadas nesta fração de classe, e que possivelmente, se tivéssemos todos os nomes, não fugiria muito disso. Tenho condições de pensar que as “rusgas” ocorridas durante os períodos tensos das Guerras se amiudassem nas relações de sociabilidades, não afetando o clube. Ou, seria o próprio clube uma forma de vivenciar estas relações “à parte” do que ocorria fora dele, estatuindo códigos de civilidade e normas de bom comportamento a serem seguidos pelos sócios.

Nos dias atuais, com a invenção da Festa da Marejada, iniciada em 1988, a cidade investe na formação de uma identidade açoriana. Entretanto, como vimos, a mistura étnica se fez presente desde a formação da cidade, e se evidencia, aqui, nas relações sociais entre teutos e lusos. Inserida no calendário das “festas de Outubro”, a Marejada é uma invenção cultural, aparecendo no torvelinho da Oktoberfest e penetrada na lógica do valor, do consumo, do capitalismo, e que perdeu seu caráter de celebração.³⁰¹ Portanto, um assunto polêmico, já que se propõe forjar uma identidade açoriana.

Os moços “casadouros” restantes contraíram núpcias com moças de famílias conhecidas e “distintas” da sociedade de Itajaí - Liberato, Voigt, Espíndola, Tolentino, Mayer, Wendausen, Nunes, Ebert, Rodrigues, Zwöfler, Kolbarg, Xavier, Russi, Patino, Batschauer, Aguiar, Oncken, Praum - , e alguns com moças das sociedades de Blumenau (Staedler, Jensen, Correia), Rio do Sul (Reif, Bauer, Bornhausen); Florianópolis (Galloti);

³⁰⁰ Dentre estes, somam 47 de origem alemã e 24 de origem italiana.

³⁰¹ Sobre o assunto, Maria Bernardete Ramos FLORES teceu importantes considerações acerca da construção cultural da Oktoberfest, inventada em 1984, em Blumenau, onde, diz, formula uma imagem através da “cultura-espetáculo, que constrói a narrativa do discurso da germanidade”, ou um retorno às tradições e cultura germânica. In: Revista Catarinense de História, n.º 3. Florianópolis: Editora Insular, 1995, p. 15-27.

São Joaquim (Vieira), e, São Paulo (Machado).³⁰² Pode ser que nem todas fossem de famílias cujo poder aquisitivo fosse tão alto, porém, tais famílias deveriam ter recursos suficientes para mantê-las como “distintas”, ou seja, consideradas portadoras de “honra e boa conduta”. Mesmo porque, como vimos, prestígio nem sempre está com quem tem o poder econômico e político - pode passar por outras clivagens, e que se faz também na cultura e nas relações sociais.

Chego, então, a conclusão de que os enlaces dentro do mesmo grupo, ou fração de classe fechada que se constituiu no Bloco dos XX, para além de dissimular tensões, podem ter articulado laços solidários, mantendo entre eles boas relações - mesmo que por vezes fossem politicamente de partidos contrários e de origens étnicas diferentes, como no caso dos alemães e lusos. Possivelmente essa relação fosse mesmo uma forma de capitalizar distinções, granjear prestígio, ficar dentre os “iguais”, constituir a elite.

Ilustrando estas relações, dentre os muitos enlaces unindo famílias notadamente “distintas”, destaco aqui um deles que “constituiu acontecimento de grande relevo social”, unindo “tradicional famílias desta cidade”, como consta na crônica social, citada no Anuário para Itajaí-1949: Lucí Carmen Bauer, filha do então Prefeito Municipal Arno Bauer (irmão de Paulo Bauer, um dos fundadores do clube) e Benta Leal Bauer, com César Ramos (Classe A), Tesoureiro da Matriz do Banco INCO e filho do industrial Antonio Ramos e Maria Macedo Ramos. A crônica, laureada com sete fotografias, mostra convidados como Irineu Bornhausen³⁰³, Alfredo Baumgarten, Hercílio Deeke, Gil Miranda,

³⁰² Também encontrados na Edição Extraordinária e Jornal do Povo.

³⁰³ Irineu Bornhausen nasceu em 1896, em Itajaí. Industrial, um dos maiores acionistas do Banco INCO, foi Presidente da Câmara Municipal (1927-1930), Prefeito (1936-1939) e Governador do Estado (1951-1956) e Senador da República (1959-1962). É pai de Jorge Konder Bornhausen, que também foi Governador, Ministro de Estado e Senador da República.

José Malburg, Guilherme Esnarth Rothbarth (os três últimos, bloquistas), dentre outros nomes que estavam ligados ao poder público do Estado. Foi, sem dúvida, o acontecimento do ano em Itajaí (o único que mereceu duas páginas neste Anuário!).

Há fortes indícios de que o poder circulava entre determinadas famílias, e os pais “encaminhavam” os filhos a seguirem nas mesmas funções por eles exercidas, perpetuando nomes, prestígio, funções, laços. Provavelmente formavam redes privilegiadas, e através das sociabilidades legitimavam relações que, privadas, eram mostradas ao público, afirmando mais o prestígio. Por esta via, posso inferir que, se pais e posteriormente, filhos, estiveram ligados ao poder político local, coalizões, tráfico de influências e o tão famoso “quem indica”, estivessem no calor das relações.

Mas, por onde andaram os moços após a passagem pelo clube?

Alguns deles assumiram os negócios do pai, estabilizaram-se como lojistas e comerciantes da cidade, como Lio Cesar de Macedo, Hibe Zattar, Jorge Fischer, João Arno Bauer, Mauri e Paulo Irineu Werner, Sady Magalhães, Antonio Wollinger, Aníbal Pereira, Rafael Santangelo, Osvaldo Heusi, Marcos Francisco Heusi, Wilson Pereira, Waldir Benevenuti, dentre outros, e que ainda hoje os exercem na cidade.

É possível que seus negócios e casas comerciais progredissem também estimulados por esta relações, através das preferências nas compras e vendas que, por certo, permitiam-lhes privilégios, desconstruindo o pressuposto da livre-concorrência.

Outros formaram-se advogados, como Cesar Pereira, Aldo Mario de Almeida, Carlos Afonso Seára, Eurico Krobel, Félix Fóes, Lauro Mussi, Paulo Malburg Filho, etc, e, dentre estes, alguns sucederam seus pais em escritórios de advocacia, cartórios

(Almeida, Krobel, Heusi, Mussi, Seára, Fôes), que também se mantêm até nossos dias. A família Heusi, por exemplo, há três gerações mantêm o Cartório de Registro Oficial de Títulos e Casamentos da Comarca de Itajaí, e Carlos Afonso Seára é hoje o Titular do 1º Ofício de Imóveis da mesma comarca.³⁰⁴

Agenor L. de Miranda, Paulo Malburg e Felipe B. de Alencastro eram médicos (tendo este último sido diretor do Hospital Marieta Konder Bornhausen a partir de 1956); Ingo Altemburg, odontólogo, e, Alvaro Lobo Filho, engenheiro. José Bonifácio Schmitt, engenheiro químico, sendo também Diretor/Gerente da Cia Malburg.

Alberto Bernardes, seu irmão Arno Bernardes, Luiz Noceti, Eduardo Canziani foram industriários, e outros, banqueiros, como foi o caso de Cesar Ramos, filho do acionista e diretor do Banco INCO, Antonio Ramos, e Nestor Schieffler, também acionista do INCO.³⁰⁵

É importante salientar que o Banco INCO (fundado em 1935), representou, para a época e nos vinte anos seguintes, uma das formas de ascensão social, porquanto, entrar para o Banco não era para qualquer um. Para termos uma idéia, o Jornal do Povo, em 1937, notificava o concurso para admissão de funcionários no banco INCO, para o qual o candidato deveria apresentar “Atestado de idoneidade moral, firmado por três comerciantes”.³⁰⁶

³⁰⁴ Carlos Afonso Seára é filho de Carlos de Paula Seára (Lito, como é conhecido), duas vezes vereador e Prefeito por duas gestões (1956-1961 e 1966-1970).

³⁰⁵ Além destes, que pertenceram à Classe A do Bloco dos XX, membros das famílias Schmitt, Miranda, Bauer, Pereira, participantes do clube, foram acionista e Diretores em 1935 e nos anos seguintes. Dentre os maiores acionistas, estavam Irineu Bornhausen, Antonio Ramos e Marcos Konder. Ver SCHMITZ, Sérgio. Op. Cit.

³⁰⁶ Jornal do Povo, Itajaí, 04/02/37. Este jornal, na coluna Carnet Social, informa sobre enlacs, viagens, aniversários, etc, onde se vê o nome agregado lugar em que trabalham os anunciados, sendo que o Banco INCO é muito citado.

Evidentemente, num tempo em que a cidade crescia economicamente, ampliaram-se os cargos públicos oferecidos, bem como em empresas privadas. Por certo devia haver concorrência e disputas, e aí, obviamente, os moços tinham mais possibilidades de acesso, já que, tendo em vista as redes de solidariedades e amizades granjeadas na esfera privada, o clube, ao que parece, norteou as sociabilidades desta elite, ou fração dela. Dentre as funções qualificadas que um moço ligado ao Bloco dos XX podia almejar, uma delas era trabalhar no INCO: dava-lhes status, verniz social, condição econômica, e conseqüentemente, oportunidades de enlaces profícuos.³⁰⁷

Ora, não é de admirar que, sendo funções consideradas de qualidade e próprias para moços de camadas médias, parte dos bloquistas tivessem estado no quadro de funcionários deste Banco, em variados cargos, haja vista as possíveis “indicações” (por que não, nepotismo?), pois que faziam parte da rede selecionada de amigos. Foram apurados dezoito moços (Classe A) que trabalharam no INCO³⁰⁸, inclusive alguns lembrados como “altos funcionários”, “gerentes”, “diretores”, “chefes da contabilidade”, etc.

Dentre os moços, alguns deles trabalharam no Banco do Brasil, CEF, Banco Nacional do Comércio (este, gerenciado por Remaclo Fischer). Ainda outros constam como despachantes, corretores, agenciadores de navegação, madeireiros, aeroviários, gerentes de indústrias, funcionários públicos federais, como por exemplo Ary Mascarenhas, Inspetor Federal de Ensino; Antonio Fóes, funcionário público federal (Instituto Nacional do Pinho);

³⁰⁷ Por exemplo, em épocas de eleições, se escolhiam e indicavam cargos. Existem cartas de Marcos Konder à Irineu Bornhausem indicando moços para cargos (caixas, gerentes, etc.) para os Bancos INCO e do Brasil. Fundo Marcos Konder. Acervos do Arquivo Histórico de Itajaí.

³⁰⁸ Os nomes foram encontrados citados na Edição Extraordinária, *Jornal do Povo* e *n'O Incoano* (mensário a serviço dos funcionários do INCO, 1946 a 1948). Arquivo Histórico de Itajaí.

Oswaldo Silva (INPS); e, Osmar Canziani, funcionário público municipal, bem como outros que estiveram à frente de Secretarias Municipais. .

Bastante instigante para minhas buscas foi perceber que três deles estiveram envolvidos na imprensa escrita e falada - Abdón Fóes, Dalmo Rangel e Sebastião Reis, (este último também colunista social e apresentador das “misses”) - e um radialista - Aldo Mario Cunha. Isso provavelmente fora importante na afirmação social dos bloquistas, já que os jornais, e principalmente o Jornal do Povo publicava ininterruptamente os acontecimentos promovidos pelos solteiros, além da Edição Extraordinária, anualmente, e dirigida ao público restrito, isto é, um circuito de produção que pode ser entendido como circuito de poder, pois destinava-se a um público que se lia e se via. Com certeza, os “distintos” leitores aí se espelhassem, e os discursos fossem apropriados na forma da representatividade desta fração de classe. Ainda, faço ver que tanto a Rádio Difusora e posteriormente a Rádio Clube irradiavam bailes e programas especiais dos bloquistas!

Os jornais, ao se tornarem porta-vozes e condutores de opinião pública, os quais, com as mudanças na esfera pública burguesa deixaram de ser meras instituições publicadoras de notícias - fato que ocorreu na Inglaterra, no século XIX, como lembra Habermas³⁰⁹ -, também transformaram-se em objetos de discussão do público, já que neles este era retratado e identificado. Ora, a edição especial sobre o clube, com certeza era discutida no salão, na noite de baile, quando era distribuída entre os presentes, mas também em outras rodas “distintas”, como em cafés, outros clubes, etc. Eram, ainda, levados para as residências, e, no espaço privado da casa, deveriam ser comentadas as notícias, avaliadas as fotografias, enfim, alvo de comentários de toda ordem. Logicamente, que este não é um

³⁰⁹ HABERMAS, Jürgen. Op. Cit. p. 214.

fato novo: ler jornais e folhetins em rodas de amigos remonta outros tempos, como informa Walter Benjamin, pois nos cafés parisienses, no início do século passado, quando surgiram os folhetins, grupos de pessoas também se uniam para ler e ouvir notícias.³¹⁰

Concordo que formassem opiniões, mas não que estas fossem homogêneas. As apropriações e representações devem ter sido diferenciadas, classificadas. Os “iguais” possivelmente concordassem com sua imagem posta ao público, mas, e os outros, o que diriam? Há que se cuidar com as análises quando se trata de apropriações de leituras.

Embora boa parte dos solteiros fossem filhos de ex-prefeitos, ex-vereadores, - bem como estivessem envolvidos nas várias articulações em torno dos Diretórios, juntando -se a este ou aquele partido³¹¹ -, vários deles candidataram-se a alguma função pública, em diferentes épocas. Chegaram a exercer cargos de vereância Abdón Fóes, Carlos Afonso Seára, Eduardo Canziani, Eurico Krobél, José Malburg, Félix Fóes, Helio Mario Guerreiro e Paulo Bauer, inclusive todos foram presidentes da Câmara (três deles repetindo mandatos), além de Antonio Rocha de Andrade, Secretário Municipal e prefeito substituto.³¹² Destes, três foram prefeitos, quais sejam, Abdón Fóes, Paulo Bauer e Eduardo Canziani, dois deles repetindo mandatos.³¹³

Supondo que o governo do clube desse a esses moços possibilidades de ascensão na esfera pública política, podem ser sugeridos dois caminhos: por um lado, o fato

³¹⁰ BENJAMIN, Walter. Paris do segundo império. In: Obras escolhidas III. São Paulo: Brasiliense, 1989.p. 23.

³¹¹ Tanto nas articulações em torno do PSD e UDN, em 1945, como em torno o PTB, em 1954, moços do clube estiveram presentes, constando, inclusive a realização da Convenção do PTB na própria sede social do Bloco dos XX, quando para Deputado Estadual lançou-se a candidatura de Abdón Fóes, e para Vereador, seu filho, Félix Fóes, ou seja, pai e filho bloquistas. Jornal do Povo, Itajaí, 24/08/58.

³¹² Ver D'ÁVILA, Edison (1982). p. 141-145. Dados de 1930 a 1982.

³¹³ Abdón Fóes foi Prefeito nomeado pelo Interventor Federal para dois períodos: de 25/03/45 a 09/11/45 e 14/02/46 a 31/01/47. Paulo Bauer, Prefeito Municipal eleito e empossado de 31/01/51 a 1956. Eduardo Canziani, foi Prefeito entre 31/01/61 a 31/01/66. *Ibidem*.

de que eram filhos de nomes notáveis na política e economia da cidade, ou grupos políticos de mando (famílias), e, por outro, através dos laços e redes de relacionamentos que, como dizem, uniam e solidarizavam-nos, e nos quais envolviam-se, como vimos.

Por outra via, laços de casamentos também permitiram ascensão, conquistas de posições e papéis públicos, legitimados no privado, lembrando que público e privado se entrecruzam. Nesse sentido, esta elite, vistas as especificidades neste estudo, possivelmente se construíra e se identificara por sentimento de pertencimento à mesma fração de classe, por relações de sociabilidades, parentesco, casamentos, estabelecendo uma geografia bastante peculiar e fechando redes em torno de si.

Posso inferir que os saberes e o prestígio apreendidos no governo do clube deu àqueles moços poderes de administrar em funções mais elevadas, e, se com isso capitalizaram interesses próprios, também davam-se notabilidade à medida em que participavam de organizações de interesse comunitário, envolvidos com a filantropia. Nesse sentido, também participaram de diretorias de clubes, associações, comissões, angariando prestígio e notabilidade. Exemplificando, do Rotary Club (fundado em 1942) participaram Felipe B. de Alencastro, Abdón Fóes, Remaclo Fischer, Silvestre Schmitt, Paulo Bauer, Nestor Schieffler, dentre outros. Do Lions³¹⁴ (1953), como sócios fundadores constam Ary Garcia (1o Presidente), Aldo Mario de Almeida, Arnaldo Heusi, Cesar Ramos, Eduardo Canziani, Eurico Krobek, e sócios Alberto Bernardes, João Arno Bauer, Arno Mario Heusi, Lio Cesar de Macedo, Helio Mario Guerreiro, Waldir Benevenuto, Leodegário Pedro da Silva, dentre outros nomes, comprovadamente das relações de parentesco dos moços da Classe A do Bloco dos XX.

³¹⁴ Relatório: Lions Clube de Itajaí (1961-1962). Caixa: Documentos referentes a Desportos, Atividades Recreativas e Clubes de Serviço. Arquivo Histórico de Itajaí.

Nomes iguais ainda constam como sócios e diretores do Clube Guarani, clubes de futebol, Herbário Rosa Rodrigues, Sociedade Musical Guarani, comissões da Legião Brasileira de Assistência (LBA), construção da Igreja Matriz, de diversas escolas, etc, sendo que nas Atas de Fundação do Asilo D. Bosco³¹⁵ consta, inclusive, a doação de uma certa quantia (lista de donativos) pelo Bloco dos XX.

As redes da “solteirice” nas quais se envolveram por certo reagruparam os moços, e, com outros fios, possivelmente reproduziram outros grupos de entreajuda, redistribuindo ainda cargos entre si. Foram eles, nas décadas de sessenta e setenta, expoentes da elite local, seja nas diretorias de clubes, no comércio, no setor público, inclusive exercendo cargos no Executivo e Legislativo (também influenciando no Judiciário, através dos Cartórios de Ofícios, advocacia, etc), portanto com poderes de decisões que entrelaçavam interesses públicos e privados.

Nesse jogo de influências e coalizões - próprio do jogo político, e tão atual! -, é provável que fizessem mediações e exigências para além daquelas estatuídas no clube: aqui, inseridos no setor público, adquirem maior amplitude, pois que as decisões são tomadas para a coletividade.

Ora, o Estado de Direito burguês quer organizar o poder público desde que este garanta as exigências da esfera privada, esta que se pretende neutralizada quanto ao poder mas se quer emancipada quanto a dominação³¹⁶. A esfera pública política, como esfera burguesa que é, diz reger-se por princípios do bem comum, acessível a todos, e, na prática, deveria regulamentar leis de interesse geral. Entretanto, sabemos, as leis são

³¹⁵ Panfleto anexo aos Estatutos do Asilo D. Bosco. Caixa: Idem nota anterior.

³¹⁶ HABERMAS, Jürgen - Op. Cit. p. 104.

regulamentadas com vistas aos interesses acessíveis aos “mais iguais”, ou, como faz pensar Hannah Arendt, na sociedade moderna a preocupação dos indivíduos com a propriedade privada passa para a preocupação pública, e esta deve reger leis que protejam e garantam o acúmulo de riquezas.³¹⁷

Notadamente, os solteiros, pessoas privadas com vontades individuais, exercendo atividades que dizem respeito ao setor público, devem ter gerenciado interesses de todos, da comunidade. Já Rousseau nos alertava que “...o interesse comum não é o interesse de todos” pois, mesmo sendo possível “conseguir-se a concordância dos interesses privados de um grande número, nem por isso assim se estará atendendo ao interesse comum”³¹⁸. Ou seja, mesmo que uma maioria partilhe de determinados interesses, não seria o interesse de todos, porquanto, deveriam cuidar também de seus próprios interesses particulares. Quando os enunciados discursivos dos moços se dirigem a “toda a sociedade”, estão pensando nos seus interesses e não da vontade geral (de todos).

Retomando a idéia de consenso, se a esfera pública é lugar de concorrência e interesses, leis surgem mascaradas no jogo das opiniões, divulgadas como de interesse geral, mas escamoteando interesses particulares. Uma das questões que Habermas levanta, à emergência da esfera pública burguesa, no século XIX, é justamente o jogo de máscaras: leis são feitas em nome do bem comum, como se fossem “idéia de todos” e “para todos”, mas favorecem a um grupo de interesses privados, que usam da mídia para legitimar certas decisões como se fossem de interesse geral. Nesse sentido, não é consenso, mas ideologia.³¹⁹ É certo que Habermas ainda acredita na “razão emancipadora”, no poder da

³¹⁷ ARENDT, Hannah. Op. Cit. p. 78 e seguintes.

³¹⁸ Nota de rodapé de Gomes Machado. In: Coleção Os Pensadores - Rousseau. 3a edição. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 43

³¹⁹ HABERMAS, Jürgen. Op. Cit. p. 110 a 168.

“ação comunicativa” e de indivíduos politizados, racionais e universais, mas viu as dificuldades de implantarem-se formas democráticas e consensuais na moderna sociedade capitalista, já dominada pela técnica. Aliás, o clube que vimos dá claro exemplo do que era inverso à democracia.

Ora, imbuídos também dos poderes de legislar e executar leis, alguns dos ex-solteiros, agora homens públicos, por certo se utilizaram das artimanhas do poder e suas coalizões em benefício de sua classe, e mais ainda da fração de classe a que pertenceram e pertenciam ainda - obviamente, também, em outras relações, o que não exclui as redes de solidariedades tão bem firmadas! Interferindo nas atividades de outros sujeitos ou grupos, exerceram, portanto, poderes, já que investidos em atividades da vida pública. Se pensarmos que a vida pública, esta que aparece com o advento das repúblicas modernas, com a sociedade burguesa, não representa a vontade geral - como também não a representavam no comando do clube, onde as decisões eram privatizadas -, contradiz-se com o ideário liberal, que tanto apregoou a igualdade.

Se “O liberalismo é o primeiro a revelar o caráter dualista do Estado constitucional burguês, pois esse está longe de ter assegurado a fusão de interesses heterogêneos”³²⁰, posso pensar que tanta solidariedade e laços fraternais deram aos moços - eles que na instância privada das sociabilidades construíram-se para cargos de mando -, oportunidades melhores de ascensão social, política e econômica. Uma fração de classe fechada e excludente como o fora o Bloco dos XX, “iluminados” para o uso privado da razão, dá caminhos para pensar no liberalismo como uma mitificação falaciosa de oportunidades iguais para todos. Grupo organizado, voltado para dentro de si, falando em

³²⁰ Id. Cf. HABERMAS, Jürgen - p. 163.

nome do público, privatizando decisões, solidário em interesses e nos princípios de entreajuda, por certo destrói a tão apregoada livre concorrência.

Adeline Daumard, no seu estudo sobre a burguesia francesa, no século XIX, esclarece-nos que “As instituições liberais repousavam, na verdade, em um princípio geral: todos os franceses tinham deveres, e a plenitude dos direitos só era concedida aos que fossem capazes de exercê-lo”³²¹. Não foi diferente nas relações do Bloco dos XX, e quiçá fora dele, na Itajaí daqueles anos.

Posso, então, afirmar que o clube não foi um lugar de divertimentos, apenas: estabeleceu um espaço onde se realizavam ritos de passagem na configuração do homem burguês, ou, no que se pode considerar o “bom burguês”. Exemplo melhor que Abdón Fóes, “dono de um caráter sem jaças”, um verdadeiro intérprete das Luzes? Ele que, de Orador a Presidente, teve a honra vitalícia de representar o clube, “iluminador” através da imprensa, expressão de valores da elite esclarecida.

Trangressões? Os entrevistados nada dizem, eles as “guardam”, quanto mais os discursos! Certamente houve - e a memória esconde. A fração de classe que se viu, se leu e se escreveu tão harmônica, assim continua vendo o clube: um lugar absolutamente “distinto” e isento de tensões. Obviamente esta harmonia é discurso deles. Sabemos que frações políticas se rivalizaram durante todo o tempo, entretanto, a prática de jantares e banquetes para os quais convidavam os políticos de diferentes partidos, bem como para os Bailes de Gala existiu sem reticências. Penso que mais escamoteassem as tensões do que as mostravam, ou, que o espaço privado que contruíram para si fosse mesmo um lugar de guarda de valores, condutas, civilidade. Cerimoniais e rituais devem ter tido a função de

³²¹ DAUMARD, Adeline. Op. Cit. p. 18.

manter a norma, vivenciá-la, assegurar encontros e sociabilidades “distintas”, na qual granjeavam-se posições, honra, prestígio, dava-se notoriedade.

Itajaí vivenciou, nos trinta anos aqui estudados, situações de confrontos e enfrentamentos, passou pela guerra, grupos políticos se degladiaram, os jornais clamaram por “civilidade”, urbanização e limpeza, por moralização dos costumes, fim da prostituição e mendicância, enfim, perpassou por todas as tensões de uma cidade se conformando. Mas isso parece não ter passado pela esfera privada das sociabilidades restritas desta fração de classe, ao menos no que disseram e dizem. Sabemos que as exclusões estavam e ainda estão postas, e que problemas de toda ordem existiram e existem. Não as viam? Talvez não fosse bom vê-las... E, a função do clube, ao que parece, era manter a elite, ou a fração dela, coesa, em harmonia.

O Bloco dos XX experienciou uma forma peculiar de distinções. Ali, homens foram construídos para o espaço público, e mulheres para os papéis idealizados, para o espaço privado. Ali, capitalizaram-se posições, somaram-se fortunas, juntaram-se nomes, adquiriram-se privilégios e prestígio. Exerceram-se poderes e construíram-se saberes que podem ser vistos como positivos para os objetivos daquela fração de classe. Ou negativos, se considerados os distanciamentos, o fechamento em torno de si, como se a “mônada” existisse só e sem braços que a sustentassem. Dependendo do lugar, da classe, da forma como se olha, este clube ganha conotações diferenciadas.

Daquela esfera pública literária que os sonhadores rapazes ousaram criar para os “prazeres da dança”, instituindo e estatuindo o Bloco dos XX, aos dias de hoje, três gerações se passaram. Muito mudou. E muito permanece. Embora permanentemente intercambiando-se, público e privado persistem, delineando posições, cargos, desejos, por

que não intrigas. Como lembra Sennett, “O público é também uma geografia, ele existe em relação com um outro domínio: o privado”.³²² Outras redes se fazem, outros grupos se fecham, outras formas de sociabilidades se reproduzem. No “tempo das tribos”, a proxenia se faz por outras redes, e, mesmo no “moderno tribalismo”³²³, homens e mulheres buscam espaços onde possam estar juntos. Não importam os objetivos. E em Itajaí não é diferente.

³²² SENNETT, Richard. Op. Cit. p. 116.

³²³ MAFFESOLI, Michel (1987). Op. Cit.

EPÍLOGO

Compreender a contento um acontecimento com tantas pontas, como foi o Bloco dos XX, nem sempre é possível, ainda mais para um período quando mudanças radicais nos comportamentos e novos valores incitaram os sujeitos a outras práticas.

A década de cinquenta, sabemos, quebrou mitos, e inventou outros. Foi o resultado de gerações anteriores, e que precedeu a revolução social dos anos 60, quando redefiniram-se papéis sociais e de gêneros, soterraram-se tabus, liberaram-se costumes, e as mulheres ganharam mais espaços nas funções da esfera pública.

Esta década, o Bloco dos XX não viu findar-se glamurosamente como nas duas décadas anteriores. É certo que a cidade cresceu, e outras formas de sociabilidades e diversões apareceram - as constantes corridas de “chouffeurs”, viagens mais facilitadas, meios de comunicação se popularizando - devem ter voltado os olhos da juventude para outras formas de convívio. A acessibilidade maior aos “prazeres da modernidade” e da técnica ajudaram nisso. Seria a distinção passando por outros caminhos? Possivelmente, apesar de que os valores carregados de peso moral e religioso continuaram existindo.

Por conta dessas novidades, teriam sido permitidas formas menos censuradas de diversões, ou menos demarcadas no convívio com os “outros”? Duvida-se. Talvez mais escamoteadas, mas não menos excludentes. Pode ser que outros interesses fossem agora mais

importantes para os moços naqueles anos finais da década, ou mesmo os laços bem atados e as redes em que estavam envolvidos já teriam sido proficuas para o momento.

O Bloco dos XX construiu uma determinada elite, restrita e fracionada, mas construiu. Muitos deles, a partir das redes de influências, tiveram uma vida mais amena; disso não podemos duvidar.

Convém salientar que as lideranças políticas mais destacadas de Itajaí naqueles anos, Marcos Konder e Irineu Bornhausem, circulavam pelas capitais (Rio de Janeiro e Florianópolis) por conta dos cargos políticos que ocupavam. Seus filhos, portanto, não constam como sócios do clube, envolvidos que estavam em outras relações (os filhos de Marcos Konder, por exemplo, por influência da mãe, “sinhá” Corina, militaram nas fileiras do Partido Comunista Brasileiro, residindo no Rio de Janeiro). Estas lideranças continuavam mantendo em Itajaí negócios, relações, bases eleitorais, e, com certeza, indicavam parentelas e amigos de suas relações para “bons cargos”. Os moços do Bloco dos XX bem que sabiam disso: convidavam essas personalidades para suas festas e as homenageavam!

Evidentemente, isso vem provar que os paradoxos do liberalismo e suas teias remendadas em discursos tão bem pronunciados não é tão recente. Há mais de dois séculos, em seu nome, dividem-se os homens: uns em senhores; outros tantos em miseráveis vendilhões de sua própria pele. Na era da microeletrônica, é o desemprego tecnológico que impera, matando sonhos e deixando brasas “inapagáveis” no caminho da humanidade. Robert Kurz³²⁴ chama esse processo de “torpe” e não vê saídas. Temo que ele tenha razão.

³²⁴ KURZ, Robert. O torpor do capitalismo. In: Folha de São Paulo, Caderno Mais, 11/02/96. p. 14.

Não há dúvida de que com o capitalismo surgiram as idéias liberais. Adentrou-se neste nosso século com todos os tentáculos possíveis, provocando exclusões e miséria de toda ordem, soterrando todos os princípios de igualdade e democracias “de fachada”. Hoje, discute-se essa “ilusão liberal”, fala-se em transição, buscam-se fórmulas de diminuir a fome dos homens. Alain Touraine, em artigo recente, dá a tônica dos dias atuais:

“É preciso agora ingressar urgentemente num período pós-liberal, ou seja, de reconstrução dos controles legais, administrativos e sociais, a fim de impedir a selvageria econômica, o aumento da exclusão e das desigualdades sociais e a difusão da violência em sociedades que perderam o controle de sua própria transformação”³²⁵

Ajuste difícil. No Brasil, nestes anos de FHC (leia-se Fernando Henrique Cardoso), parece que a “utopia” de uma sociedade mais igualitária fica cada vez mais longínqua. O depoimento de uma mulher, em rede de televisão (janeiro/96), empregada doméstica preocupada com sua classe, resumiu o foco do problema: “Esperamos que o governo faça alguma coisa para melhorar a vida da classe média para que ela continue nos dando emprego”. Mais do que nunca, as divisões estão postas. E Marx, nesse ponto, foi muito lúcido.

É nesse sentido que um estudo, percebendo a construção de uma certa elite, mesmo numa cidade provinciana de pequeno porte, tem sua importância. Entender os mecanismos de fechamento, monopólio, tráfico de influências, coalizões, distinções, políticas matrimoniais, redes de amigos em busca de interesses privados, incita a entender melhor as práticas de exclusão. Afinal, quando a elite, ou a fração de classe, diz quem é, está

³²⁵ TOURAINE, Alain. A longa crise da transição do liberalismo. In: Folha de São Paulo, Caderno Mais, 21/01/96. p. 9.

tornando visível quem não é, ou melhor, quem ficou à margem dos direitos face às leis feitas por alguns, cujos rigores são para todos, mas direitos, esses, só para os “mais iguais”.

E, na “utopia” do historiador, há sempre uma vontade enorme de dizer coisas que possam, de alguma forma, contribuir para uma sociedade menos desigual. Nem sempre se consegue. Sonhar é preciso; fazer, mais ainda.

Daqueles solteiros da primeira geração, experimentados pela vida e pelas tramas que se envolveram, dois deles continuam entre nós. Outros, dos que seguiram na direção do clube, alguns deles frequentam a Praça da “Cocada”, lugar de encontros e memórias. Outros, continuam dirigindo seus negócios ao lado de seus filhos, ou ainda exercendo as profissões que seguiram, mesmo aposentados.

Boa parte deles, vejo-os em cadeiras de balanço à frente de casarões antigos ou à soleira das janelas, como a contar transeuntes. Vez por outra, cruzo com alguns deles passeando pela cidade, muito alinhados, passos lentos, mãos entrecruzadas às costas, o olhar embaçado e longínquo. Não me atrevo interromper o filme do passado; observo-os, apenas.

As mulheres, outrora “misses”, estão mais escondidas. Eu as encontrei nos recintos privados de enormes salas e móveis luzentes dos mesmos casarões, absortas em seus tricoteios, folheando álbuns amarelados por detrás dos óculos, ou preparando-se para o “chá das cinco”, hábito que praticam há quase meio século. O mesmo olhar saudoso para as imagens que parecem se mover das fotografias por vezes sua lágrimas, contando as companheiras que já se foram.

E, ao lado de tantas lembranças, vieram-me fotos coloridas de gente miúda: um sorriso, então, se abria, contando-me dos netos, dos filhos, da alegria domingueira quando os “pimpolhos” enchem salas e corredores. Eles tem lugar de honra nos portarretratos dispostos pela casa. E nos seus corações.

Do clube, ficaram as memórias, as experiências, estas que nos ensinam a olhar diferente o passado; a interrogá-lo. Sim, as paredes podem desbotar, mas muitos retratos continuam lá - nós, curiosos, exclamamos, juntamos riso e espanto na observação de detalhes que nos soam estranhos. Mesmo assim, continuamos sempre a buscar no passado um jeito de nos entendermos no presente, já um tanto quanto diluído nas suas formas. Ofício do historiador? Talvez porque somos seres humanos...

FONTES E BIBLIOGRAFIAS

1 - Fontes Primárias

1.1. Periódicos - Acervos do Arquivo Histórico de Itajaí

A. Jornais

Jornal O Progresso - 1899 a 1901

Jornal do Povo - Itajaí, 1935 a 1961

O Pharol - Itajaí, 1928 a 1937

A Ordem - 1930

Cinema Ideal - 1928 e 1929

O Futurista - 1926 e 1927

A Reação - 1937

Itajahy - 1929 a 1937

O Libertador - 1936

O Novidades - 1904 a 1919

A Penna - 1927

Semana Desportiva - 1930

O Choro - 1931

O Careca - 1931

A Notícia - 10/06/37 (Joinville)

Cidade de Blumenau - 12/06/37

Correio do Sul - 12/06/37 (Jaraguá do Sul)

B. Outros

O Incoano - 1946 a 1948

Edição Extraordinária (Jornal do Povo) - 1941 a 1944; 1946 a 1948; 1950 a 1953; 1955 a
1957

Anuários para Itajaí - 1924; 1949; 1959.

C. Documentos

Memorial do Bloco dos XX - Fundo Privado Abdón Fóes
Estatutos do Bloco dos XX (1930) - Fundo Privado Abdón Fóes
Atas do Conselho Municipal (1926 a 1928). PMI/A/L
Livros da Junta do Serviço Militar - "Tiro de Guerra 301" (Caixa)
Estatutos do Bloco dos XX (1946). Caixa: Documentos Referentes a Desportos...)
Relatório: Lions Clube de Itajaí (1961 e 1962). Caixa: Documentos Referentes a Desportos...)

D. Artigos e outros estudos

LINHARES, Juventino. O que a memória guardou. Coletânea de artigos. s/d, s/p.
FÓES, Abdón. Um pouco da história política itajaiense. In: Anuário para Itajaí-1959. Itajaí, 1959.
..... Revivendo o passado. In: Jornal do Povo, Itajaí, 10/07/67.
KONDER, Marcos. Itajaí no princípio do século. In: Itajaí, São Paulo: Escalibur, 1973.
..... O município de Itajaí. In: KONDER, Marcos e SILVEIRA JÚNIOR. Anuário para Itajaí-1949. Itajaí: Imprensa Aurora Ltda, 1949.
LAUS, Lausimar. Paralisado o porto madeireiro de Itajaí. In: Jornal do Povo, Itajaí, 23/08/59.

E. Outros Arquivos

Acervos da Fundação Cultural Daniel Thiago de Castro. Lages - SC. Estatutos do Cravo Preto

2. Entrevistas Informais

Paulo Bauer
Afonsina Liberato Heusi
Arnaldo Schmitt

Carlos Afonso Seára
Zulma Muller Pereira Saad
Lili Fóes
Zari Macedo Mussi
Ayrton Cercal
Irene Boemer
Aldo Mario Cunha
Edison D'Ávila
Abdón Fóes (por Joana Maria Pedro)
Luiz Gazaniga (por Edison D'Ávila)

3 - *Bibliografia (Artigos e Livros)*

ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro Republicano. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

ARIÈS, Philippe. História social da família e da criança. 2a edição. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.

..... Por uma história da vida privada. In: CHARTIER, Roger (org.). História da vida privada. In: História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ASSIS, Machado de. Helena. In: Obra completa. Rio de Janeiro: Editora Jorge Aguilar, 1962.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1990.

BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. In: KOTE, Flavio (org.). Walter Benjamin. São Paulo: Ática, 1985.

..... Paris do Segundo Império. In: Obras escolhidas III. São Paulo: Brasiliense, 1989.

- BOISSEVAIN, Jeremy. Apresentando “amigos de amigos: redes sociais, manipuladores e coalizões”. In: BIANCO, Bela Feldman (org.). Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos. São Paulo: Editora Global Universitária, 1987.
- BOPRÉ, Maria Regina. O Colégio Coração de Jesús na educação catarinense (1889-1988). Florianópolis: Coração de Jesus/Lunardelli, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRANDÃO, Antonio C. e DUARTE, Milton F. Movimentos culturais da juventude. 14a edição. São Paulo: Editora Moderna, 1990.
- BRANDI, Paulo. Vargas: da vida para a história. 2a edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1995.
- BRESCIANI, Maria Stella M. Permanência e ruptura no estudo das cidades. In: FERNANDES, Ana (org.). Cidade e história: modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX. Salvador: FAU/UFBA, 1992.
- BUTTONI, Dulcília H. S. Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Edições Loyola, 1981.
- BURGIÈRE, André. Dicionário das ciências históricas. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- BURCKHARDT, Jacob. A cultura do Renascimento na Itália: um ensaio. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- CABRAL, Osvaldo Rodrigues. Nossa Senhora do Desterro. 2 Memória. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1979.
- CAMINHA, Edmilson. Padaria Espiritual: a literatura irreverente do Ceará. In: D.O. Leitura. São Paulo: IMESP, 10(19), abril, 1992.
- CAMPOS, Cyntia Machado. Controle e normatização das condutas em Santa Catarina (1930-1945). São Paulo: PUC, 1992. (Dissertação de Mestrado).
- CAPELATO, Maria Helena Rolin - “Os intérpretes das luzes”. Liberalismo e imprensa paulista: 1920-1945. São Paulo: USP, 1986. (Tese de Doutorado)
- CASTORIADIS, Cornelius. A instituição imaginária da sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. 6a edição. São Paulo: Cortez Editora, 1993.

- CUNHA, Maria Tereza Santos. Biblioteca das Moças: contos de fada ou contos da vida? As representações de mulher e professora nos romances da Coleção Biblioteca das Moças. In: Projeto História. São Paulo: PUC, 1994.
- DA MATTA, Roberto. A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.
- D'ÁVILA, Edison. Pequena história de Itajaí. Tubarão: Gráfica Dehon, 1982.
- O público e o privado na fundação do ensino superior em Itajaí (1962-1970). Florianópolis: UFSC, 1995. (Dissertação de Mestrado).
- DARNTON, Robert. O grande massacre de gatos. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.
- DAUMARD, Adeline. Os burgueses e a burguesia na França. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- DONZELOT, Jacques. A polícia das famílias. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.
- ELIAS, Norbert. O processo civilizador: uma história dos costumes. V. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- ESSUS, Ana Maria M. de S. Andrade e GRIMBERG, Lúcia. "O século faz cinquenta anos": fotografia e cultura política em 1950. In: Revista Brasileira de História. São Paulo: Anpuh/Marco Zero, v. 14, n° 27, 1994.
- FALCÃO, Luis Felipe. Itajaí vai à guerra. In: Revista Alcance. Itajaí: UNIVALI, v. 1, n° 3, jan/jul. 1995.
- FÁVERI, Marlene de. Encantamentos e espantos: o que (não) sonharam os homens. Itajaí: UNIVALI/Centro de Pós-Graduação, 1995. (Monografia)
- FAUSTO, Bóris. A Revolução de 1930: história e historiografia. 14a edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- FERREIRA, Sérgio Luiz. O banho de mar na ilha de Santa Catarina (1900-1970). Florianópolis: UFSC, 1994. (Dissertação de Mestrado).
- FIORIN, José Luiz. Elementos para análise do discurso. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1989.
- FLORES, Maria Bernardete Ramos et alii. O grande teatro público-Oktoberfest. In: Revista Catarinense de História, n° 3, Florianópolis: Editora Insular, 1995.
- FONSECA, Claudia. Solteironas de fino trato: reflexões em torno do (não) casamento entre pequeno burguesas no início do século. In: Revista Brasileira de História. São Paulo: Anpuh, v. 9, ago/set. 1989.

- FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 11ª edição. Rio de Janeiro; Edições Graal, 1979.
- Arqueologia do saber. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.
- História da sexualidade 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- História da sexualidade 2: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal Editora, 1984.
- FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. As idéias estão no lugar. In: Caderno de Debates. São Paulo: Brasiliense, nº 1, 1976.
- GAY, Peter. A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- GONÇALVES, Ricardo Mario. A influência da Maçonaria nas independências latino-americanas. In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). A Revolução Francesa e seu impacto na América Latina. São Paulo: Nova Stella/EDUSP; Brasília: DF/CNPQ, 1990.
- GUERTZ, René. O perigo alemão. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1991.
- GUIMARÃES, Dulce Maria Pamplona. Festa de produção: identidade, memória e reprodução social. In: História. São Paulo: UNESP, v. 11, 1992.
- HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da esfera pública. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. In: Estudos Históricos, v. 1, nº 1/93. CIEC/ECO/UFRJ.
- HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. São Paulo: Paz e Terra, 1985.
- HOBSBAWN, Eric. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Introdução: feminismo em tempos pós-modernos. In: Tendência e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- JAPIASSU, H, e MARCONDES, D. Dicionário básico de filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- JOÃO ANTONIO. Casa de loucos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

- KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: o que é esclarecimento? In: Textos seletos.
Petrópolis: Vozes, 1985.
- KURZ, Robert. O torpor do capitalismo. In: Folha de São Paulo, Caderno Mais, 11/02/96.
- LAVIER, James. A roupa e a moda: uma história concisa. São Paulo: Companhia das Letras,
1989.
- LENZI, Carlos Alberto Silveira. Partidos e políticos de Santa Catarina. Florianópolis:
Editora Lunardelli/UFSC, 1983.
- MAFFESOLI, Michel. A conquista do presente. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- No tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de
massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- MAYKOT, Pe. Sérgio. A Matriz de todos nós. Itajaí: Edição Paróquia do Santíssimo
Sacramento, 1985.
- MARIANI, Bethania Sampaio Correia. Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o
discurso jornalístico constrói memória). In: ORLANDI, Eni P. (org.). Discurso
fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas:
Pontes, 1993.
- MARTIN FUGIER, Anne. Os ritos da vida privada burguesa. In: ARIÈS, P. e DUBY, G.
(orgs.). História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra V. 4.
São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- MOURA, Clóvis. As injustiças de clio: o negro na historiografia brasileira. Belo Horizonte:
Oficina de livros, 1990.
- NODARI, Eunice et alii. Laguna e Lages: reformulação das condutas e sociabilidades na
Primeira República. In: Revista Catarinense de História. Florianópolis: Editora
Insular, nº 3, 1995.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: Projeto História.
São Paulo: PUC, nº 10, dez/1993.
- PEDRO, Joana Maria. As transformações do comércio através do Porto de Itajaí. In: Revista
Hélade. Itajaí: Gráfica Difusora/FEPEVI, nº 5, dez/1981.
- et alii. Negro em terra de branco: escravidão e preconceito em Santa
Catarina no século XIX. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

- Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe.
 Florianópolis: Editora da UFSC, 1994.
- PERROT, Michelle. O nó e o ninho. In: Veja: Reflexões para o futuro. São Paulo: Editora Abril, 1993.
- (org.). Introdução. História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy (coord.). O espetáculo da rua. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Prefeitura Municipal, 1992.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: Estudos Históricos-3: Memória. Rio de Janeiro, v. 2, nº 3, 1989.
- RAGO, Margareth. Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- REIS, Maria Cândida Delgado. Tessitura de destinos: mulher e educação. São Paulo, 1910/20/30. São Paulo: EDUC, 1993
- SAMARA, Eni de Mesquita. As mulheres, o poder e a família: São Paulo, século XIX. São Paulo: Marco Zero, 1989.
- SCHMITZ, Sérgio. O sonho acabou: o caso INCO. Florianópolis: UFSC, 1993. Trabalho apresentado para concurso de Titular em História Econômica.
- SCHWARTZ, Gilson. Sociedade de redes. In: Caderno Mais, Folha de São Paulo, 19/11/95.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: Educação e Realidade. Porto Alegre, 16(2):5-22, jul/dez., 1990.
- SEGUNDO, Jorge. 20 anos de misses. In: Revista Manchete, nº 16, 18/04/73.
- SENNETT, Richard. O declínio do homem público: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SEVCENKO, Nicolau. Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SEYFERT, Giralda. Identidade étnica, assimilação e cidadania: a imigração alemã e o Estado Brasileiro. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 26, ano 9, out/1994.
- SILVA, Alice Inês de Oliveira. Abelhinhas numa diligente colméia: domesticidade e imaginário feminino na década de cinquenta. In: COSTA, A. e BRUSHINI, C.

- Rebeldia e submissão: estudos sobre a condição feminina. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Vértice, 1989.
- STONE, Lawrence. O ressurgimento da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história. In: Revista de História, Campinas: UNICAMP, 1991.
- THOMPSON, Edward. A formação da classe operária inglesa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- Miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1981.
- TOURAINÉ, Alain. A longa crise do liberalismo. In: Caderno Mais, Folha de São Paulo, 21/01/96.
- VELHO, Gilberto. Família e subjetividade. In: ALMEIDA, Ângela M. de et alii. Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/UFRJ, 1987.
- VERÍSSIMO, Érico. O retrato. 2a edição. Porto Alegre: Editora Globo, 1963.
- VEYNE, Paul. Como se escreve a história. 2a edição. Brasília: EDUNB, 1982.

ANEXOS

ANEXO 1: Panfleto de apresentação no Teatro Guarani, Itajaí - 26/11/1929

THEATRO GUARANY

Terça-feira, 26 de Novembro de 1929
A's 8 1/2 horas da noite em ponto

O BLOCO DOS VINTE,

attendendo a inumeros e insistentes pedidos, resolveu re-
prisar o spectaculo com que se apresentou á distincta platéa
itajahyense, aproveitando o ensejo para hypothecar toda a
sua grafidão pelos applausos que lhe foram dispensados em
sua «premiére».

Participa, tambem, que a convite, o Sr. MARCOS KONDER,
m. d. Prefeito Municipal, discorrerá sobre o 1º. CENTENARIO DA
COLONISAÇÃO ALLEMA, conferencia esta que alcançou excep-
cional successo por occasião do festival commemorativo,
realizado no dia 16 do corrente no Theatro ALVARO DE CAR-
VALHO, em Florianopolis. Terminará o spectaculo uma si-
gnificativa apotheose.

Outrosim, que a Srta. Leonor Brandão executará os seus
numeros de musicas não verificados na estréa do Bloco, uni-
camente por motivos de força maior.

Director-ensalador - SR. M. V. GARÇAO

1a. Parte

Raiz Milagrosa

Chistosa comedia em 1 acto e que tão boas gargalhadas ar-
rancou da platéa em sua primeira exhibição.

2a. Parte

«Jornal Fallado»

(Autor Lydio Souza)

A mais completa feijoada... jornalística. - Um milagre de graças.
- Scenarios deslumbrantes. - Guarda-roupa riquíssimo.
- Emfim, uma orgia de luzes.

A orchestra SCHEFFER, coopejando outros elementos, será regida pelo
maestro EDMUNDO CUNHA, dando o referido conjuncto, um todo de
arte ao spectaculo

PREÇOS:	Camarotos de frente	20\$000
	Camarotos lateraes	15\$000
	Cadeiras numeradas	3\$000
	Geraos	2\$000

Sempre de accordo com o que está estabelecido em seu programma so-
cial, o BLOCO DOS VINTE, dará 50 % de sua renda liquida em beneficio
do C. N. «Marcilio Dias».
Tendes, pois, uma segunda e ultima oportunidade para passardes
uma noitada de continuo riso.

Todos ao Theatro Guarany

ANEXO 2: Panfleto de apresentação no Teatro Álvaro de Carvalho, Florianópolis -

03/05/1930

HOJE
3 de Maio de 1930

Theatro Alvaro de Carvalho

HOJE
3 de Maio de 1930

A's 20,30 HORAS EM PONTO

Handwritten notes:
Fado
Esp. G. ...
Esp. ...

Grandioso espectáculo apresentado pelo
CORPO SCENICO

«BLOCO DOS XX»,

da cidade de Itajahy em homenagem do Exmo. snr. dr. Presidente do Estado e dedicado aos srs. drs. Secretários da Fazenda, do Interior e Justiça, e Prefeito da capital.

Um unico espectáculo com estonteante e luxuosa revista em 1 prologo, 2 actos, 5 quadros e 28 numero de musica

Das duas, uma...

Original de A. Z. Noronha e G. Torreis, música do maestro João Graxa, encenada pelo director Antonio Z. Noronha

Montagem riquissima Encenação modernissima

Scenarios pintados pelos scenographos Joaquim Mala e A. Z. de Noronha

Contra-regra Lucio C. Miranda
Electrecista Norberto Silva
Machinista Antonio Sanford
Caracterisador Dante Natividade
Ponto Tico Brahe Fernandes

Orchestra Paulo Scheeffor, sob a competente regencia do maestro Edmundo Cunha

PROGRAMMA

1a. PARTE

PROLOGO

2a. PARTE

Numa Pensão

Coro inicial Personagens: Todos os amadores

Hospede Sady Magalhães
Criada Sta. Genny Fôes
Oarçom Antonio Z. de Noronha
D. Getrudes (dona da pensão) sta. Joanna Bornhausen
Chaufeur Antonio Andrade
Zé Maria Lydio P. de Souza
Carregador Gabriel Collares
Lavadeira Sta. Ondina Z. de Noronha
Eugommadeira Sta. Anna Lise Amaral
Champagne Sta. Leonor Santos
Fernet Abdou Fôes
Cerveja Sta. Hemir Reis
Canninha Sta. Ondina Z. Noronha

2: QUADRO

O MAR AO CAHIR DA TARDE

Canto da sereia pela sra. ANNA LISE AMARAL

PREÇOS: Frizas 30\$000, Cadeiras \$500, Geral 2\$000

UM UNICO ESPECTACULO

2: ACTO

BAILADO DAS FLORES

Rosa Sta. Genny Fôes
Amor Perfeito Sta. Leonor Santos
Cravo Sta. Catharina Santos
Lyrio Sta. Joanna Bornhausen
Margarida Sta. Anna Lise Amaral

4: QUADRO

Ao raiar da alvorada

Alvorada Sta. Hemir Reis

5: QUADRO

Trecho da Praça Vidal Ramos

Estivadores Abdou Fôes, Antonio Andrade, Erico Scheeffor, Paulo Bayer, Aloisio Reis e Benno Seára
Castão Gabriel Collares
Anacleto Antonio Z. Noronha
Níxia Paulo Malburg
Ceroni Erico Scheeffor
Pato Abdou Fôes
Palo Benno Seára
Dor Gabriel Collares
Xica Sta. Jandy Mascarenhas
Micoa Sta. Hemir Reis
Z. Maria Lydio P. de Souza
Almadinha Sady Magalhães
Moss Stas. Anna Lise Amaral, Genny Fôes, Catharina Santos, Joanna Bornhausen e Leonor Santos
Caiba Antonio Z. de Noronha
Fol Sta. Genny Fôes
Somilhas Stas. Leonor Santos, Joanna Bornhausen e Catharina Santos
Fado Antonio Andrade
Modin Sta. Anna Lise Amaral
Chamita Sta. Genny Fôes

ANEXO 3: Estatutos do Bloco dos XX (1930)

Edmundo Heusi, Official do Registro Especial de Títulos e Documentos da Comarca de Itajahy, Estado de Santa Catharina, etc.
Faço saber a quem interessar possa, que me foram apresentadas para serem registradas, os estatutos do «Bloco dos XX», para os efeitos da Lei numero 973, de 2 de Janeiro e o Regulamento aprovado pelo Decreto numero 775, de 16 de Fevereiro de 1903, teor seguinte:

Estatutos do «Bloco dos XX»

CAPITULO 1º

Da Sociedade e seus fins

Art. 1º.—Aos 2 dias do mez de Agosto de 1929, nesta cidade de Itajahy, Estado de Santa Catharina, foi fundada, por um grupo de moços bem intencionados, uma sociedade denominada «Bloco dos XX», de duração illimitada.

Art. 2º.—A Sociedade tem por objectivo a organização de festas caracterisadamente sociaes como sejam: bailes, chás-dansantes, hora de arte, excursões, convescotes, etc. e bem assim a realização de espectaculos theatraes.

CAPITULO 2º

Da admissão e eliminação dos socios

Art. 3º.—Só poderão fazer parte desta Sociedade as pessoas de reconhecida idoneidade moral.

Unico—A Sociedade compor-se-á de socios contribuintes.

Art. 4º.—Perderão as regalias sociaes: a) os socios que em motivo injustificado deixaram de pagar as suas contribuições durante dois mezes consecutivos; b) os que entorpeceram a boa marcha da Sociedade, praticando actos contrarios aos seus fins.

Unico—Compete á Directoria notificar ao associado incurso em uma das penalidades acima, cabendo a este, o direito de recurso á Assembléa geral.

CAPITULO 3º

Das contribuições

Art. 5º.—Os socios fundadores ficarão isentos da joia e contribuíram mensalmente com a importancia de rs. 5\$000 durante o primeiro anno e os admittidos de accordo com o artigo 3º, pagarão a joia de 10\$000 e contribuição mensal de 3\$000, podendo estes dispositivos serem alterados em Assembléa geral.

CAPITULO 4º

Das deveres e direitos dos socios

Art. 6º.—São deveres dos socios:

Unico—Ser solidario em todas questões de interesse commum e com as decisões tomadas nas assembléas geraes e directamente observando as disposições destes estatutos.

Art. 7º.—São direitos dos socios:

- tomar parte em todas as assembléas;
- votar e ser votado para os cargos electivos da Sociedade;
- quando seja apresentado para alguma commissão não poderá recusar, sem motivos justificados;
- apresentar propostas e discussões;
- solicitar da Directoria a convocação de assembléas geraes, quando se tornarem necessarias aos interesses da Sociedade, declarando os fins das mesmas e assignando o pedido vinte socios quites.

Art. 8º.—As assembléas de que trata a alinea (e) deste artigo, serão convocadas com o praso minimo de 24 horas, ficando nullo o requerimento caso não compareceram 10 dos requerentes.

CAPITULO 5º

Da administração

Art. 8º.—A Directoria terá gestão até o dia 31 de Dezembro de cada anno, obrigando-se a festejar a data da fundação desta Sociedade, e será composta de cinco membros, incumbida de administrar a Sociedade.

Unico—Entre os cinco membros que compõe a Directoria, deve constar dois socios fundadores.

Art. 9º.—A Directoria constará de um Presidente, um vice-Presidente, 1. Secretario, um Thesoureiro e um Orador Official.

1º.—Ao Presidente compete:

Representar a Sociedade em todos os casos, observadas as prescripções legais podendo sempre que julgar necessario, convocar sessões e presidil-as, tendo direito de voto no caso de empate, cabendo o voto de desempate. Assiste ainda direito ao Presidente de verificar o movimento da caixa em qualquer epoca devendo o Thesoureiro prestar contas, desde que o mesmo exija.

2º.—Ao vice-Presidente compete:

Substituir o Presidente em todos os seus impedimentos ou no caso de renuncia.

3º.—Ao Secretario compete:

Secretariar todas as reuniões e redigir as respectivas actas, auxiliar e substituir o vice-Presidente.

4º.—Ao Thesoureiro compete:

Despachar todo o serviço relativo a Thesouraria, depositar em conta-corrente ou em estabelecimento de credito, designado por Assembléa geral, os valores da Sociedade, não podendo conservar congo quantia superior a 300\$000 (trezentos mil reis), organizando anualmente um circunstanciado relatório de sua gestão, o qual será apresentado na assembléa geral que eleger a nova Directoria.

5º.—Ao Orador Official compete:

Representar a Sociedade em todos os actos festivos para os quaes a mesma for convidada.

Art. 10º.—O Thesoureiro é o responsavel directo pelos valores confiados á sua guarda, cabendo-lhe inteira responsabilidade, não podendo pagar nenhuma conta, sem o competente «pague-se» do Presidente.

Art. 11º.—A Directoria reunir-se-á ordinariamente uma vez por mez, e extraordinariamente sempre que assim exigirem os interesses sociaes.

CAPITULO 6º

Das Assembléas geraes

Art. 12º.—A Assembléa geral é o unico órgão soberano da Sociedade: Todas as iniciativas de natureza collectiva, não poderão effectuar-se sem a sua sancção, devendo a Directoria provocar o seu pronunciamento, em todas as manifestações da vida associativa, para que os socios possam participar directa e effectivamente dos destinos da Sociedade.

Art. 13º.—Nos casos de natureza urgente e inadivél, a Directoria poderá agir, não podendo assignar documento ou contracto, sem previa autorização da Assembléa.

Art. 14º.—A Sociedade reunir-se-á em assembléas geraes ordinarias, quatro vezes por anno e extraordinarias quando requeridas de accordo com a alinea (e) do artigo 7º.

CAPITULO 7º

Das eleições

Art. 15º.—As eleições effectuar-se-ão anualmente de accordo com o artigo 8º, não podendo votar e nem ser votados os socios que não estiverem quites com a Sociedade.

1º.—No caso de empate nas eleições, será empossado o candidato mais antigo como socio.

2º.—O voto será secreto e obrigatorio para os associados presentes.

3º.—Caso algum director renuncie o cargo antes ou depois da posse, haverá novas eleições para preechimento do cargo.

CAPITULO 8º

Das disposições geraes

Art. 16º.—O socio que por palavras ou actos promover o descredito da Sociedade, será eliminado do quadro social, correndo todo o processo em discussão ampla, em Assembléa Geral, unico órgão capaz de resolver esses casos.

Art. 17º.—Perante terceiro e em julzo a Sociedade será representada pelo Presidente.

Art. 18º.—A Sociedade não poderá ser dissolvida, enquanto houver vinte associados que a queiram manter com os mesmos fins.

Art. 19º.—Caso a Sociedade se dissolva, o seu espolio será entregue de accordo com a deliberação da Assembléa para esse fim convocada.

Art. 20º.—Os casos não previstos nestes estatutos serão resolvidos pela Assembléa geral.

Art. 21º.—Estes Estatutos terão o seu complementp no Regulamento Interno e só poderão ser reformados por decisão de uma assembléa geral extraordinaria especialmente convocada para esse fim, não attingindo porem qualquer reforma os fins essenciaes da Sociedade.

Os presentes Estatutos foram aprovados em Assembléa Geral, realizada em 5 de Janeiro do anno de 1930.

A DIRECTORIA

Presidente, Abdou Fôes

Vice, Lucio Miranda

Secretario, Antonio Andrade

Thesoureiro, Erico Scheffer

Orador official, Dr. Agenor Lopes Oliveira

Nada mais continúa nos ditos e mencionados estatutos que me foram apresentados, dos quaes fielmente extrahi a presente copia que vai ser publicada pela imprensa.

Eu, Edmundo Heusi Official do Registro Especial de Títulos e Documentos, o escrevi á machina e assigno.

Itajahy, 14 de Janeiro de 1930

Edmundo Heusi

ANEXO 4: Estatutos do Bloco dos XX (1946)

ESTATUTOS DO

"Bloco dos XX"

Fundada em 2-8-1929

ITAJAÍ — SANTA CATARINA

Arnaldo Heusi, Oficial do Registro de Títulos e Documentos do Município e Comarca de Itajai, Estado de Santa Catarina, na forma da lei, etc...

Certifico que, pelo sr. Alberto Bernardes, Presidente da Sociedade «Bloco dos XX», me foram apresentados os Estatutos da mesma Sociedade, fundada em 2-8-1929, nesta cidade, para serem os mesmos registrados, os quais vão abaixo transcritos:-

CAPÍTULO I

Da Sociedade e seus fins

Art. 1º)—O «Bloco dos XX», fundado nesta cidade de Itajaí, Estado de Santa Catarina, aos dois dias do mês de agosto do ano de mil novecentos e vinte e nove, por um grupo de vinte moços solteiros é uma sociedade civil recreativa, de duração ilimitada.

§ 1º)—A Sociedade terá por foro e sede a cidade de Itajaí.

§ 2º)—O quadro social compôr-se-á de número ilimitado de sócios, respeitadas os Capítulos II, III, IV e VII, sem distinção de nacionalidade, política e religião.

Art. 2º)—A Sociedade tem por fim:

Item 1º)—Promover e organizar bailes, noites e tardes dançantes para recreio de seus associados.

Item 2º)—Realizar excursões e convescotes, encenar peças teatrais e outros recreios.

Item 3º)—Promover e permitir na sede social, a realização de conferências sobre assuntos sociais, económicos, financeiros e literários.

Art. 3º)—A Sociedade não poderá ser dissolvida enquanto houver mais de dez (10) associados solteiros, pertencentes à Classe A, que a queiram manter com os mesmos fins.

CAPÍTULO II

Da constituição do quadro social

Art. 4º)—O quadro social será composto de duas classes distintas de associados, sendo;

a)—Classe A.

b)—Classe B.

CAPÍTULO III

Da classe — A

Art. 5º)—A Classe A da Sociedade será composta de vinte (20) sócios solteiros. § único—Os direitos dos componentes da Classe A, são idênticos, respeitadas as atribuições dos que forem eleitos para compor a Diretoria.

CAPÍTULO IV

Da admissão á classe A

Art. 6º)—Para integrar a Classe A, o candidato deve:

a)—Ser do sexo masculino

b)—Ser solteiro

c)—Ser maior de 18 anos

d)—Ser associado da Classe B

e)—Ser inscrito, regularmente, como candidato por um membro da Classe A, à vaga existente.

§ único—A inscrição de que trata a letra e deste artigo, poderá ser feita em qualquer época, desde que o candidato satisfaça as exigências de que tratam as letras a, b, c e d.

Art. 7º)—O preenchimento das vagas existentes na Classe A, será processado do seguinte modo:

Item 1º)—Constata a vaga, compete ao Presidente convocar uma Assembleia Geral no sentido de se eleger um candidato.

Item 2º)—Peio livro de inscrição, no caso de haver mais de dois candidatos, o Presidente submeterá os pretendentes á uma eleição eliminatória, que se dará por escrutínio secreto, cabendo ao primeiro e segundo colocados o direito de competir á vaga existente.

Item 3º)—Os nomes desses dois candidatos serão sufragados também em escrutínio secreto, cabendo ao que tiver maior numero de votos o direito de fazer parte da Classe A, desde que esse numero de votos represente a vontade da maioria dos Associados presentes á Assembleia.

Item 4º)—A todos os componentes da Classe A será facultado o direito de votar em branco, desde que o candidato ou candidatos não lhe satisfaçam as exigências. Referidos votos serão levados em consideração e anulam a eleição no caso de o candidato não conseguir os votos da maioria da Assembleia.

Item 5º)—Nestas eleições, em caso de empate, será empossado o candidato mais idoso.

Item 6º)—Cada eleição servirá, tão sómente, para o preenchimento de uma vaga.

Art. 8º)—Aprovada a eleição, cumpre ao Secretário expedir um ofício ao candidato eleito, cientificando-o do ocorrido.

§ único—Somente depois da posse, que será solene, passará o novo sócio a gozar de todas as regalias conferidas á Classe A.

CAPÍTULO V

Dos deveres e direitos da classe A

Art. 9º)—São deveres da classe A:

a)—Respeitar e fazer respeitar estes estatutos, zelando pela sua fiel execução.

b)—Pagar com pontualidade as mensalidades fixadas.

c)—Aceitar, salvo em caso de impedimento amplamente comprovado, os cargos para os quais os associados tenham sido eleitos, desempenhando com carinho as atribuições que lhe tenham sido confiadas.

d)—Prestar assistência e decidido apoio á Diretoria em todas as questões de interesse comum, respeitando a maioria de votos.

e)—Comparacer á todas as Assembleias Gerais.

f)—Tomar parte em todas as reuniões promovidas pela Sociedade.

Art. 10º)—São direitos da Classe A:

a)—Votar e ser votado.

b)—Tomar parte, propor e discutir em Assembleias Gerais o que julgar conveniente aos interesses da Sociedade, respeitada a Ordem do Dia.

c)—Requerer Assembleias Gerais, mediante requerimento onóe constem mais de dez assinaturas de sócios da mesma Classe.

d)—Usar o distintivo da Sociedade, bem como todos aqueles que já tiverem pertencido á Classe A e desde que ainda sejam sócios do Bloco.

§ único—Além dos direitos citados neste artigo os sócios da Classe A gozarão de todos os que são conferidos á Classe B.

CAPÍTULO VI

Do afastamento da classe A e penalidades

Art. 11º)—Perderão o direito de pertencer á Classe A:

Item 1º)—Os sócios que contraírem núpcias.

Item 2º)—Os que se ausentarem desta cidade, por mais de 60 dias, salvo licença especial que será da competência da Assembleia Geral.

Art. 12º)—Os sócios incursos no item 1º do artigo anterior, passarão compulsoriamente para o quadro social da classe B, gosando dos direitos atribuídos ao mesmo.

Art. 13º)—Os sócios afastados por força das exigências do item 2º do art. 11, poderão ser readmitidos á Classe A, desde que satisfaçam todas as exigências constantes do Capítulo IV.

Art. 14º)—São as seguintes, as penalidades da Classe A:

a)—Admoestação verbal.

b)—Admoestação por escrito.

c)—Eliminação.

§ único—Será admoestado verbalmente ou por escrito o sócio da Classe A que promover desordens ou insultar quaisquer pessoas no recinto da Sociedade, podendo resultar dessa atitude, conforme a gravidade do caso, a pena de eliminação.

Art. 15º)—As penas de que tratam as letras a e b do art. 14º serão impostas pela Diretoria e a da alínea c será da competência da Assembleia Geral convocada para discutir o assunto, prevalecendo a vontade da maioria, em votação secreta.

CAPÍTULO VII

Da classe B

Art. 16º)—O quadro de sócios de que se compõe a classe B do artigo 4º terá as seguintes categorias:

a)—Contribuintes.

b)—Remidos.

c)—Beneméritos.

d)—Honorários.

e)—Correspondentes.

Item 1º)—São contribuintes os que pagarem a jóia fixada e mensalidades, depois de aceitos pela Diretoria e Conselho Fiscal.

Item 2º)—Remidos es que pagarem de uma só vés, e adiantadamente, mensalidades correspondentes a vinte (20) anos.

Item 3º)—Beneméritos os que tiverem prestado relevantes serviços á Sociedade e os que a tiverem agraciado com doações que justifiquem plenamente esse título.

Item 4º)—Honorários serão as pessoas que pela sua posição de destaque tenham prestado inestimáveis serviços á Sociedade ou á cidade de Itajaí.

Item 5º)—Correspondentes os que residirem fóra do Município, depois de paga a anuidade de Cr\$ 30,00. Os sócios desta categoria, desde que tornem a residir neste município passarão á categoria de Contribuintes, sujeitos aos mesmos deveres de que trata o art. 21 e seus itens, e ás regalias do artigo 22 e seus itens.

Art. 17º)—Os títulos de que tratam os itens 3º e 4º do artigo anterior só poderão ser conferidos por Assembleia Geral.

CAPÍTULO VIII

Da admissão de sócios á classe B

Art. 19º)—Para ser sócio Contribuinte da Classe B é necessário:

a)—Ser maior de 18 anos.

- b) — Ter reconhecida idoneidade moral.
 - c) — Ser proposto por um sócio quite com a Sociedade.
- Art. 19) — As propostas de que trata a alínea c. do artigo anterior, deverão conter o nome, filiação, idade, estado civil, profissão e residência do proposto, bem como a assinatura do proponente.
- § 1) — As propostas serão entregues à Diretoria e por esta ao Conselho Fiscal, para a devida apreciação e despacho.
 - § 2) — Serão consideradas aprovadas as propostas que obtiverem a maioria de votos do Conselho Fiscal.
 - § 3) — Aprovadas as propostas o Secretário da Diretoria fará a devida comunicação aos interessados, que se deverão pronunciar dentro de 15 dias quanto ao pagamento da jóia e da primeira mensalidade, sob pena de se tornarem nulas as suas admissões.
 - § 4) — No caso do novo sócio não aceitar a sua inclusão ao quadro de sócios, o Conselho Fiscal só estudará novas propostas relativas à mesma pessoa depois de decorrido no mínimo um ano.
- Art. 20) — A Sociedade permitirá a admissão de sócios femininos, desde que sejam satisfeitas as exigências dos artigos 18.º e 19.º

CAPÍTULO IX

Dos deveres e direitos da classe B

- Art. 21) — São deveres dos sócios da Classe B:
 - item 1) — Respeitar estes estatutos e acatar as determinações dos membros da Diretoria, quando no uso de suas atribuições.
 - item 2) — Pagar, no ato da admissão, a jóia fixada e, mensalmente, com pontualidade, as mensalidades.
 - item 3) — Avisar, por escrito, à Diretoria, quando se ausentar desta cidade temporária ou definitivamente, bem como em caso de luto ou enfermidade. O não cumprimento desse dever importará na aplicação da pena de eliminação, desde que as mensalidades, por negligência do associado, se atrasem por mais de três meses.
 - item 4) — Manter no recinto social a devida polidês com as pessoas presentes, sócios ou não, bem como não usar de exclamações, gestos ou palavras que atentem aos bons princípios da educação.
 - item 5) — Não iniciar, provocar nem manter polémicas, sobre políticas, religião ou vida privada de associados ou mesmo de pessoas estranhas ao quadro social.
 - item 6) — Não divulgar quaisquer incidentes que se possam registrar no recinto da Sociedade.
- Art. 22) — São direitos da Classe B:
 - item 1) — Frequentar a Sede Social e tomar parte, com sua família, em todas as festas promovidas pela Sociedade.
 - item 2) — Apresentar propostas para admissão de novos sócios.
 - item 3) — Convidar pessoas de suas relações de amizade, acidentalmente nesta cidade, para frequentar a Sociedade, submetendo o seu convite à apreciação e aprovação da Diretoria, mediante o pagamento da taxa relativa ao ingresso especial, responsabilizando-se, ainda, pelos atos de seus convidados. Referida taxa poderá ser dispensada, a juízo da Diretoria.
 - item 4) — Apresentar queixa e reclamar, por escrito ou verbalmente, à Diretoria, sobre quaisquer irregularidades.

CAPÍTULO X

Das penalidades da classe B

- Art. 23) — Os sócios da Classe B estão sujeitos às seguintes penalidades:

- a) — Admoestação por escrito.
 - b) — Suspensão.
 - c) — Eliminação.
- § único — As penas de admoestação e suspensão serão aplicadas pela Diretoria e a de eliminação por uma Assembleia Geral.
- Art. 24) — Sofrerão a penas de admoestação: os sócios que infringirem os presentes estatutos e os que merecerem esta pena, a Juízo da Diretoria, em casos não previstos.
- Art. 25) — Sofrerão a pena de suspensão;
- Item 1) — Os sócios que re-incidirem na falta depois de admoestados.
 - Item 2) — Os que provocarem desordens no recinto da Sociedade, com gestos ou palavras, perturbando a boa ordem.
- § único — O prazo máximo para a pena de suspensão será de dois meses.
- Art. 26) — Os sócios que tenham sido suspensos não ficarão isentos do pagamento das mensalidades.
- Art. 27) — Será aplicada a pena de eliminação ao sócio que:
- Item 1) — Injustificadamente se atrasar com o pagamento de mais de três mensalidades.
 - Item 2) — Promover o descrédito da Sociedade.
 - Item 3) — Trabalhar contra os interesses da Sociedade.
 - Item 4) — Fôr condenado, pela Justiça Pública, por crime infamante.
 - Item 5) — Desacatar a Diretoria, ou seus membros, isoladamente, no desempenho de suas funções.
- Art. 28) — Os sócios eliminados com base nos itens do artigo anterior, excepto o primeiro não poderão ser re-admitidos ao quadro social antes de decorrido um ano, devendo a re-admissão, depois desse prazo, da aprovação de uma Assembleia Geral.
- § único — Os sócios eliminados por força do item 1.º do artigo 27, poderão ser re-admitidos, desde que satisficam o pagamento de nova jóia e obtinham, para tanto a aprovação do Conselho Fiscal.

CAPÍTULO XI

Da administração da sociedade

- Art. 29) — O «Bloco dos XX» será dirigido por sua Classe A e terá:
 - a) — Uma Diretoria.
 - b) — Um Conselho Fiscal.
 - Art. 30) — A Diretoria da Sociedade será constituída de um Presidente, um Vice-Presidente, um Secretário, um Tesoureiro, um Orador e um Diretor Social, eleitos por Assembleia Geral.
- § único — Poderão ser re-eleitos os membros da Diretoria.
- Art. 31) — São atribuições da Diretoria.
- item 1) — Gerir os destinos da Sociedade e administrar o seu património.
 - item 2) — Cumprir e fazer cumprir as disposições dos presentes estatutos, bem como as deliberações das Assembleias Gerais.
 - item 3) — Encaminhar as propostas ao Conselho Fiscal, para julgamento.
 - item 4) — Fazer cumprir e alterar os Regimentos-Internos atinentes às diversas secções da Sociedade.
 - item 5) — Decidir, com a mais absoluta imparcialidade, sobre os casos omisos nestes Estatutos, submetendo as suas decisões à apreciação da primeira Assembleia Geral.
 - item 6) — Dispensar do pagamento de mensalidades os sócios licenciados.
 - item 7) — Normear as Comissões que tenham de intervir em assuntos de interesse da Sociedade.
 - item 8) — Admitir e despedir empregados.

- item 9)---Exigir, periodicamente, prestação de contas do Tesoureiro.
 item 10)---Organizar o Regimento-Interno, submetendo-o à apreciação e julgamento a Assembléa Geral.
 item 11)---Nomear os sócios Correspondentes, ouvido o Conselho Fiscal.
 item 12)---Levar ao conhecimento da Assembléa Geral os serviços que os sócios ou pessoas estranhas tenham prestado à Sociedade, para os devidos fins.
 item 13)---Dar posse à Diretoria eleita para succedê-la.
 item 14)---Tomar conhecimento das queixas e representação apresentadas pelos associados, resolvendo-as com a mais absoluta imparcialidade, dando conhecimento de suas resoluções à Assembléa Geral.
 item 15)---Convocar Assembléas Gerais e organizar programas para festas, designando as datas e expedindo os convites.

CAPÍTULO XII

Das atribuições dos membros da diretoria

- Art. 32)---Compete ao Presidente:
 Item 1)---Convocar, abrir, presidir e encerrar as reuniões da Diretoria e Assembléas Gerais, podendo adiá-las, suspendê-las e prorrogá-las.
 item 2)---Assinar, com o Secretário, as cartellas Sociais, ações e demais documentos da Sociedade.
 item 3)---Assinar, as atas das sessões que presidir, o expediente relativo às deliberações nela tomadas e, com o Secretário, a correspondência epistolar.
 item 4)---Rubricar todos os livros da Sociedade.
 item 5)---Representar a sociedade em juizo ou fora dele, quando se tornar necessário, podendo constituir mandatário legal.
 item 6)---Ordenar, independentemente de autorização da Assembléa Geral, todas as despesas imprevisitas e seus pagamentos, desde que as mesmas não excedam ao valor de Cr.\$ 1.000,00 (um mil cruzeiros).
 item 7)---Assinar, com o Tesoureiro, todos os papéis e documentos que se relacionem com as despesas da Sociedade.
 item 8)---Findo o ano social, deverá convocar a Assembléa Geral que elegerá a nova Diretoria, apresentando nessa occasião um relatório circunstanciado da sua gestão, podendo lembrar providências que devam ser tomadas.
 item 9)---Ao presidente, fica conferido o voto de Minerva, ressalvados os casos da votação secreta.
 item 10)---Convocar o Conselho Superior, individualmente ou pela imprensa, quando julgar necessário, para tomar parte em Assembléas Gerais.
 Art. 33)---Não poderá ocupar a Presidência ou Vice-Presidência o sócio menor de 21 (vinte e um) anos de idade.
 Art. 34)---Compete ao Vice-Presidente:
 item 1)---Substituir o Presidente em suas faltas e impedimentos assumindo neste caso todas as suas atribuições.
 item 2)---Assumir a Presidência quando ésta estiver acéfa, procedendo, em seguida, por intermédio de uma Assembléa Geral, a eleição do Presidente, desde que a vaga em alusão se verifique no decorrer do primeiro semestre
 Art. 35)---Compete ao Secretário:
 item 1)---Substituir o Vice-Presidente nos seus impedimentos e o Presidente na ausência eventual de ambos.
 item 2)---Atender o expediente, redigir e lavrar as atas das sessões da Diretoria e Assembléas Gerais, assinando-as com o Presidente.
 item 3)---Redigir e expedir a correspondência da Sociedade, assinando-a com o Presidente.

item 4)---Ter sob sua guarda o arquivo da Sociedade e escripturar, em livro especial, o movimento de estrada e saída de sócios e ter atualizada a relação dos associados que tiverem perdido o direito de o ser.
 Art. 36)---Compete ao Tesoureiro:

- item 1)---Ter sob a sua guarda a responsabilidade todos os valores da Sociedade.
 item 2)---Arrecadar todas as contribuições, mensalidades, donativos e outros valores pertencentes à Sociedade, pelos quais ficará sendo responsável, e exigir dos cobradores a prestação de contas.
 item 3)---Efetuar todos os pagamentos, mediante o «visto» do Presidente ou seu substituto legal.
 item 4)---Escrever o livro Caixa, bem como os que se fizerem necessários ao desempenho de suas funções.
 item 5)---Apresentar, trimestralmente, um balanço da receita e despesa à Diretoria, e, no fim de sua gestão, um balanço geral à Assembléa.
 item 6)---Depositar em estabelecimentos bancários a quantia que exceder do saldo de quinhentos cruzeiros (500,00).
 item 7)---Assinar os cheques e outros documentos bancários, com o Presidente.
 item 8)---Assinar, com o Presidente, ações e demais compromissos da Sociedade.
 item 9)---Levar ao conhecimento do Presidente e Secretário os nomes dos sócios incursos no item 3º do art. 21.
 Art. 37)---Compete ao Orador:
 item 1)---Representar a Sociedade oficialmente, por delegação da Presidência nas festas de outras Associações para as quais a Sociedade tenham sido convidada.
 item 2)---Nos seus impedimentos eventuais, o orador será substituído por qualquer membro da Classe A, nomeado para tal fim, pelo Presidente.
 Art. 38)---Compete ao Diretor Social:
 item 1)---Abrir regularmente a Sociedade afim de ser frequentada pelos sócios.
 item 2)---Zelar pela manutenção da ordem e disciplina no recinto social.
 item 3)---Encarregar-se da conservação dos móveis e utensílios da Sociedade, comunicando ao Presidente, sempre que necessário, as providências que devam ser postas em prática em favor da conservação e de bom aspeto das dependências da Séde social.
 item 4)---Ter a seu cargo as responsabilidades atinentes à organização e bom andamento da discoteca pertencente à Sociedade.
 Item 5)---Nomear um membro da Classe A, não pertencente a Diretoria, para seu auxiliar, submetendo o ato à aprovação da Diretoria
 Art. 39)---A Diretoria reunir-se-á ordinariamente uma vez por mês e extraordinariamente quando assim o exigirem os interesses da Sociedade.
 Art. 40)---A Diretoria será eleita anualmente por escrutínio secreto e em reunião de Assembléa Geral que se realizará no dia 20 de dezembro de cada ano, salvo motivo de força maior.
 Art. 41)---A posse da nova Diretoria verificar-se-á nos dias 4 de janeiro de cada ano, data em que a Diretoria que finda o seu mandato deverá apresentar o seu relatório.
 Art. 42)---Somente por motivo de força maior poderão ser alteradas as datas dos dois artigos anteriores.

CAPÍTULO XIII

Do Conselho Fiscal e suas atribuições

- Art. 43)---O Conselho Fiscal compôr-se-á de três membros da Classe A, eleitos anualmente pela Assembléa Geral que eleger a Diretoria.
 § 1)---As resoluções do Conselho Fiscal serão consideradas por maioria de votos.

§ 2º)—Farão parte do Conselho Fiscal, de preferência, os sócios antigos da Classe A.

Art. 44)—Compete ao Conselho Fiscal:

- item 1º)—Dar o seu parecer ao estatuido no artigo 19, parágrafo 1º.
- item 2º)—Exigir o fiel cumprimento destes estatutos e demais disposições regulamentares e fiscalizar, com a mais perfeita isenção de ânimo, o quadro social do Bloco dos XX.
- item 3º)—Examinar atentamente as contas da Diretoria e relatórios, dando seu parecer sobre a sua aprovação à Assembleia Geral.
- item 4º)—Analisar a escrita geral, conferindo-a com a documentação existente para o que tudo será facilitado pela Tesouraria.

CAPÍTULO XIV

Do Conselho Superior e suas atribuições

Art. 45)—O Conselho Superior será composto pelos ex-Presidentes da Sociedade, e reger-se-á pelo principio da maneira de votos dos conselheiros presentes ás reuniões.

Art. 46)—São deveres do Conselho Superior:

- 1º)—Prestar assistência e orientação à Diretoria, quando sollicitadas.
- 2º)—Não permitir a dissolução da Sociedade.
- 3º)—Tomar parte em Assembleias Gerais desde que convidado.
- 4º)—Assumir a direção da Sociedade quando o número de associados da Classe A estiver reduzido a número inferior a dez, ou qualquer outro motivo o seu juizo julgado grave, sendo-lhe conferido, neste caso todas as atribuições dos Capitulos XI, XII e XIII dos presentes Estatutos.
- 5º)—Zelar pelo fiel cumprimento destes Estatutos.

Art. 47)—Julgada atafada a anormalidade, o Conselho Superior elegerá uma Diretoria composta de elementos da Classe A que terá mandato até a época prevista para a realização de eleição da Diretoria.

§ único —O Conselho, verificando-se a hipótese prevista pelo item 4º, do art. 46, elegerá a sua Diretoria, composta de 1 Presidente, um Secretário e um Tesoureiro.

CAPÍTULO XV

Das Assembleias Gerais

Art. 48)—As Assembleias serão constituídas pelos membros da Classe A, na forma dos presentes estatutos.

Art. 49)—Serão permitido o comparecimento de visitantes ás Assembleias sócios da classe B ou não, desde que convidados pela Diretoria.

Art. 50)—As Assembleias Gerais serão:

- a)—Ordinárias.
- b)—Extraordinárias.
- c)—Solenes.

Art. 51)—As Assembleias Ordinárias terão lugar anualmente nos dias 20 de dezembro e 4 de janeiro de cada ano para a eleição das Diretorias e posse das mesmas.

Art. 52)—As Assembleias Extraordinárias terão lugar todas as vezes que assim o exigirem os interesses da Sociedade ou quando se verificar a hipótese prevista pelo art. 10 letra C.

Art. 53)—As Assembleias Solenes serão realizadas tão somente, quando julgar conveniente uma Assembleia Ordinária ou Extraordinária.

Art. 54)—As Assembleias só funcionarão legalmente com mais da metade dos sócios existentes na classe A, nas primeiras e segundas convocações,

salvo a verificação da hipótese prevista no item 4º do art. 46.

Art. 55)—Não havendo número legal da primeira e segunda convocações, a Assembleia funcionará na terceira, três dias após a segunda, com qualquer número de sócios da Classe A, cabendo ao Presidente da Assembleia aplicar a pena de admoestação aos faltosos.

Art. 56)—Quando a Assembleia for convocada para reforma ou alteração de estatutos, só poderão funcionar legalmente com a presença de, pelo menos, três quartas partes dos associados ativos da classe A, e a metade do Conselho Superior.

Art. 57)—Para as Assembleias requeridas pelos sócios da Classe A, exige-se a presença de todos os signatários do requerimento.

Art. 58)—As deliberações da Assembleia serão consideradas por maioria de votos.

Art. 59)—As convocações para as Assembleias serão feitas com antecedência de, pelo menos 24 horas antes, por escrito, em cujo aviso deverá constar a Ordem do Dia.

Art. 60)—O presidente das Assembleias será o Presidente da Sociedade ou seu substituto legal ou, ainda, um membro do Conselho Superior na hipótese prevista no item 3º do art. 46.

Art. 61)—Formada a Mesa, o Presidente declarará aberta a sessão, cabendo ao Secretário, de inicio, a leitura da ata da sessão do expediente e da Ordem do Dia anterior.

Art. 62)—Compete à Assembleia Geral:

- Item 1º)—Eleger ou re-eleger a Diretoria e Conselho Fiscal.
- Item 2º)—Exigir relatório circunstanciado da Diretoria que terminou a gestão.
- Item 3º)—Demittir e suspender, total ou parcialmente, a Diretoria e Conselho Fiscal, por falta reconhecida de cumprimento ao dever, devendo, nesta ocasião, eleger os substitutos.

Item 4º)—Eleger novos membros para a classe A quando nela se verificarem vagas, respeitatos os artigos e parágrafos do capítulo IV.

Item 5º)—Proceder a eleição de novos membros da Diretoria quando nela se verificarem vagas.

Item 6º)—Aplicar as penas de que tratam estes Estatutos.

Item 7º)—Resolver, em última instancia, as queixas e representações dos sócios.

Item 8º)—Conceder demissão a qualquer membro da Diretoria ou Conselho Fiscal, quando justificadamente sollicitada.

Item 9º)—Reformar ou modificar estes estatutos, respeitado o artigo 55.

Item 10º)—Autorizar despesas superiores a Cr\$ 1.000,00 (um mil cruzeiros).

Item 11º)—Aprovar ou não os atos da Diretoria.

Item 12º)—Aclamar o Presidente de Honra, por um ano, podendo ser renovada essa deferência.

Art. 63)—Nas Assembleias só poderão fazer número, votar e ser votados, discutir e apresentar pareceres, os socios da classe A, observados os direitos que são facultados ao Conselho Superior.

CAPÍTULO XVI

Das eleições

Art. 64)—Todas as eleições de carater administrativo são da competência de uma Assembleia Geral e serão feitas por escrutinio secreto, do seguinte modo:

- a)—Chamada pelo livro de presença.
- b)—As chamadas deverão ser feitas duas vezes, por'edo vogar na segunda os que não estiverem presentes na primeira.

- d) - As cédulas poderão ser manuscritas, datilografadas ou impressas, não sendo apuradas aquelas que apresentarem nomes ilegíveis ou que permitirem confusões ou dúvidas.
- e) - Procedida a chamada os sócios depositarão as cédulas na urna, cujo total deverá corresponder ao número de sócios inscritos no livro de presença.
- f) - Cotejado o número de cédulas com o de sócios presentes o Presidente nomeará dois membros para proceder a apuração.
- g) - Serão eleitos os candidatos que obtiverem a maioria de votos.
- h) - Em caso de empate será eleito o candidato mais antigo da Classe A.
- Art. 65) - Em caso de recusa de alguns dos eleitos, será feita nova votação para os cargos vagos.
- Art. 66) - O resultado será dado pelo Presidente logo após a apuração, cabendo ao secretário, no dia imediato, fazer as devidas comunicações.
- Art. 67) - Para os cargos de Diretoria e admissão para a Classe A, é vedado o uso da aclamação, devendo, obrigatoriamente, ser feita a eleição.

CAPÍTULO XVII

Das datas das principais festas sociais

- Art. 68) - Serão consideradas datas obrigatórias de festa, salvo motivo de força maior:
- a) - Sábado de Carnaval.
 - b) - Páscoa.
 - c) - 2 de Agosto.
 - d) - 29 de Dezembro.
- Art. 69) - Dentre todas, a principal é a data de 2 de agosto, aniversário de fundação do Bloco dos XX.
- § único - Esta data poderá ser comemorada no sábado anterior ou posterior a juízo da Assembléa, conforme os interesses da Sociedade.
- Art. 70) - Para a comemoração dessa data o Bloco observará, invariavelmente, o seguinte:
- Item 1) - Será levado a efeito um baile de gala.
- Item 2) - Antes do início das danças, em sessão solene, serão inauguradas na sala nobre da Sociedade, os retratos da «Miss Bloco dos XX» do ano anterior e o do Presidente ou Presidentes nas respectivas galerias, uma vez que as fotografias destes últimos ainda não constem da mesma.
- Item 3) - Nesse baile será encerrada a eleição da «Miss Bloco dos XX» do ano em curso, às 23 1/2 horas, sendo a mesma proclamada às 24 horas, recabendo no ato uma faixa branca com os seguintes dizeres, bordados em vermelho: «Miss Bloco dos XX... (ano a que se refere)».
- Item 4) - Após esta cerimônia fará uso da palavra o orador oficial da Sociedade.
- Art. 71) - As condições exigidas para que uma senhora seja eleita «Miss Bloco dos XX», são as seguintes:
- a) - Ser sócia ou filha de sócio.
 - b) - Ser solteira.
 - c) - Estar presente no baile.
 - d) - Estar em traje de gala.
 - e) - Não ter sido ainda agraciada com esse título, em pleitos anteriores.
- Art. 72) - Cabe a Diretoria a realização das demais festas sociais, podendo a mesma convocar uma Assembléa Extraordinária, no caso de pretender levar a efeito alguma festa de maior importância.

CAPÍTULO XVIII

Dos convidados

- Art. 73) - A Sociedade é privativa de seus sócios, com exceção nos seguintes casos:
- Item 1) - No caso de algum associado desejar visitar a sede com pessoas de suas relações de amizade, em dias que não sejam de festas, com permissão do Presidente, e, desde que o número de visitas com as mesmas pessoas não exceda de duas.
- Item 2) - Em dias de festa, o sócio poderá convidar um forasteiro devendo, nesse caso, solicitar à Diretoria o respectivo ingresso que lhe será ou não concedido. Em hipótese afirmativa ficará o sócio responsável pela condução do seu apresentado, que deverá cumprir, na íntegra, todas as exigências sociais.
- Art. 74) - Os convites especiais só poderão ser fornecidos a forasteiros ou a pessoas residentes na cidade há menos de 60 dias, quando solicitados por associados.
- Art. 75) - Será punido o sócio que desrespeitar as disposições deste capítulo.

CAPÍTULO XIX

Do patrimônio social

- Art. 76) - O patrimônio do BLOCO DOS XX será ilimitado e constituído:
- a) - Dos saldos que se verificarem
 - b) - Dos donativos ou produtos de festas
 - c) - Dos móveis e utensílios pertencentes à Sociedade
 - d) - Das jóias e mensalidades dos sócios
 - e) - Dos bens imóveis que o Bloco venha a possuir.
- § único - Todos os bens móveis e imóveis serão registrados em livro especial.
- Art. 77) - O mobiliário do BLOCO não poderá sair de sua sede, por empréstimo, desde que não seja especialmente autorizado por Assembléa Geral.

CAPÍTULO XX

Das disposições gerais e finais

- Art. 78) - O sócio que se retirar espontaneamente ou o que for excluído, perderá todos os direitos sociais sem motivo de reclamações posteriores.
- Art. 79) - O ano social começa em primeiro de janeiro e termina em trinta e um de dezembro.
- Art. 80) - O BLOCO DOS XX adotará as cores vermelho e branco.
- Art. 81) - A bandeira e o distintivo do BLOCO continuarão sendo os mesmos adotados até agora.
- Art. 82) - O pavilhão social será içado nos dias de festa da Sociedade, e, a meio mastro, por três dias, quando ocorrer o falecimento de qualquer associado.
- Art. 83) - Nos dias feriados nacionais será içado o Pavilhão Nacional.
- Art. 84) - É expressamente proibido o ingresso nos bailes sociais aos menores de 14 anos.
- Art. 85) - Os convites para as festas sociais serão feitos pela imprensa local ou por impressos especiais, servindo de ingresso o talão do último mês vencido.
- Art. 86) - Em caso de dissolução da Sociedade, o Conselho superior dará ao arêvo o destino que julgar oportuno.
- Art. 87) - Estes estatutos vigorarão por tempo indeterminado, só podendo ser reformados ou alterados por Assembléa Geral para tal fim convocada e reformada.
- Art. 88) - Depois de aprovados por Assembléa Geral, estes estatutos entrarão

em vigor na data do seu registro no cartório de Registros de Títulos e Documentos e regerão os destinos do BLOCO DOS XX.

Art. 89) — Os casos omissos nestes estatutos serão resolvidos em Assembleia Geral.

Art. 90) — Ficam revogados os estatutos anteriores.

Itajaí, 4 de Novembro de 1946.

Aprovado em Assembleia Geral Extraordinária realizada em 7.11.1946.

DIRETORIA.

Alberto Bernardes, Presidente; Lucindo Pereira, Vice - Presidente; Remacio Fischer, Secretário; Osni Castilho Pereira, Tesoureiro; Jorge Fischer, Orador; Gilson Omar Amaral, Diretor-Social.

RELATORES

Remacio Fischer, Abdon Fôes, Gil T. de Miranda, Ary Garcia.

Associados presentes à Assembléia

Mario José Mueller, Osmar Canziani, Eurico Krobel, Alyrrio Campos de Alcantara, Ivo Roberto Collares, Walter Dauer, Eugenio Gonçalves e Fabio Cesarino Pereira

RECONHEÇO as firmas retiro de Alberto Bernardes, Lucindo Pereira, Remacio Fischer, Osni Cesarino Pereira, Jorge Fischer, Gilson Omar Amaral, Abdon Fôes, Gil Teodoro de Miranda, Ary Garcia, Mario José Mueller, Osmar Canziani, Eurico Krobel, Alyrrio Campos de Alcantara, Ivo Roberto Collares, Walter Dauer, Eugenio Gonçalves e Fabio Cesarino Pereira e dou fé.

Itajaí, 6 de Fevereiro de 1947.

Em test^o A. M. A. da verdade.

O Tabelião

Aldo Mario de Almeida I. Tabelião

Nada mais e nem menos continham os Estatutos, que bem e fielmente copiei em cartório, no lugar do costume e pela imprensa, no o jornal, «Jornal do Povo», que se edita nesta cidade, para serem os mesmos em seguida devidamente registrados no livro competente — O referido é verdade e dou fé. Em testemunho A. H. da verdade. Itajaí, 5 de maio de 1947.

Arnaldo Heust
P. oficial

ANEXO 5: Relação dos moços da Classe A do Bloco dos XX.

RELAÇÃO DOS MOÇOS DA CLASSE A DO BLOCO DOS XX

Dados de 1929 a 1961. Jornal do Povo e Edição Extraordinária.

(*) Nomes não repetidos. Somam 129 moços.

- 1929 - Presidente de Honra - DR AGENOR LOPES DE OLIVEIRA (*)
- Presidente - SADY MAGALHÃES (*)
- Vice - ARY MASCARENHAS (*)
- Tesoureiro - NESTOR SCHIEFFLER (*)
- Secretário - PAULO MALBURG (*)
- Orador - ABDON FÓES (*)
- ERICO JOÃO SCHEFFER (*)
- JOSÉ SIQUEIRA (*)
- ALOÍSIO REISER (*)
- ARNALDO HEUSI (*)
- EDMUNDO HEUSI JUNIOR (*)
- ANTONIO ROCHA DE ANDRADE (*)
- REMACLO SEÁRA (*)
- PAULO BAUER (*)
- SILVESTRE SCHMITT (*)
- NEMÉSIO HEUSI (*)
- JOÃO PERY BRANDÃO (*)
- LUCIO CYR DE MIRANDA (*)
- BENO SEÁRA (*)
- RUY BRANDÃO (*)
- 1930 - Presidente - ABDON FÓES
- Vice - LUCIO CYR DE MIRANDA
- Secretário - ANTONIO ROCHA DE ANDRADE
- Tesoureiro - ERICO JOÃO SCHEFFER
- Orador - DR. AGENOR LOPES DE OLIVEIRA
- PAULO BAUER
- 1931 - Presidente - ABDON FÓES
- 1937 - Presidente de Honra - ABDON FÓES
- Presidente - ARNALDO HEUSI
- Vice - CESAR PEREIRA (*)
- Secretário - GIL THEODORO DE MIRANDA (*)
- Tesoureiro - MANOEL MARQUES BRANDÃO (*)
- Orador - DR. FELIPPE B. ALENCASTRO (*)
- 1938- Presidente de Honra - ABDON FÓES

Presidente	-CESAR PEREIRA
Vice	- MANOEL MARQUES BRANDÃO
Secretário	- FÉLIX BRANDÃO SOBRINHO (*)
Tesoureiro	- FREDERICO AUGUSTO THIEME JUNIOR (*)
Orador	- DR. FELIPPE B. ALENCASTRO
1939 - Presidente de Honra	- ABDON FÓES
Presidente	- GIL THEODORO DE MIRANDA
1940 - Presidente de Honra	- ABDON FÓES
Presidente	- OSVALDO HEUSI (*)
1941- Presidente de Honra	- ABDON FÓES
Presidente	- JOSÉ LUIZ PEREIRA (*)
Vice	- GIL THEODORO DE MIRANDA
Secretário	- ARNO MÁRIO HEUSI (*)
Tesoureiro	- JOSÉ ALVES PEREIRA FILHO (*)
Diretor Social	- EMILIO GAZANICA JUNIOR (*)
Orado	- ALBERTO ALENCASTRO (*)
	ALDO MÁRIO DE ALMEIDA JUNIOR (*)
	ANIBAL PEREIRA (*)
	ARNALDO HEUSI
	ANTONIO FÓES (*)
	EUGENIO GONÇALVES (*)
	FELIX KLEIS (*)
	FRANCISCO CORBETA (*)
	GILSON OMAR AMARAL (*)
	JOSÉ BONIFÁCIO SCHMITT (*)
	JOSÉ ZIMMERMANN (*)
	LUCINDO PEREIRA (*)
	MANOEL MARQUES BRANDÃO
	OLIMPIO SILVA (*)
	OSVALDO HEUSI
1942- Presidente de Honra	- ABDON FÓES
Presidente	- DR. JOSÉ BONIFÁCIO SCHMITT
Vice	- JOSÉ JUSTINO PEREIRA (*)
Secretário	- ANTONIO FÓES
Tesoureiro	- JOSÉ ZIMMERMANN
Orador	- ARNO MÁRIO HEUSI
Diretor Social	- JOSÉ ALVES PEREIRA FILHO
Conselho Fiscal	- ALDO MÁRIO DE ALMEIDA

GIL THEODORO DE MIRANDA
ADOLFO PFEILSTICKER (*)
ALTAIR PACHECO (*)
EDUARDO CANZIANI (*)
EUGÊNIO GONÇALVES
FRANCISCO CORBETA
GILSON OMAR AMARAL
IRINEU WERNER (*)
LUCINDO PEREIRA
OLIMPIO SILVA
OSMAR NASCIMENTO (*)
OSVALDO HEUSI
WALDIR GILBERTO HEUSI (*)

1943- Presidente de Honra- ABDON FÓES

Presidente - JOSÉ ALVES PEREIRA
Vice - ALTAIR PACHECO
Secretário - LUCINDO PEREIRA
Tesoureiro - ADOLFO PFEILSTICKER
Orador - ARNO MÁRIO HEUSI
Diretor Social - EDUARDO CANZIANI

ALDO MÁRIO DE ALMEIDA
ARY GARCIA (*)
EMILIO GAZANIGA JUNIOR
GUILHERME ESNARTH ROTHBARTH (*)
GIL THEODORO DE MIRANDA
GILSON OMAR AMARAL
JOSÉ BONIFÁCIO SCHMITT
JOSÉ PEREIRA (*)
JOSÉ MÁRIO ZIMMERMANN
OLIMPIO SILVA
OSVALDO HEUSI
PAULO MENDONÇA (*)
WALDIR HEUSI

1944- Presidente de Honra - ABDON FÓES

Presidente - ARNO MÁRIO HEUSI
Vice - ARY GARCIA
Tesoureiro - ALCEBÍADES MARQUETTI (*)

Orador - REMACLO FISCHER (*)
Diretor Social - EMILIO GAZANIGA JUNIOR
Conselho Fiscal - GIL THEODORO DE MIRANDA
ARNO MÁRIO DE ALMEIDA JUNIOR
OSVALDO HEUSI
EDUARDO CANZIANI
ILTON CAMPOS (*)
NELSON PEREIRA(*)

1945- Presidente de Honra - ABDON FÓES
Presidentes - REMACLO FISCHER
- LUCINDO PEREIRA
Vice - EDUARDO CANZIANI
Secretário - GUILHERME ESNARTH ROTHBARTH
Tesoureiro - FÁBIO CESÁRIO PEREIRA (*)
Orador - WALDIR GILBERTO HEUSI
Diretor Social - ALBERTO BERNARDES (*)
Conselho Fiscal - LUCINDO PEREIRA
JORGE FISCHER (*)
WALTER DAUER (*)
ADOLFO PFLEISTICKER
ALCEBÍADES MARQUETTI
CESAR RAMOS (*)
CLEMENCEAU DO AMARAL E SILVA (*)
EMILIO GAZANIGA JUNIOR
EUGÊNIO GONÇALVES
GILSON OMAR AMARAL
LUIZ NOCETTI (*)
OSNI CESÁRIO PEREIRA (*)
OSVALDO SILVA (*)
WENDERLINO QUINTINO DOS SANTOS (*)

1946- Presidente de Honra - ABDON FÓES
Presidente - ALBERTO BERNARDES
Vice - JORGE FISCHER
Orador - EURICO KROBEL (*)

1947- Presidente de Honra - ABDON FÓES
Presidentes - ALBERTO BERNARDES
- MARCOS FRANCISCO HEUSI (*)

Vice	- FÁBIO CESÁRIO PEREIRA
Secretário	- WALTER DAUER
Tesoureiro	- ALÍRIO ALCANTARA (*)
Orador	- ARNO BERNARDES (*)
Diretor Social	- OSNI CESÁRIO PEREIRA
Conselho Fiscal	- REMACLO FISCHER LUCINDO PEREIRA OSMAR CANZIANI (*) MÁRIO JOSÉ MULLER (*) VALDIR BENEVENUTTI (*) HÉLIO MÁRIO GUERREIRO (*) NILSON MIRANDA SANTOS (*) GUILHERME ESNARTH ROTHBARTH GILSON OMAR AMARAL AUGUSTO FIOREZZANO (*) EUGÊNIO GONÇALVES SILVIO ALVES MIRANDA (*) ANTONIO WOLLINGER (*)

1948- Presidente de Honra- ABDON FÓES

Presidente	- MARCOS FANCISCO HEUSI
Vice	- ALIRIO ALCANTARA
Secretário	- SILVIO ALVES MIRANDA
Tesoureiro	- HÉLIO MÁRIO GUERREIRO
Diretor Social	- ARNO BERNARDES
Orador	- ARNO ROTHBARTH (*)
Conselho Fiscal	- ALBERTO BERNARDES LUCINDO PERIRA REMACLO FISCHER OSNI CESÁRIO PEREIRA NILSON MIRANDA SANTOS VALDIR BENEVENUTTI EUGÊNIO GONÇALVES ANTONIO WOLLINGER OSMAR CANZIANI IVO COLLARES (*) VALÉRIO ZAGUINI (*) GILSON OMAR AMARAL WALTER DAUER

FÁBIO CESÁRIO PEREIRA

1949-Presidente de Honra- ABDON FÓES

- Presidente - OSNI CESÁRIO PEREIRA

1950- Presidente de Honra -ABDON FÓES

- Presidente - OSNI CESÁRIO PEREIRA

- Secretário - JOÃO KLEIS (*)

ALVARO LOBO FILHO (*)

JOÃO RODOLFO ODEBRECHT (*)

1951- Presidente de Honra- ABDON FÓES

Presidente - FRANCISCO DE A. ZIMMERMANN (*)

Vice - CARLOS AFONSO SEÁRA (*)

Secretário - VALDEZIR B. DA SILVA (*)

Tesoureiro - VITOR JOSÉ DE CARVALHO (*)

Diretor Social -DALMO RANGEL (*)

Orador - LIO CESAR DE MACEDO (*)

Conselho Fiscal - VALDIR BENEVENUTTI

ALDO TEIXEIRA DE MELO

ZILTON ISMAEL DA CRUZ (*)

AYRTON CERCAL (*)

AGENOR KROBEL (*)

1952-Presidente de Honra- ABDON FÓES

Presidente - VALDIR BENEVENUTTI

Orador - LAURO MUSSI (*)

ELIAS KRUGER (*)

VITOR JOSÉ DE CARVALHO

ALDO TEIXEIRA DE MELO

JOSÉ REISER (*)

1953-Presidente de Honra- ABDON FÓES

Presidente - LAURO MUSSI

Orador - SEBASTIÃO REIS (*)

1954- Presidente de Honra- ABDON FÓES

Presidentes - GILSON OMAR AMARAL

- WALDEZIR B. DA SILVA

Vice - WILSON PEREIRA (*)

Tesoureiro - SEBASTIÃO REIS

Secretário - RAFAEL SANTÂNGELO (*)

Diretor Social - FERNANDO PEREIRA (*)

Orador - LIO CESAR DE MACEDO

Conselho Fiscal - HIBE ZATTAR (*)
JOÃO ARNO BAUER (*)
ALDO MÁRIO CUNHA (*)

1955-Presidente de Honra-ABDON FÓES

Presidente - SEBASTIÃO REIS
Vice - JOÃO ARNO BAUER
1 Secretário - FÉLIX FÓES (*)
2 Secretário - LEODEGÁRIO PEDRO DA SILVA (*)
Tesoureiro - AURÉLIO DUTRA (*)
Diretor Social - FERNANDO PEREIRA
Conselho Fiscal - WILSON PEREIRA
HIBE ZATTAR
WALDEZIR B. DA SILVA
INGO ALTEMBURG (*)
JOÃO PEDRO REIS (*)
JOSÉ AURECY DE SOUZA (*)
ZILTON ISMAEL DA CRUZ
LIO CESAR DE MACEDO
RAFAEL SANTÂNGELO
ABELARDO BRUNING (*)

1956-Presidente de Honra-ABDON FÓES

Presidente - FÉLIX FÓES
Vice - FERNANDO PEREIRA
Tesoureiro - AURÉLIO DUTRA
2 Tesoureiro - HIBE ZATTAR
Secretário - MAURI WERNER (*)
2 Secretário - DIRCEU NOGUEIRA (*)
Diretor Social - JOSÉ AURECY DE SOUZA
Orador - DR. PAULO MALBURG FILHO (*)
Conselho Fiscal - SEBASTIÃO REIS
WALDEZIR B. DA SILVA
JOÃO PEDRO REIS
FRANKLIN PEREIRA (*)
FRANCISCO SILVA (*)
GIL ROCHADEL (*)

1957-Presidente de Honra- ABDON FÓES

Presidente - FÉLIX FÓES
1 Secretário - GILBERTO MAES (*)

2 Secretário - DIRCEU NOGUEIRA
1 Tesoureiro - GLBERTO OLM (*)
2 Tesoureiro - GETÚLIO COSTA (*)
Orador - DR. PAULO MALBURG FILHO
Diretor Social - FRANCISCO SILVA
Conselho Fiscal - CELIO MOREIRA (*)

HIBE ZATTAR
EUGÊNIO GONÇALVES
FERNANDO PEREIRA
SEBASTIÃO REIS
JOÃO PEDRO REIS
CARLOS STRINGARI (*)

1958-Presidente de Honra-ABDON FÓES

Presidente - FRANCISCO SILVA
LEODEGÁRIO PEDRO DA SILVA
ABDON LUIZ SCHMITT (*)
RENATO THIEME (*)

1959-Presidente de Honra-ABDON FÓES

Presidentes - WALDEZIR B. DA SILVA
- MOACIR OLIVEIRA (*)

1960-Presidente de Honra-ABDON FÓES

Presidente - JULIO WILLERDING NETO (*)
Orador - VALMOR ANGIOLETTI (*)